

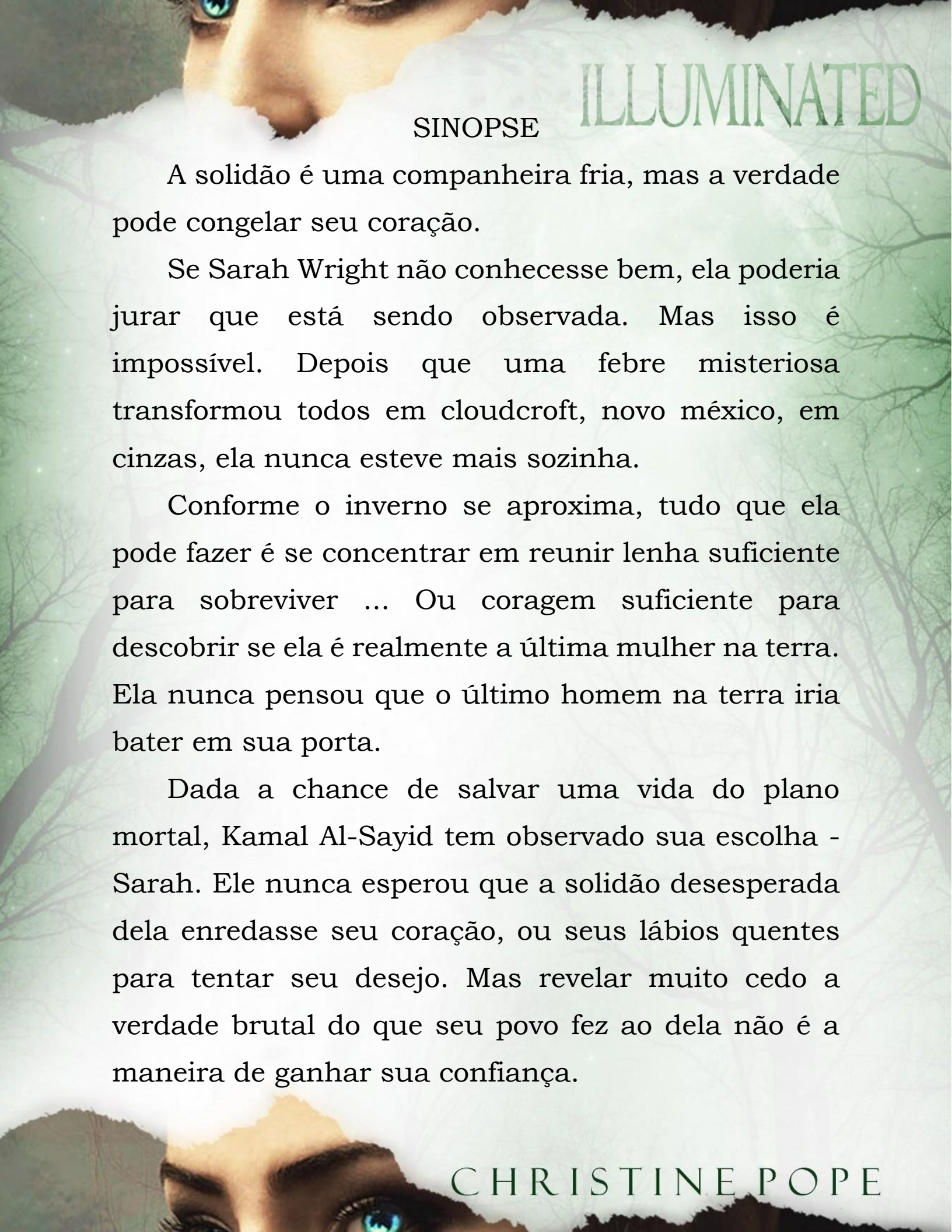
USA TODAY BESTSELLING AUTHOR
CHRISTINE POPE



ILLUMINATED

A DJINN WARS HOLIDAY NOVELLA





SINOPSE

ILLUMINATED

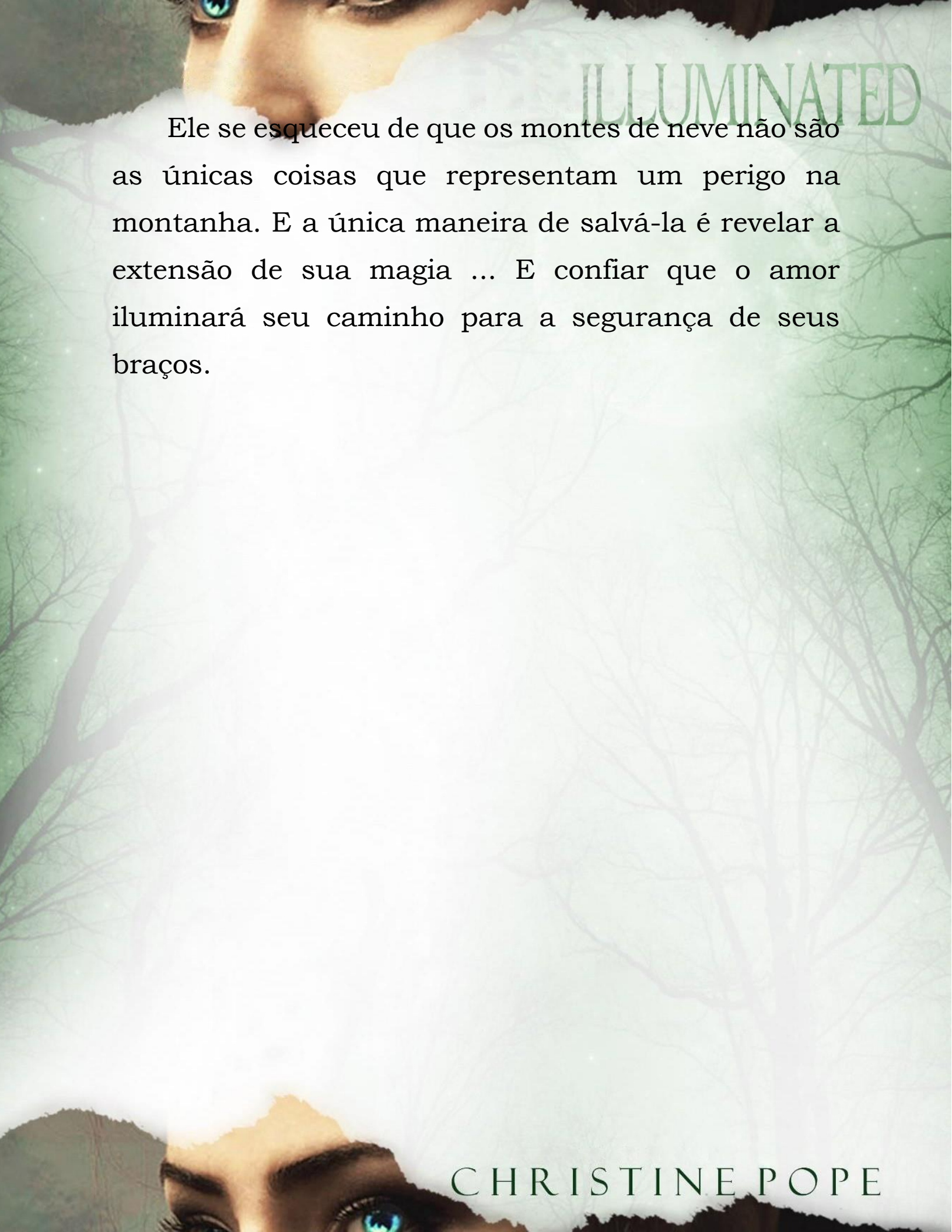
A solidão é uma companheira fria, mas a verdade pode congelar seu coração.

Se Sarah Wright não conhecesse bem, ela poderia jurar que está sendo observada. Mas isso é impossível. Depois que uma febre misteriosa transformou todos em cloudcroft, novo méxico, em cinzas, ela nunca esteve mais sozinha.

Conforme o inverno se aproxima, tudo que ela pode fazer é se concentrar em reunir lenha suficiente para sobreviver ... Ou coragem suficiente para descobrir se ela é realmente a última mulher na terra. Ela nunca pensou que o último homem na terra iria bater em sua porta.

Dada a chance de salvar uma vida do plano mortal, Kamal Al-Sayid tem observado sua escolha - Sarah. Ele nunca esperou que a solidão desesperada dela enredasse seu coração, ou seus lábios quentes para tentar seu desejo. Mas revelar muito cedo a verdade brutal do que seu povo fez ao dela não é a maneira de ganhar sua confiança.

CHRISTINE POPE



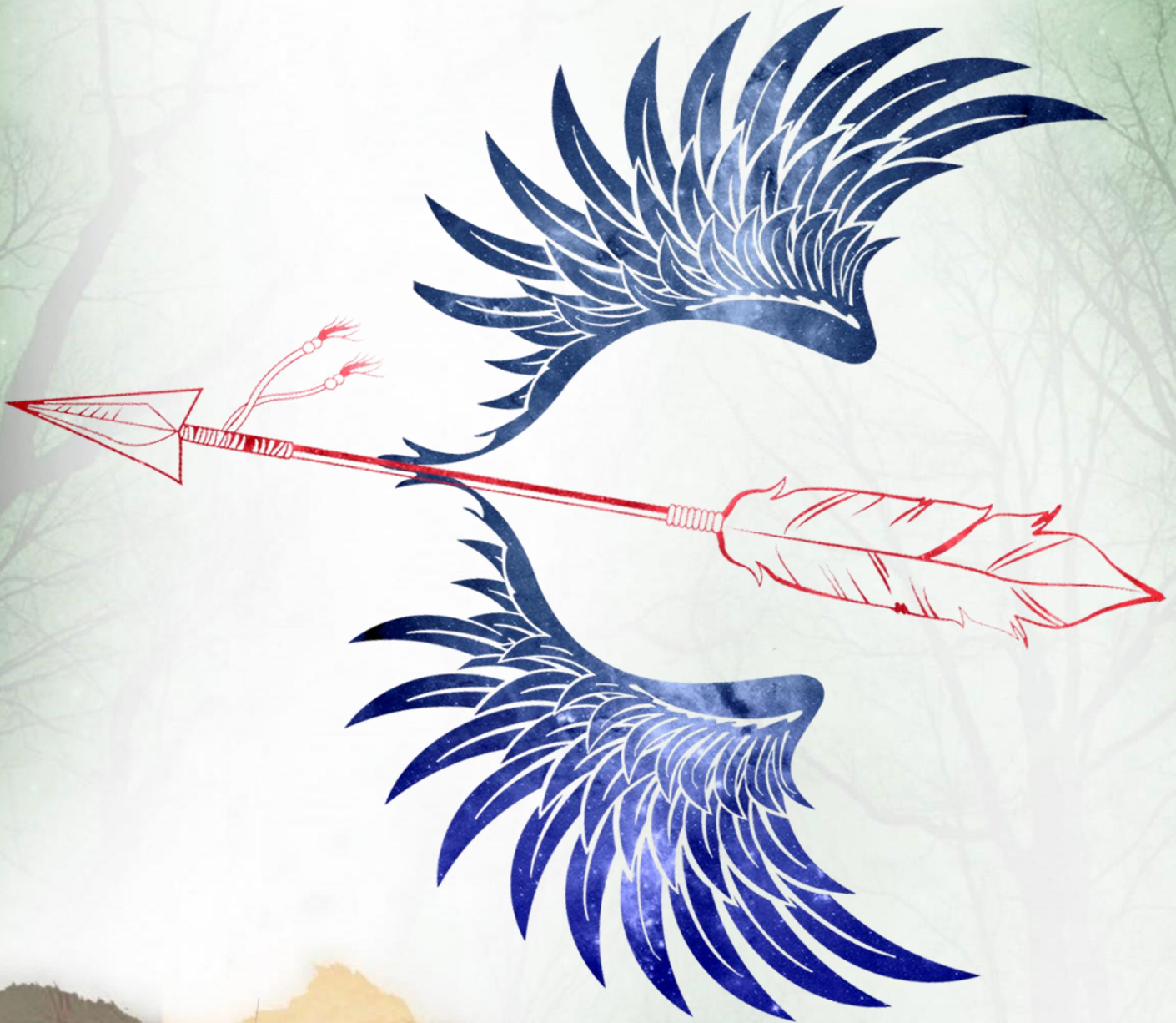
ILLUMINATED

Ele se esqueceu de que os montes de neve não são as únicas coisas que representam um perigo na montanha. E a única maneira de salvá-la é revelar a extensão de sua magia ... E confiar que o amor iluminará seu caminho para a segurança de seus braços.

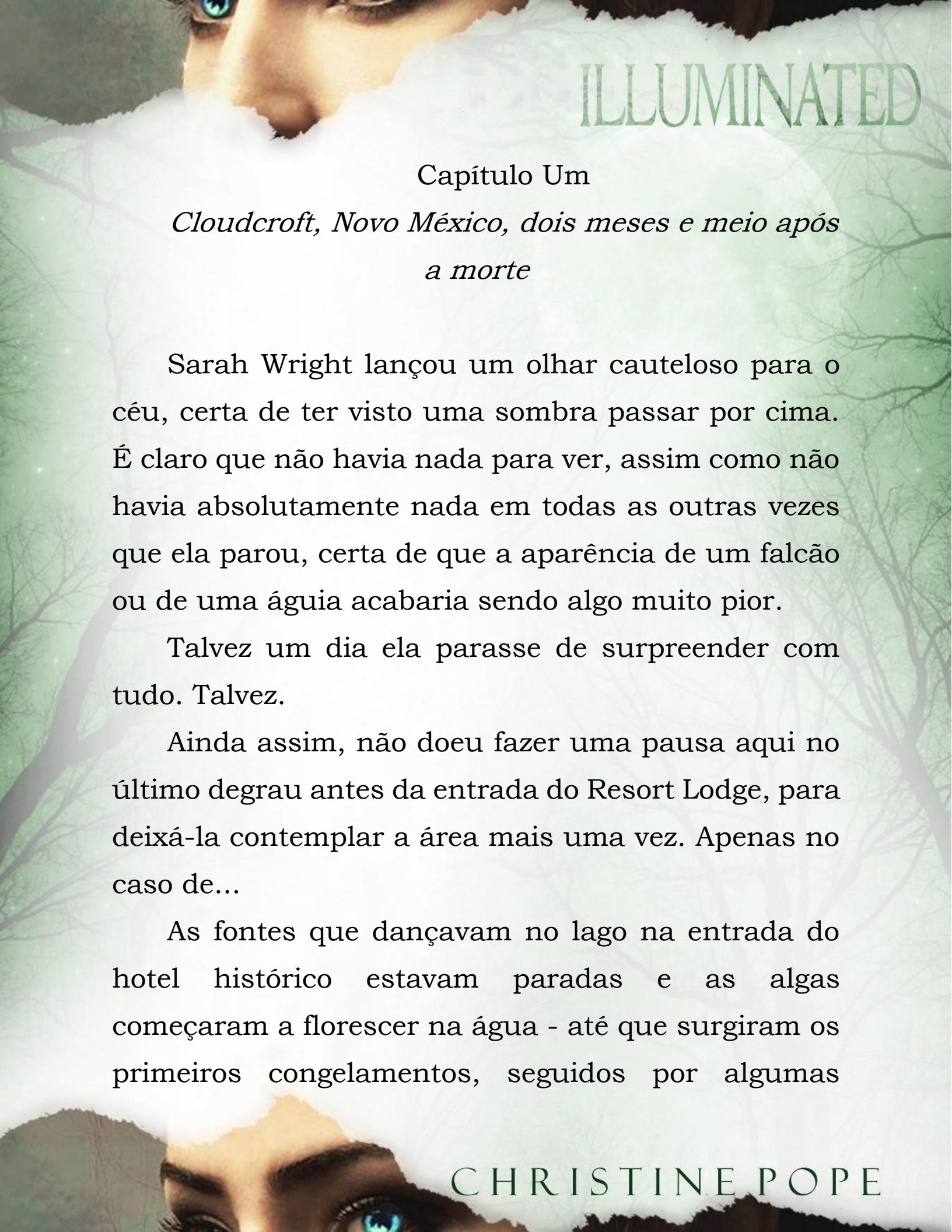
CHRISTINE POPE

ILLUMINATED

*Parceria Huntress Universe
e Darkness Angel*



CHRISTINE POPE

The background of the book cover features a close-up of a woman's face, with her eyes and nose visible at the top and bottom edges. The rest of the cover is filled with a soft, green, ethereal image of trees and foliage, creating a dreamlike atmosphere.

ILLUMINATED

Capítulo Um

*Cloudcroft, Novo México, dois meses e meio após
a morte*

Sarah Wright lançou um olhar cauteloso para o céu, certa de ter visto uma sombra passar por cima. É claro que não havia nada para ver, assim como não havia absolutamente nada em todas as outras vezes que ela parou, certa de que a aparência de um falcão ou de uma águia acabaria sendo algo muito pior.

Talvez um dia ela parasse de surpreender com tudo. Talvez.

Ainda assim, não doeu fazer uma pausa aqui no último degrau antes da entrada do Resort Lodge, para deixá-la contemplar a área mais uma vez. Apenas no caso de...

As fontes que dançavam no lago na entrada do hotel histórico estavam paradas e as algas começaram a florescer na água - até que surgiram os primeiros congelamentos, seguidos por algumas

CHRISTINE POPE

tempestades tímidas, que trouxera rajadas de neve, não o suficiente para grudar. Foi estranho; geralmente em meados de dezembro, Cloudcroft teria experimentado pelo menos algumas tempestades de neve decentes. Mas este ano a neve chegou e passou, embora o frio fosse intenso, pois as algas da lagoa já haviam desaparecido há muito tempo.

Sarah refletiu que também deveria partir, a menos que quisesse ficar presa aqui o inverno inteiro. O clima ameno não duraria para sempre. O problema era que ela não tinha ideia de onde deveria ir.

Franzindo a testa, ela entrou no prédio e passou pela recepção, pelo retrato de Rebecca, o fantasma residente do hotel. O lugar deveria estar assombrado, mas Sarah nunca tinha visto nem cabelo de Rebecca durante todo o tempo que passou aqui. Histórias de fantasmas eram boas para atrair turistas, mas se Rebecca realmente existisse, você pensaria que ela já teria aparecido. Até fantasmas podem querer alguma companhia após o fim do mundo.

O ar estava frio - fazia frio aqui no topo do mundo, a quase 1.500 pés -, mas Sarah sabia que só pegaria outro xale ou suéter se ficasse desconfortável demais. Felizmente para ela, o hotel tinha um bom suprimento de madeira em mãos praticamente o ano todo, só porque os turistas das planícies gostavam de ver um incêndio aceso no alojamento, mesmo no auge do verão. Mesmo assim, ela estava tentando tomar cuidado com a lenha, já que teria que fazê-la durar um bom tempo.

Turistas. Uma vez, eles a enlouqueceram, apesar de ter sido o comércio turístico que colocou um teto sobre sua cabeça. Entupindo a estrada estreita até aqui para Cloudcroft, congestionando seus restaurantes favoritos, parando enquanto eles olhavam para todos os pontos turísticos. Foi um alívio descer a colina até Alamogordo ou Tularosa, em algum lugar onde as ruas eram um pouco mais largas e você não sentia como se os outros estivessem pressionando de todos os lados. Agora, porém, Sarah teria recebido o mais desagradável texano que dirigia

um escalade. Pelo menos assim, ela saberia que não estava sozinha no mundo.

Ela atravessou o amplo saguão com móveis demais e uma enorme lareira, e foi até o mirante. Nos dias mais felizes, as pessoas costumavam se casar aqui. Agora, porém, o jardim e o mirante estavam vazios, o vento soprando nos pinheiros, a grama negligenciada nua e amarela. Um mês atrás, as folhas caídas cobriam o gramado, mas a maioria já havia se destacado nesse ponto. Aquelas folhas lhe disseram que o tempo estava acabando. A neve chegou cedo nessa elevação, na maioria dos anos. Ela há muito tempo superou as boas-vindas e sabia disso. Um dia, uma nevasca de verdade surgiria e ela ficaria coberta de neve, presa porque estava com muito medo de ir ver o que realmente havia acontecido com o mundo fora de Cloudcroft.

Realmente não havia nada mantendo-a aqui. Deus sabe que a cidade estava cheia de veículos abandonados cujos antigos proprietários não precisariam deles tão cedo. Tudo o que ela precisava

fazer era encontrar um com as chaves ainda nele, arrumar suas coisas, descer a montanha e... o que? Tanto quanto ela podia dizer, o mundo inteiro estava morto. Sem eletricidade. Nada na TV ou no rádio. Nem mesmo qualquer coisa no rádio amador de seu vizinho Kyle era tão orgulhoso, e que ainda ocupava o quarto apertado de sua pequena casa. Graças a Deus ele havia mostrado a ela como usá-lo, quando ela era pequena e seu pai precisava de alguém para cuidar dela. Os netos de Kyle estavam todos em Abilene, então ele ficou muito feliz em passar um tempo com Sarah, explicando pacientemente como a instalação do rádio funcionava. Ela ficou fascinada, nunca havia esquecido essas lições.

Por isso, ela sabia que não havia ninguém por aí transmitindo. Ou pelo menos, eles não estavam transmitindo nenhum sinal que ela pudesse captar. Kyle a avisara de que, com os picos das montanhas por toda parte e as correntes de ar loucas aqui em cima, os sinais de rádio nem sempre eram tão confiáveis quanto seriam nos apartamentos. Ainda

assim, depois de mais de dois meses, você pensaria que ela seria capaz de ouvir alguma coisa. Qualquer coisa. Até uma transmissão distorcida teria dito a ela que alguém estava vivo lá fora. E talvez isso tivesse sido suficiente para conter o desespero.

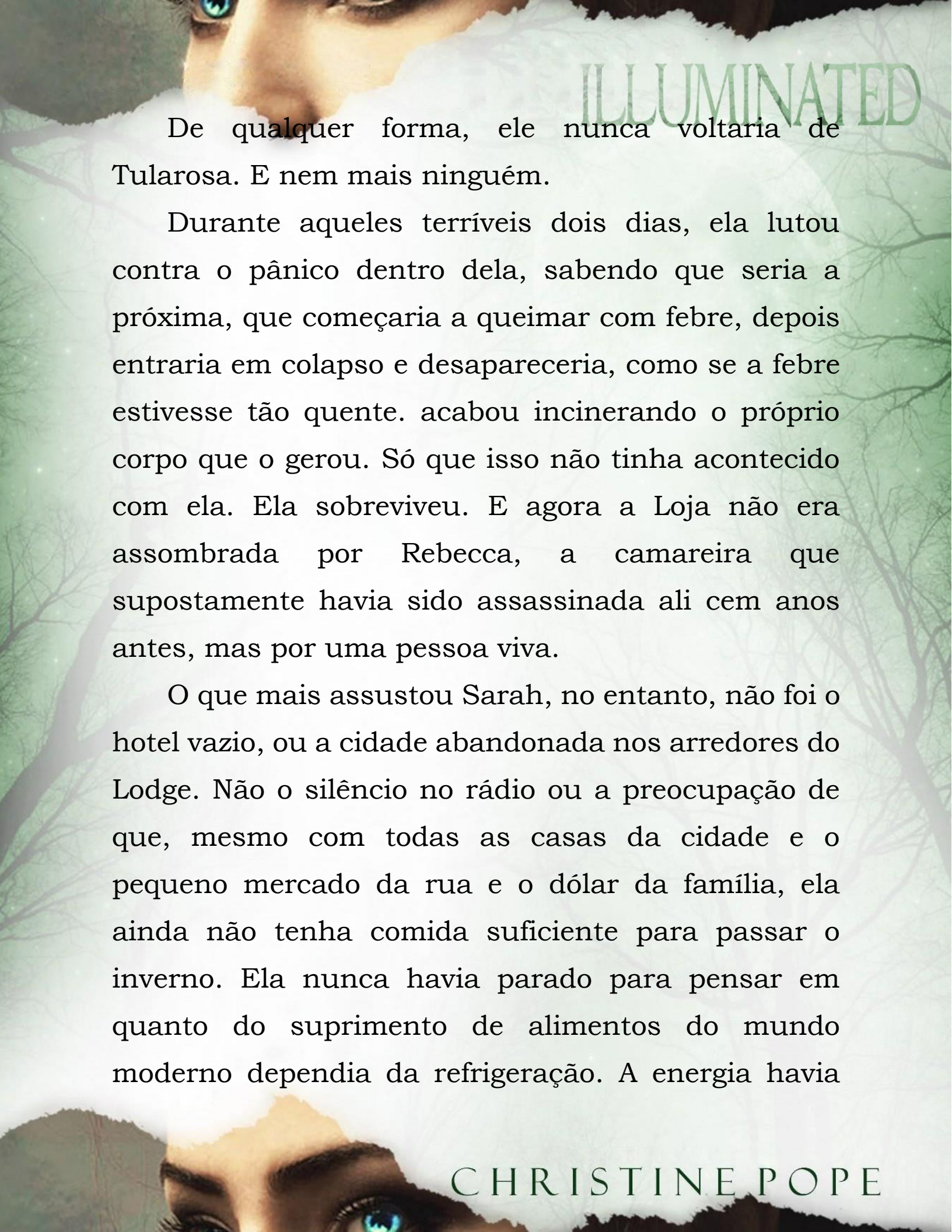
No entanto, até onde Sarah sabia, ela era a única pessoa que restava viva no mundo. Como isso aconteceu, ela não podia começar a adivinhar. Claramente, ela era imune à febre hedionda que havia reivindicado todos os outros... mas por quê? Como a maioria das pessoas que moravam em Cloudcroft, ela estava em boa forma, passara a maior parte de sua vida caminhando e escalando no verão, esquiando e patinando no inverno. Mas estar em forma não tinha salvado nenhum de seus amigos e vizinhos.

Ou, presumivelmente, o pai dela. Ele era o chef do restaurante do Lodge, tinha descido a colina em Tularosa para pegar um punhado de pistácios e nozes de alguns fazendeiros locais. Naquela época, havia relatos dispersos de uma doença estranha atingindo as grandes cidades, mas nada para causar muito

alarme. Sarah imaginou agora que alguns desses relatórios deveriam ter sido suprimidos para evitar o pânico generalizado, porque tudo aconteceu muito rápido. Algumas horas após o pai sair, os convidados começaram a chorar enquanto tomavam o café da manhã, ou no campo de golfe, ou a caminho do check-out mais cedo, porque de repente não estavam se sentindo bem. Eles queimavam com febre como nada que ela já tinha visto antes.

E então... e então seus corpos se transformaram em cinzas, e eles se foram.

Ela estava trabalhando na recepção porque não sabia mais o que fazer consigo mesma. Dois anos de faculdade comunitária concluída, mas não há dinheiro suficiente para terminar sua graduação na Universidade do Novo México, em Albuquerque. Além disso, ir para a escola significaria deixar o pai sozinho e ela não queria abandoná-lo. Não quando eram apenas os dois, e tinha sido durante a maior parte de sua vida.



De qualquer forma, ele nunca voltaria de Tularosa. E nem mais ninguém.

Durante aqueles terríveis dois dias, ela lutou contra o pânico dentro dela, sabendo que seria a próxima, que começaria a queimar com febre, depois entraria em colapso e desapareceria, como se a febre estivesse tão quente. acabou incinerando o próprio corpo que o gerou. Só que isso não tinha acontecido com ela. Ela sobreviveu. E agora a Loja não era assombrada por Rebecca, a camareira que supostamente havia sido assassinada ali cem anos antes, mas por uma pessoa viva.

O que mais assustou Sarah, no entanto, não foi o hotel vazio, ou a cidade abandonada nos arredores do Lodge. Não o silêncio no rádio ou a preocupação de que, mesmo com todas as casas da cidade e o pequeno mercado da rua e o dólar da família, ela ainda não tenha comida suficiente para passar o inverno. Ela nunca havia parado para pensar em quanto do suprimento de alimentos do mundo moderno dependia da refrigeração. A energia havia

ILLUMINATED

CHRISTINE POPE

diminuído no terceiro dia, como se o mundo exterior tivesse conseguido aguentar um pouco mais do que a minúscula Cloudcroft, e embora houvesse muita comida nos congeladores do hotel, Sarah não tinha sido capaz de Salve isso.

O tempo ainda não estava realmente ruim, mas ela viveu aqui a vida toda e sabia o que a esperava. Ela não queria pensar sobre o que a estrada seria como sem limpadores de neve para vir e limpar os desvios que se acumularam com cada tempestade.

Não, o que realmente a assustava eram aquelas sombras indescritíveis nos limites de sua visão, movimentos estranhos que não podiam ser explicados, dizendo a si mesma que um pássaro havia acabado de voar acima, ou uma rajada repentina de vento pôs um galho de árvore dançando. Pode ser a imaginação dela. Sarah queria acreditar nisso. Ela estava reagindo a coisas que não estavam lá, simplesmente porque seu cérebro não conseguia lidar com a realidade de estar sozinha nesta cidade, sozinha no mundo.

Isso tinha que ser. Como a alternativa era ainda pior do que ficar sozinha, a única pessoa de alguma forma teve sorte - ou amaldiçoou - o suficiente para ter sobrevivido a essa horrenda febre.

Se ela não estava imaginando coisas, então temia que, por mais louco que parecesse, alguém a estivesse observando.

Kamal al-Sayid observou Sarah entrar no hotel e fechar a porta atrás dela. Uma carranca estava puxando sua bonita sobrancelha, e ele não pôde deixar de notar a maneira como ela continuava lançando olhares furtivos para ambos os lados, como se tivesse conseguido detectar a presença dele, percebeu que não estava tão sozinha aqui. em Cloudcroft como ela pensara.

Como ela era capaz de fazer uma coisa dessas, quando ele tinha sido muito cuidadoso ao usar seu glamour djinn para se manter quase invisível, para permanecer sempre na periferia de seu campo de visão, ele não tinha muita certeza. Parte dele queria ir

até ela, explicar que ela não tinha nada a temer. Ele teria que fazê-lo em breve, pois não conseguiria manter essa vigilância furtiva para sempre. Mas ele ainda queria observá-la, queria ter certeza de que havia feito a escolha certa.

Oh, ela era adorável. Esse fato não pôde ser contestado. E, pelo que ele conseguira ver até agora, também tinha muitos recursos. A cada dia, ela se aventurava do hotel onde havia feito sua casa e foi de casa em casa, recolhendo os bens não-perecíveis que podia encontrar para trazê-los de volta. Embora houvesse muitos carros abandonados disponíveis, ela não usou nenhum deles; em vez disso, pegou um carrinho elétrico que já havia sido usado pela equipe do hotel e que ela poderia recarregar no final de cada dia, usando a energia fornecida por um banco de painéis solares instalados no topo do galpão de manutenção.

Ela empreendeu todas essas missões com uma pistola pendurada em um coldre no quadril e um pequeno rifle de caça sentado no assento vazio ao lado

dela. Embora ela devesse saber que era a única moradora da cidade, parecia que ela não estava disposta a se arriscar.

Porque ela andava armada - um ferimento a bala não podia matar um djinn, mas simplesmente porque algo não era fatal não significava que ainda não doeria - e porque Kamal ainda estava tentando verificar que sua decisão havia sido a correta. ele não tinha pressa de se aproximar dela. Seus companheiros djinn já haviam reivindicado seus Escolhidos e foram para Taos, onde uma comunidade estava se formando, mas não era como se ele tivesse recebido um cronograma definido no qual ele deveria fazer o mesmo. Por que ele não deveria esperar seu tempo?

Alguns de seus colegas djinn se referiam a ele como o — cientista, — que para um elemental não era precisamente um elogio. No entanto, Kamal não viu nada de errado com sua abordagem aqui. Depois que ele fosse para Sarah e a fizesse dele, eles ficariam juntos por toda a eternidade. Era tão estranho que ele

desejasse ter ampla evidência de seu caráter antes de tomar uma decisão tão fatídica?

Sim, ele a observara antes mesmo que os outros djinn colocassem o Calor - como os mortais chamavam a doença fatal que era a maior parte de sua espécie - sobre o mundo. Mas ele a observara em sua antiga vida, observava que ela fazia o possível para ser diplomática com hóspedes exigentes no hotel, ou cozinhava e limpava o pai, que passava seus próprios dias cozinhando para os outros e, portanto, não estava muito inclinado a fazê-lo. o mesmo quando ele chegou em casa do trabalho. Observou-a enquanto ria com os amigos ou caminhava sozinha nos dias de folga do trabalho, sempre percorrendo as trilhas mais íngremes, as escaladas mais difíceis, como se tivesse que provar que tinha forças para enfrentar essas coisas, mesmo quando todos os dias a vida parecia muito mundana. Foi essa força que chamou sua atenção para ela, tanto quanto sua beleza.

Ele ficou feliz em ver a mesma força agora que ela enfrentou um mundo mudado para sempre. De vez em quando, ele a via lutar com a possibilidade de deixar este lugar, de descer a estrada sinuosa cortada na encosta da montanha... mas até agora ela não tinha. Ela temia o que encontraria? Ou era simplesmente que ela queria ficar em um lugar que lhe era familiar, mesmo que aquele lugar estivesse agora tão terrivelmente isolado do resto do mundo?

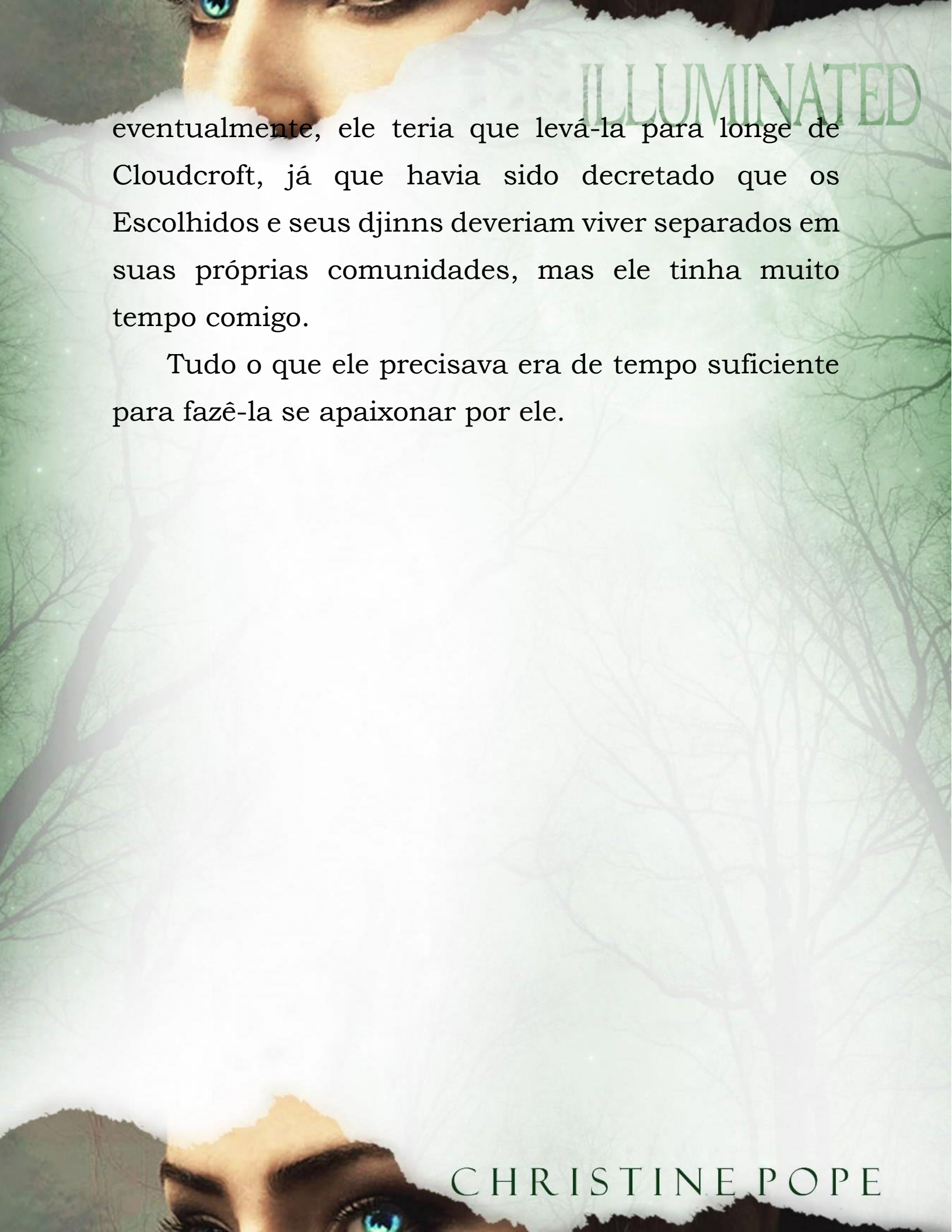
Descer a colina não teria resolvido nada para ela. Todos eles foram para Tularosa, em Alamogordo, na base da Força Aérea em White Sands e sobre as montanhas em Las Cruces além disso. Talvez houvesse imune naquelas vilas e cidades - de fato, Kamal sabia que devia ter havido, já que o calor não era cem por cento fatal - mas os outros djinn, aqueles que desejavam ver o fim da humanidade, teriam sido diligentes sobre garantir que quaisquer sobreviventes foram exterminados. Se Sarah finalmente tivesse decidido deixar Cloudcroft e ver essas coisas por si mesma, ele teria sido obrigado a se revelar e detê-la.

Até que ele a fizesse formalmente sua escolhida, ela seria um jogo justo para aqueles elementais vingativos, e ele não podia permitir isso.

Não, parecia que ele deveria revelar sua presença em um futuro muito próximo. Sarah não poderia saber que ela estava perfeitamente segura aqui, que a presença dele havia assegurado que os outros de sua espécie ficassem longe. Mesmo assim, ele viu o medo crescer nela, um medo não só de ficar preso aqui com a primeira tempestade ruim, que se expressara na maneira como ela às vezes se demorava no veículo mais resistente da cidade, como se tentasse a coragem de subir ao volante e se afastar desse lugar, mas também os olhares furtivos que sinalizavam uma preocupação de que alguém a estivesse observando, por mais impossível que isso possa parecer.

Ele não queria que ela estivesse assustada.

Talvez seja melhor fazer isso devagar. Não havia razão para dizer a ela que ele era um djinn... pelo menos não a princípio. Depois que ela se acostumasse, ele poderia dizer a verdade. E,

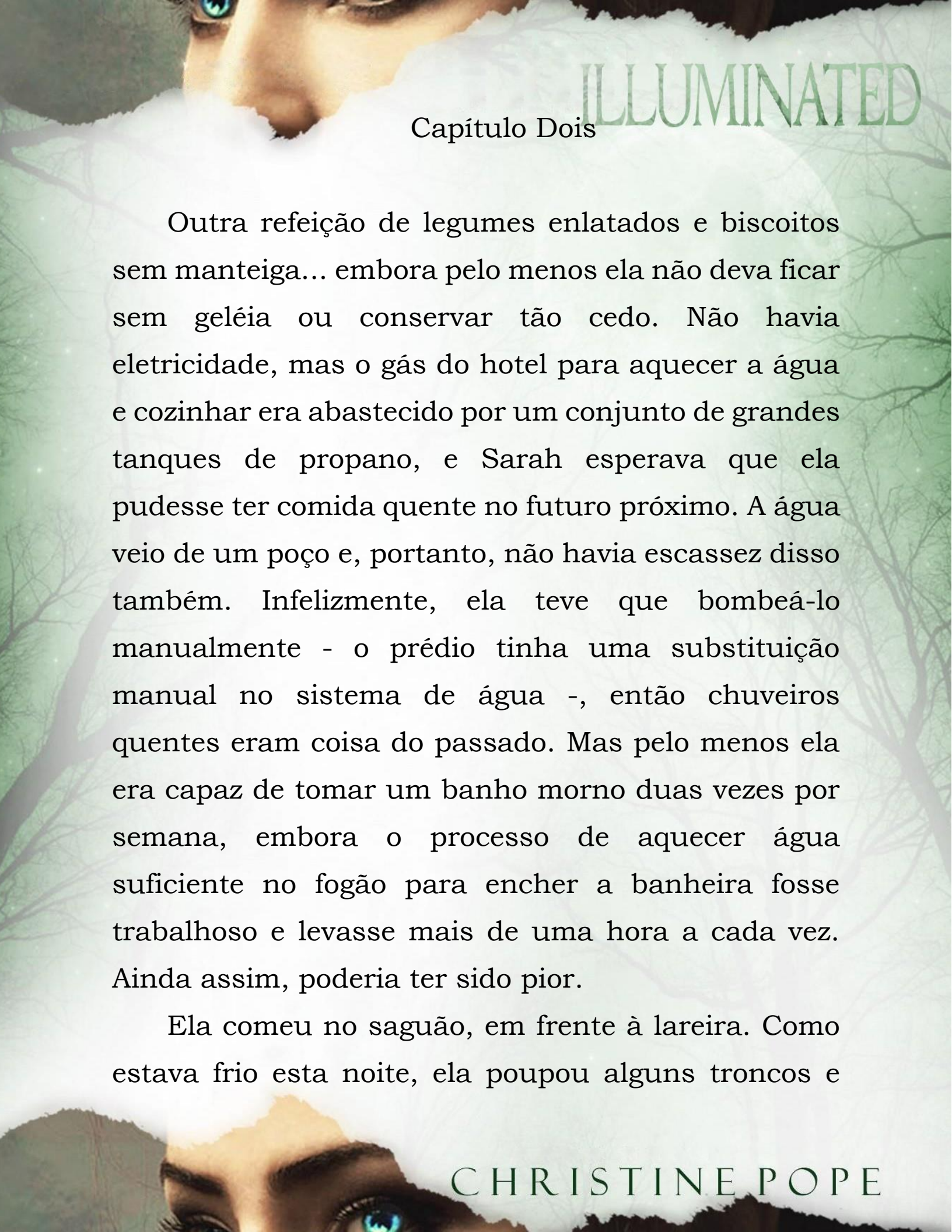


ILLUMINATED

eventualmente, ele teria que levá-la para longe de Cloudcroft, já que havia sido decretado que os Escolhidos e seus djinns deveriam viver separados em suas próprias comunidades, mas ele tinha muito tempo comigo.

Tudo o que ele precisava era de tempo suficiente para fazê-la se apaixonar por ele.

CHRISTINE POPE

The background of the page is a composite image. At the top, there is a close-up of a woman's face, showing her eyes and part of her nose. The bottom of the page features another close-up of a woman's face, focusing on her eyes. The background is filled with a green, textured pattern that resembles foliage or a forest scene.

Capítulo Dois

ILLUMINATED

Outra refeição de legumes enlatados e biscoitos sem manteiga... embora pelo menos ela não deva ficar sem geléia ou conservar tão cedo. Não havia eletricidade, mas o gás do hotel para aquecer a água e cozinhar era abastecido por um conjunto de grandes tanques de propano, e Sarah esperava que ela pudesse ter comida quente no futuro próximo. A água veio de um poço e, portanto, não havia escassez disso também. Infelizmente, ela teve que bombeá-lo manualmente - o prédio tinha uma substituição manual no sistema de água -, então chuveiros quentes eram coisa do passado. Mas pelo menos ela era capaz de tomar um banho morno duas vezes por semana, embora o processo de aquecer água suficiente no fogão para encher a banheira fosse trabalhoso e levasse mais de uma hora a cada vez. Ainda assim, poderia ter sido pior.

Ela comeu no saguão, em frente à lareira. Como estava frio esta noite, ela poupou alguns troncos e

CHRISTINE POPE

acendeu uma fogueira. Eles estalaram alegremente, bem temperados depois de um verão e um outono sendo armazenados na pilha ao lado do galpão de manutenção. Felizmente, coberto por um conjunto de lonas, ou as coisas teriam sido muito mais esfumaçadas do que ela gostaria, mesmo que não precisasse se preocupar com os alarmes de fumaça disparados.

A quente luz do fogo dançava nas paredes, refletida nos olhos vidrados do enorme urso de pelúcia que ficava ao lado de um dos conjuntos de portas francesas que levavam ao convés e ao jardim além. Mais de uma vez, aquele maldito urso a assustou quando ela estava distraída e sem prestar atenção, mas Sarah não queria se esforçar para tirá-lo daqui e guardá-lo no galpão de manutenção. Pelo menos, forneceu uma pequena companhia.

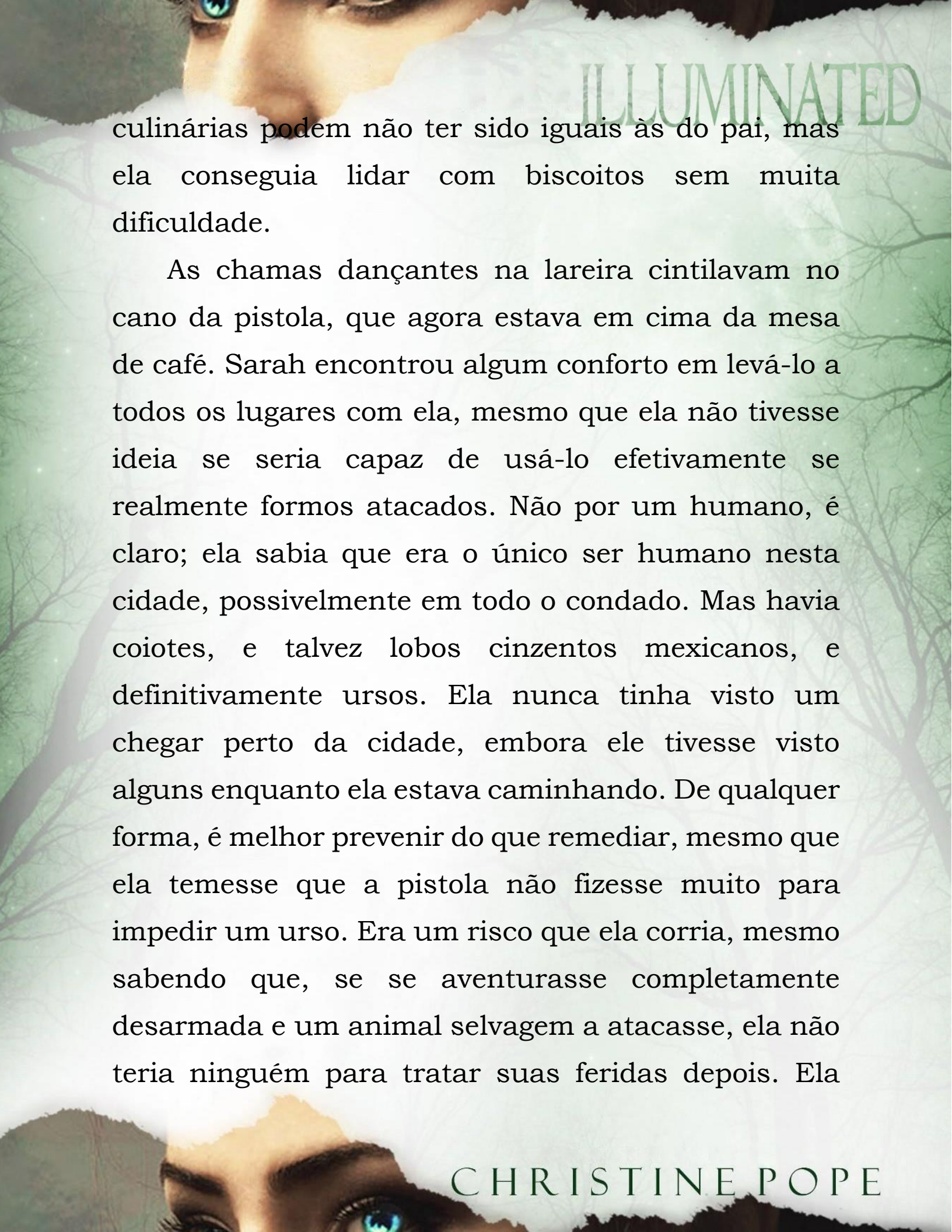
Ela pousou a tigela de creme de milho e pegou a taça de vinho que estava sobre a mesa em frente ao sofá. Antes do apocalipse, ela não diria que bebia muito vinho - as cervejas fora com os amigos eram o

seu veneno de escolha - mas entre a adega aqui no hotel e o estoque na Noisy Water Winery, na pequena propriedade de Cloudcroft No centro da cidade, Sarah sabia que estava preparada para beber álcool pelo menos durante o inverno. Eles estavam esperando uma remessa do distribuidor de cerveja quando o Heat chegou, e ela terminou com o suprimento disponível do hotel nas semanas imediatamente seguintes ao seu exílio involuntário.

No entanto, ela se certificou de nunca tomar mais de uma taça de vinho por vez. Apenas o suficiente para aliviar o estresse, dar-lhe algo para beber com seus jantares escassos, além da água do poço. Depois recolocava a garrafa e a colocava de volta no bar, que ainda tinha uma coleção decente de outras bebidas. No entanto, uísque e uísque a atraíam ainda menos do que o vinho, então ela não havia tocado em nada disso. Teria sido tão fácil passar seus dias bêbados, tentando apagar a realidade amarga de seu mundo. Ela não queria fazer isso, no entanto. O pai dela talvez

não estivesse mais por perto, mas ela ainda não queria decepcioná-lo.

Um pequeno gole. Era um pinot noir leve do estado de Washington, algo que não pesava muito no estômago. Provavelmente merecia algo melhor que o creme de milho. Infelizmente, Sarah não tinha muitas opções. As florestas por aqui tinham sua parcela de vida selvagem, é verdade, mas ela nunca fora uma caçadora. Algumas vezes ela conseguiu levar um coelho com a .22 que ela carregava em suas expedições diárias. Embora todo o processo de esfolar o animal e tirar qualquer tipo de carne útil de seus ossos tenha feito com que ele quisesse amordaçar, ela se forçou severamente através do processo, sabendo que precisava da proteína. O último coelho tinha sido mais de uma semana atrás, no entanto. Ela encontrou um pouco de frango e atum enlatados em suas expedições, mas estava fazendo o possível para avaliar isso também. Uma refeição a cada dois dias com proteína, o restante vegetais ou frutas em conserva e depois pão ou biscoitos. Suas habilidades



culinárias podem não ter sido iguais às do pai, mas ela conseguia lidar com biscoitos sem muita dificuldade.

As chamas dançantes na lareira cintilavam no cano da pistola, que agora estava em cima da mesa de café. Sarah encontrou algum conforto em levá-lo a todos os lugares com ela, mesmo que ela não tivesse ideia se seria capaz de usá-lo efetivamente se realmente fossem atacados. Não por um humano, é claro; ela sabia que era o único ser humano nesta cidade, possivelmente em todo o condado. Mas havia coiotes, e talvez lobos cinzentos mexicanos, e definitivamente ursos. Ela nunca tinha visto um chegar perto da cidade, embora ele tivesse visto alguns enquanto ela estava caminhando. De qualquer forma, é melhor prevenir do que remediar, mesmo que ela temesse que a pistola não fizesse muito para impedir um urso. Era um risco que ela corria, mesmo sabendo que, se se aventurasse completamente desarmada e um animal selvagem a atacasse, ela não teria ninguém para tratar suas feridas depois. Ela

CHRISTINE POPE

conhecia alguns primeiros socorros básicos, mas isso só foi tão longe. Uma lesão realmente grave a mataria.

Foi também por isso que ela evitou escalar montanhas, ou qualquer caminhada mais árdua do que era necessário procurar coelhos ou esquilos para comer. Antes de o mundo mudar, ela podia se dar ao luxo de ser mais aventureira. Era ainda uma unidade para baixo a colina para chegar a um hospital, mas pelo menos não *eram* hospitais. E médicos, enfermeiros, antibióticos e todas as outras coisas boas.

Viver sozinha assim definitivamente não era divertido, mas uma vida solitária ainda era melhor do que nenhuma vida.

Sarah estava apenas pegando seu copo de vinho novamente quando três batidas altas soaram na porta. Ainda bem que ela não estava segurando o copo, porque de outra forma certamente o teria deixado cair.

Fazia tanto tempo desde que ela ouvira um som que não havia feito a si mesma - ou não havia sido

feita pela vida selvagem local - que essas batidas soaram em seus ouvidos como tiros de uma arma. Com o coração disparado no peito, ela pegou a pistola e se levantou lentamente.

Talvez ela estivesse ficando louca e tivesse começado a ouvir coisas. Ou talvez uma árvore tivesse caído e atingido a lateral do prédio, e *soava* como alguém batendo na porta.

Pistola na mão, ela começou a avançar em direção à porta da área de recepção. Por hábito, ela sempre trancava quando estava aqui... ou mesmo quando não estava. Mais seguro assim, já que a última coisa que ela queria era um guaxinim aventureiro para entrar e causar estragos na cozinha.

As três batidas vieram novamente. Sarah engoliu um suspiro, depois se forçou a continuar avançando. Uma história horrível surgiu em sua mente, uma que sua amiga Alyssa havia contado uma noite quando eles estavam no ensino médio e tendo uma festa do pijama com um monte de outras garotas da classe.

Algo sobre como um demônio batia três vezes, em uma zombaria da Santíssima Trindade.

Sim, e eles devem bater entre meia-noite e três da manhã, Sarah disse a si mesma com firmeza. *Provavelmente ainda não são oito horas.*

É verdade, mas mesmo que não fosse um demônio... e se Rebecca, o fantasma, finalmente tivesse decidido aparecer? Sarah poderia ter brincado consigo mesma que gostaria de receber a presença do espírito, já que isso significaria que ela não estava sozinha aqui no hotel, mas esse tipo de piada era muito mais divertida à luz do dia. Agora, com a única luz que vinha da lareira e uma lanterna Coleman voltada para a posição mais baixa, a perspectiva de um fantasma vagando pelos corredores da Loja de repente não foi nada engraçada.

Tudo certo. Ela se preparou para abrir a porta, tentando se convencer de que o som das batidas estava em sua mente. E se não fosse...

Seus dedos apertaram o punho da arma que ela segurava. O velho Colt de ação única de Kyle. Mais de

uma vez ele disse a ela com orgulho que a arma nunca estava presa, sempre esteve presente quando ele precisava. Ela tinha que esperar que ele estivesse dizendo a verdade.

Com a mão livre, ela estendeu a mão para soltar o ferrolho na porta. Agora tudo o que ela precisava fazer era girar a maçaneta.

Uma respiração rápida, e ela abriu a porta. Uma figura alta pairava sobre ela, e ela engasgou e deu um passo para trás. Realmente *era* um urso -

Então ele deu um passo à frente, apenas o suficiente para que um pouco da luz fraca do corredor tocasse seu rosto.

Não, não é um urso. Um homem.

Um homem alto e bonito.

Pelo menos, ela achava que ele parecia bonito, embora não pudesse entender muitos detalhes de sua aparência por causa da iluminação incerta. Ela olhou para ele e ele disse rapidamente: — Sinto muito. Eu não quis te assustar.

Seu olhar cintilou na arma na mão direita dela.

— Mas vi o que pensei ser uma luz, aqui em cima nas árvores. Não vejo ninguém há meses, e então...

Sarah encontrou sua voz.

— Então você pensou que seria melhor dar uma olhada.

— Sim.

Ele hesitou, parecendo olhá-la e descer o corredor para onde o fogo ardia na lareira.

— Tem mais alguém aqui?

Talvez ela devesse mentir, dizer a ele que sim, havia um grande grupo de sobreviventes aqui no hotel. No entanto, esse tipo de falsidade seria fácil de contestar. — Não.

Respondeu ela, desesperadamente esperando que não estivesse cometendo um grande erro.

— Eles estão todos mortos.

A boca dele se apertou.

— Eu sei. Ou seja, ninguém estava vivo morro abaixo também, então imaginei que seria o mesmo aqui em cima.

Uma pausa, e então ele acrescentou: — Eu sou Cam, a propósito. Cameron Allen.

— Sarah Wright. Eu...

Era tão estranho conversar com alguém, perceber que ela não estava completamente sozinha no mundo, afinal. De repente, sua boca não quis formar as sílabas corretas.

— Entre. Há uma lareira. Está frio lá fora.

— Bem, ainda não, mas provavelmente mais tarde esta noite.

Enquanto ele falava, ele lhe deu um sorriso, que fez o sangue correr pelas bochechas dela.

Quais eram as chances de que seu único companheiro sobrevivente se parecesse com um modelo masculino?

Ela saiu do caminho para que ele pudesse entrar no prédio. Quando ele entrou, ela fechou a porta, trancando-a automaticamente.

— Entre.

Era um pouco melhor tê-lo seguindo-a. Dessa forma, ela poderia evitar encará-lo. Porque ela queria

olhar, mesmo que sua mente continuasse tropeçando em si mesma, tentando entender a aparição repentina dele. Além disso, ela se sentia muito constrangida. O cabelo dela estava uma bagunça emaranhada? Ela parecia ter acabado de sair da cama? Com nada além de tempo em suas mãos, ela realmente passava alguns minutos todos os dias colocando rímel e gloss, ou pelo menos protetor labial colorido. Estúpido, ela sabia. Bem, talvez não seja completamente estúpido. Pelo menos o bálsamo protegia seus lábios do sol e do vento.

Quando chegaram à luz do fogo, ela pôde ver que Cameron usava uma mochila pesada nas costas - uma mochila de verdade, destinada a caminhadas sérias. Ele parou ao lado do sofá, soltou as correias e colocou a mochila no chão. Esfregando o ombro, ele disse: — Isso é melhor.

— De onde você veio?

Uma pausa. Sarah notou como o olhar dele se movia na direção da garrafa de vinho sobre a mesa,

depois se deslocou para o chão, como se ele não quisesse olhar como se estivesse olhando.

— Você quer um pouco?— ela perguntou. Talvez tivesse sido rude não oferecer a ele imediatamente. Ela não era totalmente clara sobre a etiqueta do fim do mundo.

— Eu posso pegar outro copo.

— Isso seria bom. Obrigado.

Sim, ela supôs que caminhar pela estrada de Tularosa seria um trabalho sedento, especialmente com aquela mochila pesada nas costas. Tudo o que ela podia fazer era esperar que ele ficasse feliz com um ou dois copos, não ficasse bêbado e fora de controle. Ela poderia estar carregando uma arma nos últimos meses, mas não sabia se teria coragem de usá-la.

Ela correu para o bar e pegou outro copo, depois voltou ao saguão. Cameron sentou-se no sofá em frente ao que ela estava comendo quando ele chegou. Agora que ele estava mais perto do fogo e da lanterna Coleman, ela podia ver suas feições muito melhor.

Sua primeira impressão foi correta - ele realmente era lindo, com feições bem esculpidas e cabelos escuros compridos que tocavam as bordas do capuz que usava. Uma tênue barba cobria suas bochechas e queixo, como se ele não tivesse se barbeado há alguns dias, mas os pelos faciais pareciam apenas melhorar sua aparência, em vez de diminuí-la.

— Aqui.

Disse ela rapidamente, depois pousou o copo de vinho na frente dele. Ela pegou a garrafa de vinho e encheu a taça dele muito além da metade.

— Deixe um pouco para si.

Disse ele, parecendo um pouco surpreso com a quantia que ela acabara de servir para ele.

— Está tudo bem. Eu já tomei um copo.

— Se você tem certeza...

— Eu tenho.

Ele ergueu a taça de vinho e girou seu conteúdo, parecendo inspecionar as cintilações de granada e rubi no líquido. Então ele levantou na direção dela.

— Não estar sozinho neste planeta.

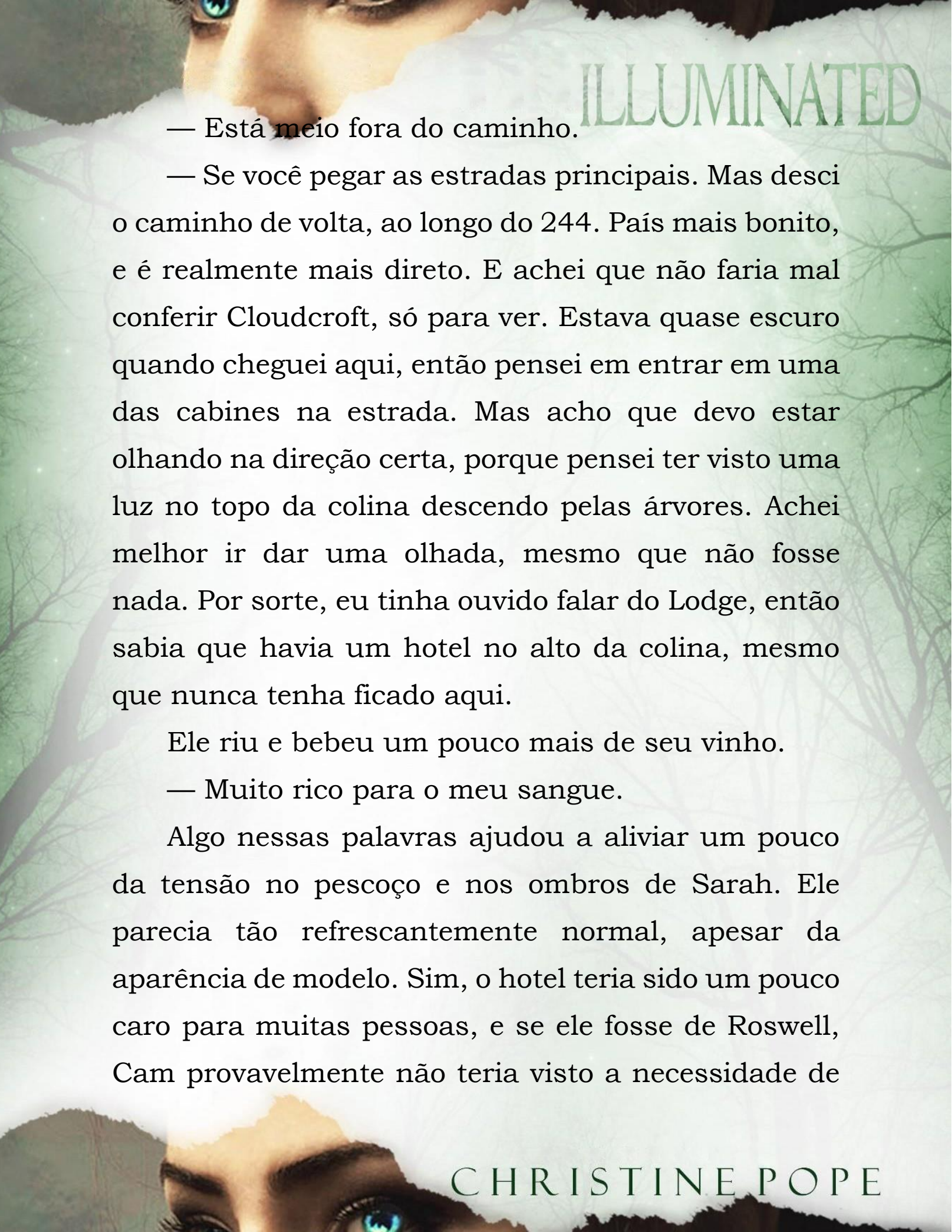
— Eu vou beber com isso,— disse Sarah, apesar de suas palavras terem um calafrio dentro dela. Claramente, ele tinha que ter vindo aqui das planícies. Se ele a estava brindando por deixá-lo saber que ele não era o único sobrevivente, então ele não deve ter encontrado mais ninguém durante sua jornada aqui. Ela se forçou a tomar um gole de seu copo quase vazio.

— Então você não viu mais ninguém?

Ele estava no meio da deglutição e não respondeu imediatamente. Quando ele falou, sua expressão era solene.

— Não. Eu sou de Roswell. Não há sobreviventes por lá, pelo menos até onde eu sei, e acho que andei por todas as ruas da cidade procurando por mim. Qualquer um. Então eu arrumei o que pude e peguei a estrada. Fui até Ruidoso. Ninguém lá. E então decidi que talvez tivesse mais sorte em uma cidade maior, então pensei em continuar indo para o oeste e seguir para Las Cruces.

— Então por que Cloudcroft?— Sarah perguntou.



— Está meio fora do caminho.

ILLUMINATED

— Se você pegar as estradas principais. Mas desci o caminho de volta, ao longo do 244. País mais bonito, e é realmente mais direto. E achei que não faria mal conferir Cloudcroft, só para ver. Estava quase escuro quando cheguei aqui, então pensei em entrar em uma das cabines na estrada. Mas acho que devo estar olhando na direção certa, porque pensei ter visto uma luz no topo da colina descendo pelas árvores. Achei melhor ir dar uma olhada, mesmo que não fosse nada. Por sorte, eu tinha ouvido falar do Lodge, então sabia que havia um hotel no alto da colina, mesmo que nunca tenha ficado aqui.

Ele riu e bebeu um pouco mais de seu vinho.

— Muito rico para o meu sangue.

Algo nessas palavras ajudou a aliviar um pouco da tensão no pescoço e nos ombros de Sarah. Ele parecia tão refrescantemente normal, apesar da aparência de modelo. Sim, o hotel teria sido um pouco caro para muitas pessoas, e se ele fosse de Roswell, Cam provavelmente não teria visto a necessidade de

CHRISTINE POPE

passar a noite de qualquer maneira. A cidade estava perto o suficiente de Cloudcroft para que você pudesse fazer um passeio de um dia.

— Eu também,— disse ela. — Eu só estou aqui porque...

Ele levantou uma sobrancelha para ela.

— Você queria ver como a outra metade vive?

Ela sorriu.

— Não exatamente. Eu realmente trabalhei aqui. Meu pai também - ele é... quero dizer, ele era o chef.

A luz parecia sair dos olhos escuros de Cam.

— Eu sinto Muito.

— Está tudo bem.

Palavras vazias. É claro que não estava tudo bem... nunca poderia estar tudo bem... mas esse era o tipo de coisa que você deveria dizer.

— Nós dois perdemos pessoas... não é?

Um aceno de cabeça. Ele olhou para longe dela, para as chamas na lareira enquanto elas piscavam e dançavam.

— Eu principalmente tento não pensar nisso.

Sarah não podia discutir com isso. Todos os dias ela se esforçava ao máximo para fazer a mesma coisa, para agir como se o mundo não tivesse sumido. Bem, isso não era exatamente verdade. O mundo em si ainda estava aqui - os edifícios, as árvores e os animais. Apenas as pessoas haviam desaparecido, transformado em pó cinza.

— Enfim,— ela continuou, — você acha que há uma possibilidade real de as pessoas estarem em Las Cruces?

Cam engoliu mais um pouco de vinho antes de colocar o copo de volta na mesa.

— Eu não sei. Parecia apenas o lugar mais lógico para procurar. Uma mão esfregou a barba por fazer, distraidamente, seus pensamentos claramente muito distantes.

Não olhe, ela pensou. Era difícil não fazê-lo. Depois de tanto tempo sozinha, apenas ouvir o som da voz de outra pessoa era suficiente para perturbar sua frágil compostura. Ter a fonte dessa voz possivelmente a pessoa mais bonita que ela já

conhecera... bem, a aparência dele torna tudo muito mais difícil.

Tudo bem, se ela fosse completamente objetiva, ele não era perfeito, perfeito. O nariz era comprido e os lábios estavam finos. Mesmo assim, a combinação de seus recursos ainda resultou em algo bastante espetacular.

— Eu não ouvi nada de lá,— disse ela. Ela pegou seu vinho, mas não bebeu; em vez disso, segurou a tigela do copo em suas mãos.

— 'Ouvir'?— Cam repetiu. — O que você quer dizer?

— Eu tenho uma instalação de rádio amador,— Sarah explicou, e logo percebeu: — Isto é, pertencia a um amigo da família. Ele me ensinou como usá-lo. Venho pesquisando há semanas e não ouvi nada. Exceto....

O olhar dele se afiou. Aqueles olhos escuros de repente pareciam muito penetrantes.

— Exceto o que?

— No começo... ou perto do começo. Talvez o fim do começo. De qualquer forma, depois que todos se foram, mas enquanto a energia ainda estava ligada, eu estava tentando descobrir o que fazer e lembrei-me do rádio de Kyle. Então eu fui para a casa dele e comecei a percorrer as bandas, esperando encontrar algo. Pensei ter ouvido a voz de um homem muito brevemente, mas perdi o sinal. Eu não conseguia entender nada do que ele disse. Talvez algo sobre um laboratório, mas mesmo isso é apenas um palpite.

— Um laboratório,— Cam repetiu, seu tom meditando. Dessa vez, seu olhar se voltou para as portas francesas, embora, é claro, você não pudesse ver nada do que havia lá fora. Apenas totalmente escuro, como se o resort estivesse suspenso no centro de um globo de obsidiana. — Como em Sandia?

— Em Albuquerque?

— Sim.— Ele pegou seu copo de vinho, bebeu um pouco mais e largou-o de volta.

— Eles tinham muitos laboratórios lá. Defesa, coisas classificadas. Talvez alguém em Sandia tenha descoberto uma maneira de sobreviver ao calor.

— 'O calor'?— Sarah odiava fazer tantas perguntas, mas era óbvio que ela sentia muita falta, isolada aqui como estava.

— Foi assim que foi chamado?

— Bem, não foi oficial nem nada. Provavelmente percorreu a população mais rapidamente aqui porque você estava muito isolado e não havia muitos de vocês para começar. No resto do mundo, demorou um pouco mais. O suficiente para a doença obter um apelido que foi passado antes que tudo acabasse.

Ela supôs que não podia discutir com isso. Quanto ao cenário pior, ela não sabia dizer. Em seu e-mail em Cloudcroft, parecia que tudo acabara no espaço de um dia. No mundo... aparentemente o apocalipse durou um pouco mais do que isso.

— De qualquer forma,— continuou Cam, — você pensaria que se alguém tivesse descoberto como sobreviver à doença, teria sido alguém em uma

instalação do governo, ou no CDC ou em algum lugar assim. Portanto, faz sentido que a pessoa que você ouviu falar possa ter dito algo sobre um laboratório.

— Eu acho.

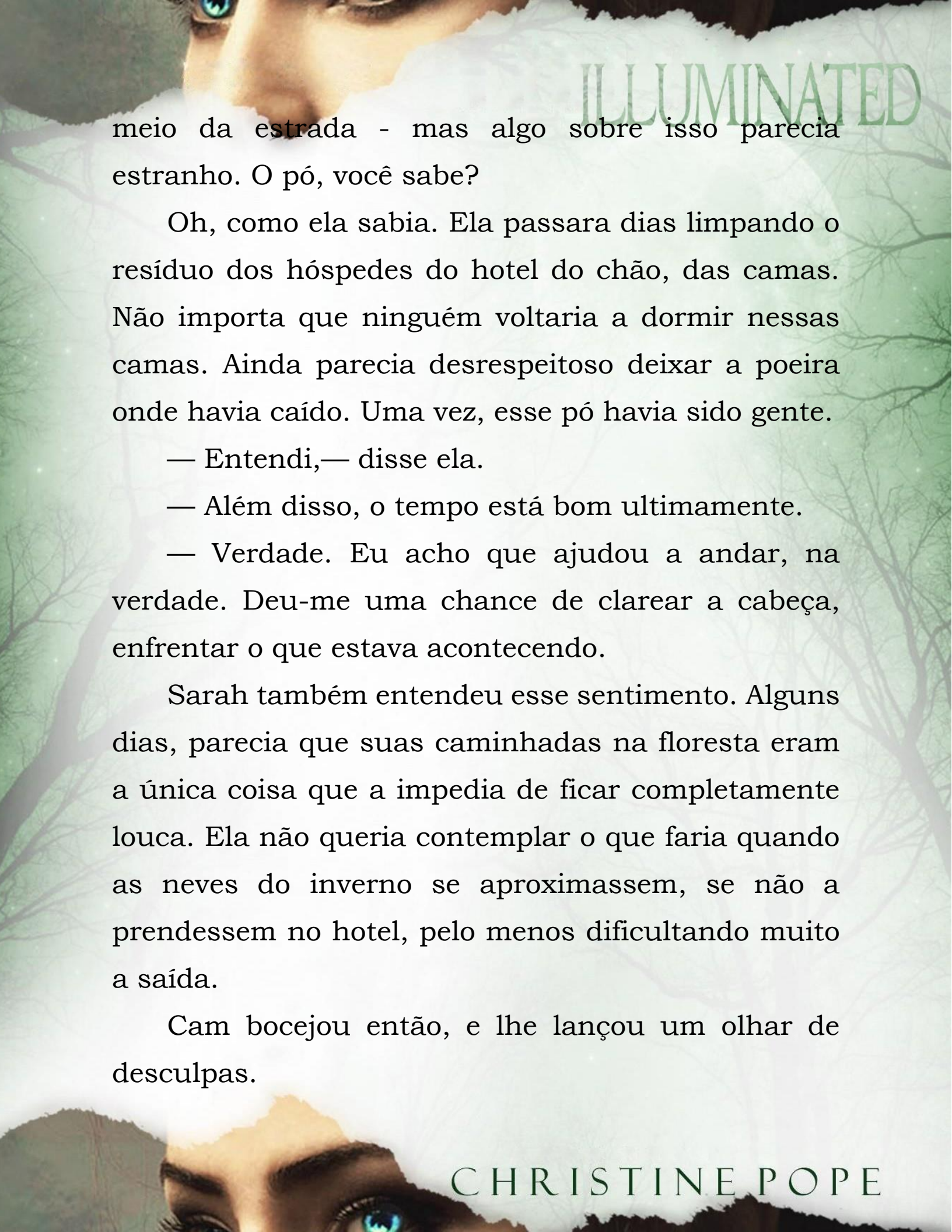
Sarah não queria parecer tão duvidosa, mas uma sílaba não era muito para continuar. Se apenas aquela breve explosão durasse mais de um segundo ou dois. Mas não tinha, e não importava como ela tentasse, ela parecia não conseguir se conectar ao mesmo canal novamente. Albuquerque está muito longe.

Ele assentiu.

— Verdade, mas não é como se não houvesse muitos carros por aí.

— Então você dirigiu aqui? Mesmo quando ela fez a pergunta, ela teve que se perguntar. Se ele tinha um carro, então por que a mochila pesada?

— Parte do caminho. Então minha caminhonete ficou sem gasolina. Acho que eu poderia ter pegado um dos carros abandonados na estrada - às vezes no



meio da estrada - mas algo sobre isso parecia estranho. O pó, você sabe?

Oh, como ela sabia. Ela passara dias limpando o resíduo dos hóspedes do hotel do chão, das camas. Não importa que ninguém voltaria a dormir nessas camas. Ainda parecia desrespeitoso deixar a poeira onde havia caído. Uma vez, esse pó havia sido gente.

— Entendi,— disse ela.

— Além disso, o tempo está bom ultimamente.

— Verdade. Eu acho que ajudou a andar, na verdade. Deu-me uma chance de clarear a cabeça, enfrentar o que estava acontecendo.

Sarah também entendeu esse sentimento. Alguns dias, parecia que suas caminhadas na floresta eram a única coisa que a impedia de ficar completamente louca. Ela não queria contemplar o que faria quando as neves do inverno se aproximassem, se não a prendessem no hotel, pelo menos dificultando muito a saída.

Cam bocejou então, e lhe lançou um olhar de desculpas.

CHRISTINE POPE

— Desculpe. Estou de madrugada a maior parte do tempo e acho que está me alcançando.

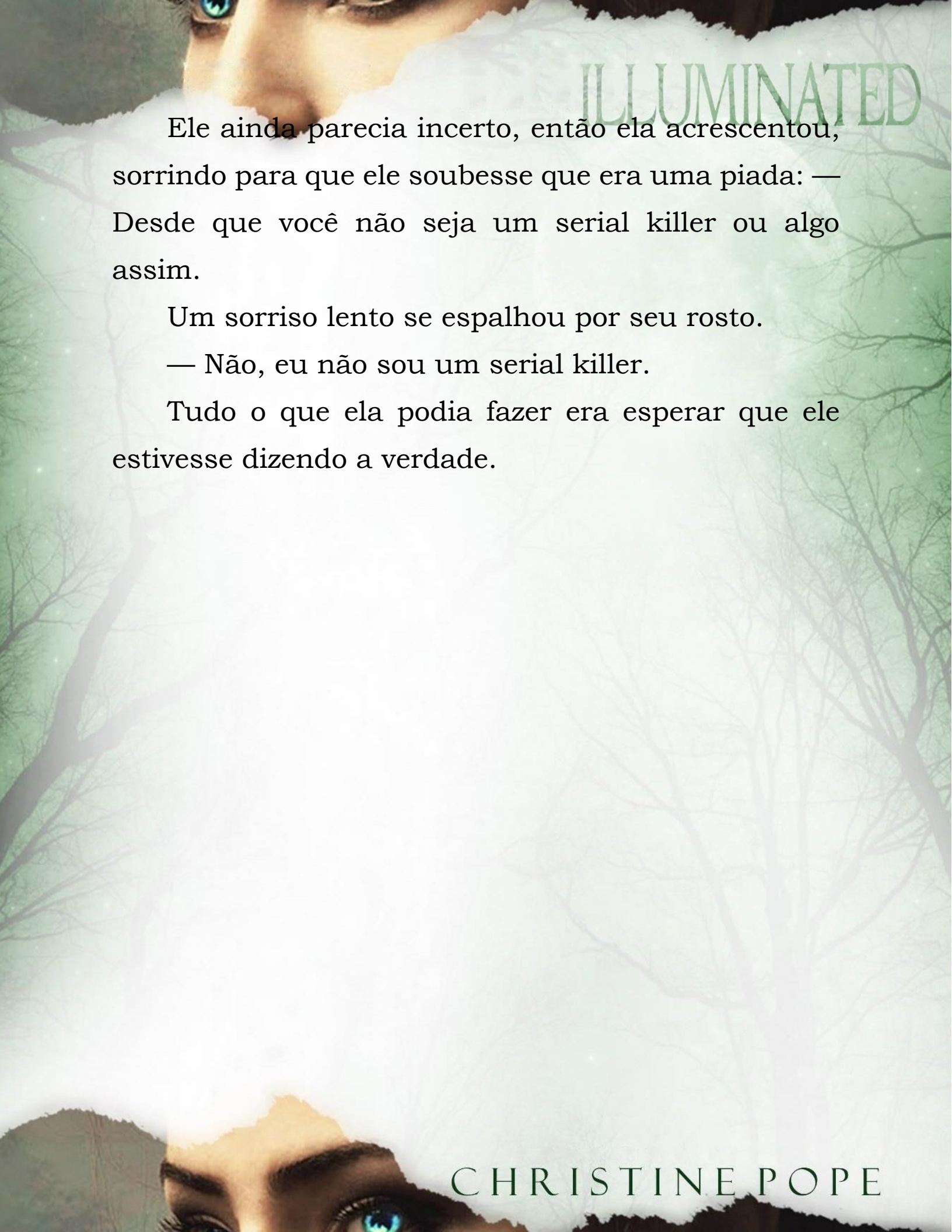
— Tudo bem.— Ela hesitou. A situação já era estranha o suficiente, mas seria muito mais estranho que ele ficasse aqui no Lodge com ela. Mas o que mais ela deveria fazer... mandá-lo para dormir em uma cabana que não fora limpa, uma casa que ainda tinha a poeira de seus ex-habitantes no chão? O hotel não era nada, exceto quartos vazios, todos eles tão limpos quanto ela poderia fazê-los. Não a suíte do governador, já que ela a escolhera por conta própria, mas havia várias suítes de salão com camas king size que deveriam servir Cam muito bem.

— Deixe-me pegar uma chave para um dos quartos. Tenho calor para cozinhar, mas não há água corrente, então...

Ele lançou-lhe um olhar assustado.

— Você tem certeza? Eu poderia encontrar outra coisa na cidade.

— Não, está tudo bem. Nós sobreviventes devemos ficar juntos, certo?



ILLUMINATED

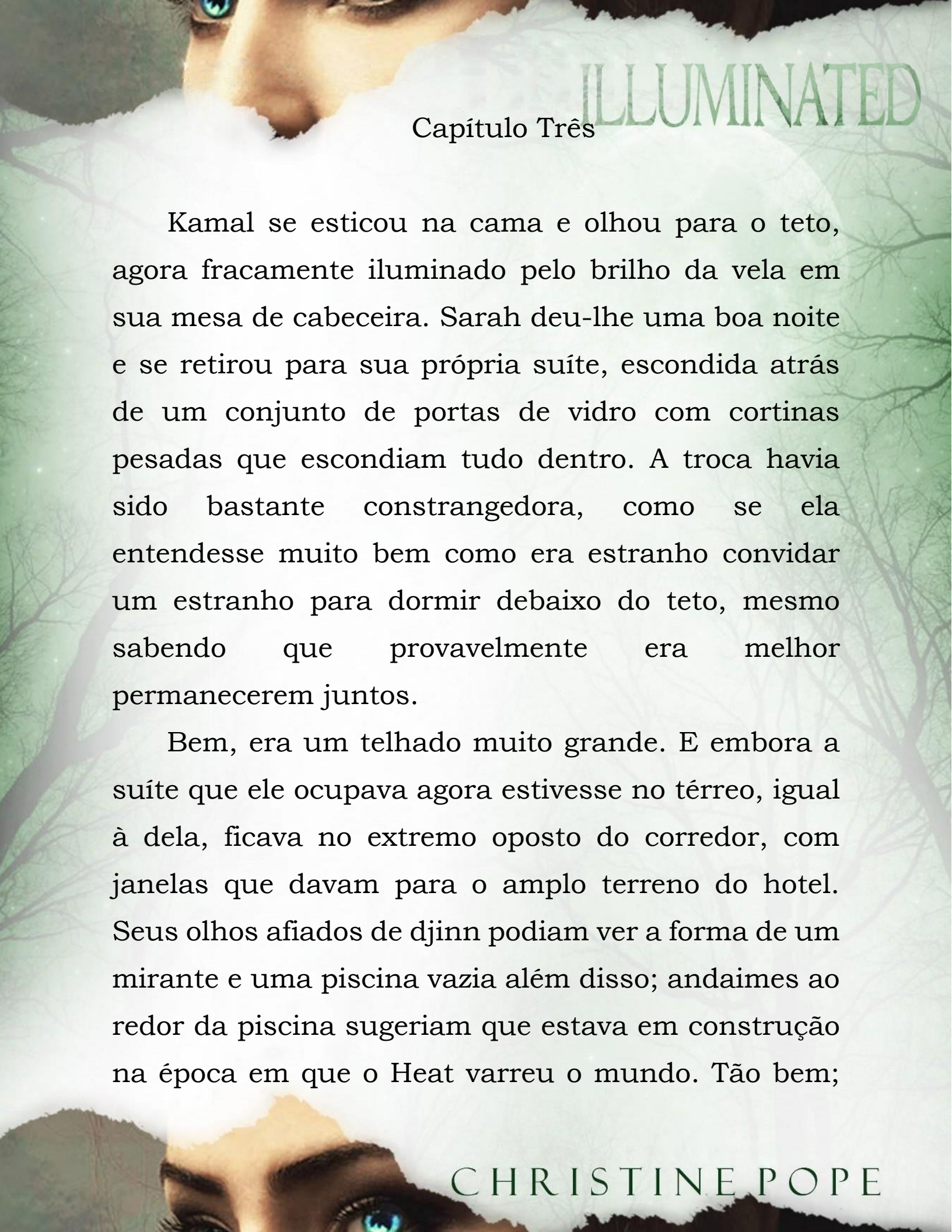
Ele ainda parecia incerto, então ela acrescentou, sorrindo para que ele soubesse que era uma piada: — Desde que você não seja um serial killer ou algo assim.

Um sorriso lento se espalhou por seu rosto.

— Não, eu não sou um serial killer.

Tudo o que ela podia fazer era esperar que ele estivesse dizendo a verdade.

CHRISTINE POPE

The background of the page is a composite image. At the top, there is a close-up of a woman's face, showing her eyes and part of her nose. The bottom of the page features another close-up of a woman's face, focusing on her eyes. The background is filled with a green, leafy pattern, possibly representing a forest or a garden.

Capítulo Três

ILLUMINATED

Kamal se esticou na cama e olhou para o teto, agora fracamente iluminado pelo brilho da vela em sua mesa de cabeceira. Sarah deu-lhe uma boa noite e se retirou para sua própria suíte, escondida atrás de um conjunto de portas de vidro com cortinas pesadas que escondiam tudo dentro. A troca havia sido bastante constrangedora, como se ela entendesse muito bem como era estranho convidar um estranho para dormir debaixo do teto, mesmo sabendo que provavelmente era melhor permanecerem juntos.

Bem, era um telhado muito grande. E embora a suíte que ele ocupava agora estivesse no térreo, igual à dela, ficava no extremo oposto do corredor, com janelas que davam para o amplo terreno do hotel. Seus olhos afiados de djinn podiam ver a forma de um mirante e uma piscina vazia além disso; andaimes ao redor da piscina sugeriam que estava em construção na época em que o Heat varreu o mundo. Tão bem;

CHRISTINE POPE

sem eletricidade, Sarah teria dificuldade em drená-la, uma tarefa que teria que ser realizada antes do congelamento do inverno.

No fim das contas, ele ficou bastante satisfeito com o resultado das coisas até agora. Ela parecia cautelosa a princípio, mas mais curiosa do que qualquer outra coisa. Kamal podia sentir como estava aliviada por falar com outro ser humano... ou pelo menos, alguém que ela pensava ser um ser humano.

Ainda bem que ele estudara esses mortais, fizera o possível para aprender a imitar seus padrões e expressões espirituais. Ele não achava que Sarah havia notado algo fora do comum sobre sua pessoa; ele se certificou de usar roupas que não atraíam atenção, jeans, camiseta e capuz e uma jaqueta de lona por cima disso. Botas de caminhada e uma mochila ack que ele havia encontrado em uma loja ao ar livre em Las Cruces. Claro que ele não tinha ido a lugar nenhum perto de Roswell; toda essa história era pura ficção. Ele precisava de algo plausível para contar a ela, algo que o fazia parecer um sobrevivente

por perto, se não um vizinho de verdade. Apenas o suficiente para que ela não achasse algo muito estranho, muito estranho nele.

Claramente ela não tinha, ou ele não estaria deitado aqui nesta cama confortável. Teria sido ainda mais agradável se ele pudesse compartilhar isso com ela, mas isso, ele é novo, estava esperando muito em breve. Ele notou os sinais óbvios de atração nela - olhares rápidos e de soslaio, um umedecimento casual de seus lábios, a maneira como ela alisava os cabelos quando pensava que ele não estava olhando - então ele sabia que a união deles não era impossível.. Longe disso. Todas as coisas em seu próprio tempo, no entanto.

Tempo... bem, ele teria que ver quanto tempo tudo isso realmente exigiria. O comentário de Sarah sobre a água poderia ter desconcertado um mortal, mas como Kamal era um elemental da água, tais problemas e inconveniências não eram um problema para ele. Ele a agradeceu pela jarra de água que ela lhe dera, dizendo que deveria haver o suficiente para

beber um copo com um pouco que restava para lavar a louça, mas ele não tinha intenção de usá-lo para esse fim. Tudo o que ele pediu foi entrar no banheiro e colocar a mão na torneira, e a água jorraria. Não era como se ele tivesse que conjurar a própria água, pois ela estava em seu tanque de espera embaixo do hotel, simplesmente esperando para ser usada.

Um talento pequeno, mas ainda assim ele teria que esconder de Sarah. Por enquanto, de qualquer maneira.

Ele gostava de falar com ela, no entanto, ouvindo o som da voz dela, baixo, mas suave, agradável o suficiente para que ele adivinhasse que não se cansaria facilmente. E a maneira como a luz do fogo brilhava em seus grandes olhos, quase verde em seu brilho dourado, mesmo que ele soubesse que seus olhos eram realmente azuis. Tão adorável, mesmo na camiseta lisa de mangas compridas que ela usava e seu jeans desbotado.

Apenas a lembrança de suas pernas finas e compridas naquelas calças jeans e o modo como sua

camiseta se agarrava a suas curvas eram suficientes para fazer seu sangue correr um pouco mais quente. Ele disse ao seu corpo que teria que esperar mais um pouco. Ela era amigável, mas nervosa, apesar de tudo. Se ele a pressionasse muito cedo, poderia estragar tudo.

Enquanto isso, era melhor ele querer dormir e saber que seria capaz de passar mais tempo com ela amanhã.

Embora estivesse fisicamente cansada - como quase todos os dias, depois de administrar todas as minúcias de uma vida sem eletricidade ou água corrente - Sarah não conseguia reunir a calma necessária para adormecer. Também não ajudou que a sala estivesse bastante fria; a cama estava empilhada com cobertores extras, mas eles só podiam fazer muito. O mesmo acontece com a lareira na área de estar da suíte. Graças a Deus era realmente funcional, mas a pequena fornalha não emitia tanto calor quanto ela gostaria. O suficiente para aliviar a

tensão, e foi isso. A sala estava equipada com um aquecedor portátil para complementar a lareira, mas sem eletricidade, o único uso do aquecedor era como um batente de porta de grandes dimensões. Mais de uma vez, Sarah se perguntou se deveria mudar sua base de operações para algum lugar um pouco mais conveniente. No final da rua havia várias casas que ela sempre admirara, novas, grandes e bem conservadas, construídas em estilo de chalé na encosta da colina.

E, no entanto, ela ficou, teimosamente agarrada a esse lugar, mesmo sabendo que seu pai havia partido, que ele não voltaria subindo a colina um dia, cheio de histórias sobre tudo o que havia sobrevivido desde o mundo. a mudança da febre havia atravessado a população. No fundo, ela entendeu que ninguém a encontraria aqui.

Exceto, improvavelmente, alguém tinha. E não apenas qualquer — alguém,— mas um cara provavelmente apenas alguns anos mais velho que ela, sombriamente bonito e amigável. Fale sobre o

universo decidir que talvez tivesse sido um pouco duro demais, afinal.

O que é claro que tinha. Você não podia comparar exatamente a emoção de ter um companheiro inesperado - não importa o quão atraente - aparecesse à sua porta com a tragédia indescritível de todos os inúmeros milhões perdidos.

Não, provavelmente bilhões. Ela estava tão isolada aqui que ainda não tinha uma idéia clara da enormidade desse desastre, mas duas pessoas vivas em um local tão pouco povoado quanto o Novo México eram um indicador bastante claro de que essa doença tinha uma mortalidade taxa que fez o Ebola parecer a catapora.

De onde ele veio? Ela pensou um pouco sobre isso, pensando que talvez a doença tivesse escapado de um laboratório. Algo direto de uma ficção científica sobre romance ou filme de terror. Não há zumbis aqui, no entanto. Apenas poeira e vazio.

Ela rolou. Na mesa de cabeceira havia uma pequena vela votiva com aroma de baunilha em um

suporte de vidro; ela não suportava ficar sozinha na escuridão nos dias de hoje, e sempre tinha que ter uma vela acesa quando o sol se punha. Em algum momento, ela supôs, ficaria sem velas, embora esse dia estivesse bem longe. Cloudcroft era pequeno, mas tinha sua própria loja de velas, e também havia algumas velas no dólar da família. Ela estava trabalhando primeiro naquelas, guardando as boas velas para mais tarde, quando precisaria delas para combater os dias sombrios e sem graça do inverno e início da primavera.

Se ela ficasse aqui. Talvez fosse melhor para ela e Cameron usarem o veículo mais resistente que pudessem encontrar aqui na cidade, drenar o máximo de gás possível - ela descobriu um monte de latas de gasolina no galpão de manutenção, para o transporte de combustível. seja um problema - e depois saia primeiro para Las Cruces e depois para Albuquerque. Certamente ainda havia pessoas em Albuquerque, mesmo que ela não tivesse conseguido contatá-las no rádio. Ela se recusou a acreditar que todo o estado

estava vazio, exceto ela e Cameron. Tinha que haver sobreviventes.

Algum lugar.

É claro que todos esses planos foram baseados na suposição de que os dois continuariam a se dar bem, decidissem trabalhar juntos. Pelo que ela sabia, um dia ou dois em sua presença seria suficiente para induzir o tédio, e Cam iria querer seguir em frente. Deus sabe que não seria o primeiro eu.

Tudo bem, Seth não a tinha largado exatamente do tédio. Ele queria sair daqui, queria que ela se mudasse para Albuquerque com ele, para que ambos tivessem uma chance melhor de conseguir algo. Qualquer coisa que não estivesse esperando mesas ou sendo atendente de um hotel. Mas ela não foi embora, e ele acabou sem ela. Ela chorou um pouco e tomou algumas cervejas com os amigos, todos dizendo a ela que Seth era um idiota egoísta e que ela poderia fazer melhor. Ela queria acreditar nisso.

Mas... e se *ela* fosse uma idiota egoísta? E se ela tivesse se apegado a sua responsabilidade para com

o pai, porque não queria reconhecer que estava meio assustada de tentar fazer algo de si mesma no mundo além de Cloudcroft?

Possivelmente. Não que isso importasse agora.

De qualquer forma, ela estava se adiantando. Ela precisava esperar e ver como as coisas funcionavam com Cameron. Deus sabe que ele era fácil aos olhos, mas e se ele se mostrasse menos do que o ideal? Talvez ele fosse preguiçoso e esperasse que ela esperasse a mão dele e o pé. Tudo bem, isso não parecia alguém que tinha acabado de andar cem quilômetros nas estradas da montanha para chegar aqui, mas você nunca sabia ao certo, não é? Ou talvez ele fosse um idiota, ou alguém que queria passar o dia todo falando sobre as pontuações do beisebol.

Ou talvez ele tentasse ficar físico. Havia um verdadeiro enigma, porque ela tinha que admitir para si mesma que não achava que se importaria muito se ele o fizesse. Ela não sabia basicamente nada sobre ele, mas sabia que reagia a ele em um nível visceral, era atraída por esses olhos escuros e ardentes, aquela

constituição magra e musculosa. Tudo bem, ela não podia realmente dizer que seus olhos ardiam exatamente, mas eles eram muito escuros e profundos, franjados com cílios incríveis. E aquele cabelo escuro e sedoso. Se perguntada, ela provavelmente teria dito que realmente não gostava de homens com cabelos longos, que isso parecia meio feminino para ela, mas não havia absolutamente nada feminino em Cameron.

Naquele momento, ela não tinha certeza do que seria pior - se ele se tornasse físico antes que ela quisesse, ou se nunca o fizesse.

E se ele fosse gay? Ele não parecia gay para ela, mas ela seria a primeira a admitir que seu gaydar não estava exatamente bem calibrado. Seria uma ótima ironia, no entanto... ter o cara mais bonito para sobreviver ao apocalipse bem aqui no colo dela, por assim dizer, e ele não se importaria com o colo dela porque ele realmente estava esperando o sobrevivente que encontrou acabaria sendo Sean, não Sarah.

Tudo bem, agora seria um bom momento para parar de se torturar, ela pensou, e rolou de novo, desta vez de costas.

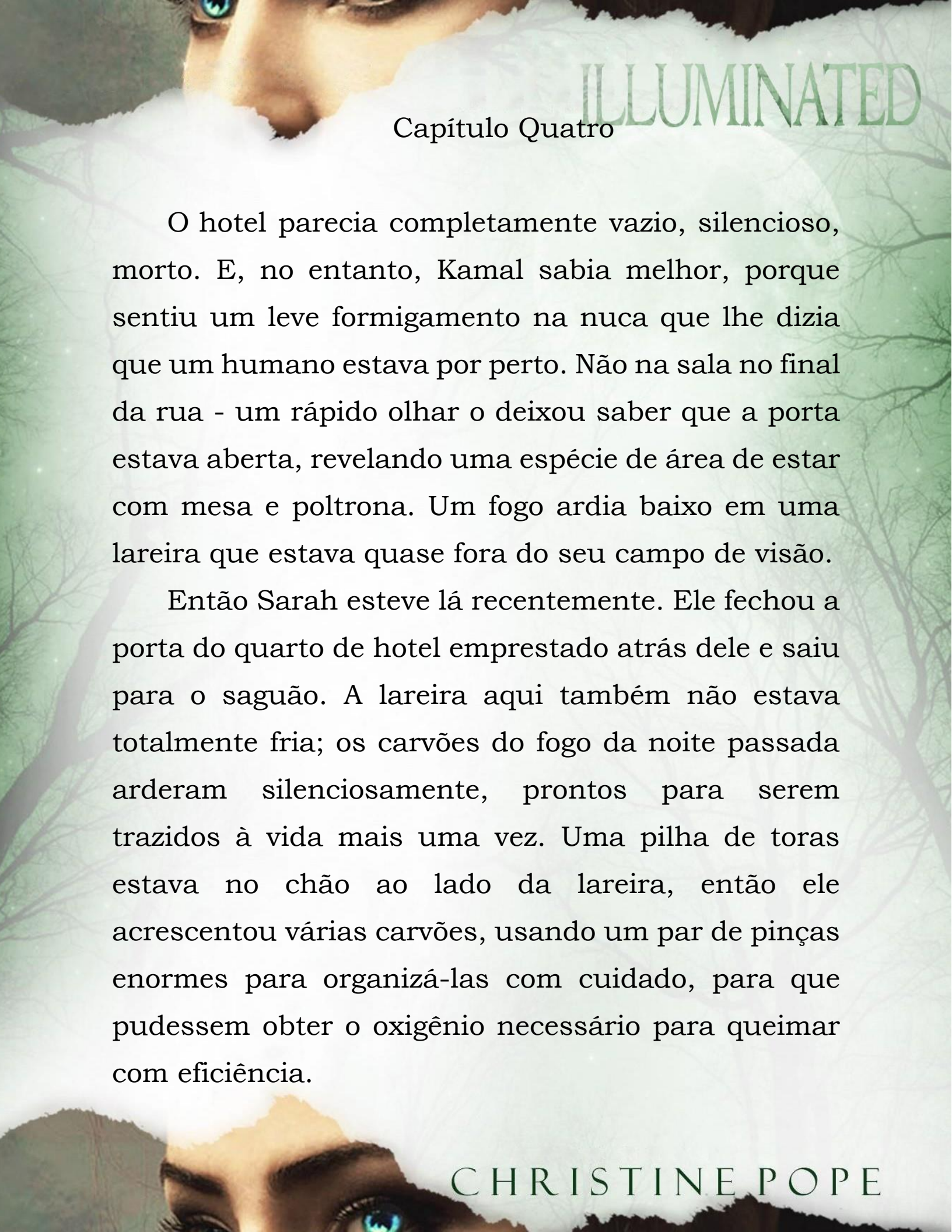
Mas ela ainda não conseguia se calar. Era como se a presença de Cameron tivesse ligado um interruptor, fez seus pensamentos dispararem, perseguindo um após o outro. Sua história parecia bastante plausível, e ainda assim....

Mais de dois meses se passaram desde que o mundo mudou. Sim, ele disse a ela como percorreu as ruas de Roswell e as fazendas e ranchos fora da cidade, procurando sobreviventes, mas esse tipo de empreendimento levaria dois meses inteiros? Ela tinha que admitir que não estava tão familiarizada com Roswel como ela gostaria - ela foi lá de vez em quando, uma vez com um monte de amigos para rir no Museu OVNI e nas lojas cafonas que atendiam ao paranormal multidão, outra vez apenas a caminho de Carlsbad Caverns - mas ela não tinha uma boa noção de quão grande era a cidade, quantas ruas residenciais Cameron poderia ter atravessado.

Apenas fazer uma inspeção semelhante a Cloudcroft levava alguns dias, e a pequena aldeia tinha menos de mil residentes permanentes.

Enfim, que motivo ele teria para mentir? Talvez ele tivesse passado algumas semanas apenas tentando entender o que havia acontecido, preparando-se para enfrentar uma realidade mudada. Se fosse esse o caso, provavelmente ele estava em um lugar melhor do que ela. Sarah sabia que deveria ter deixado Cloudcroft semanas ou meses atrás, tentando encontrar sobreviventes no mundo inteiro. Mas ela não estava, ficando aqui por medo, ou esperança vã, ou talvez boa e velha inércia.

Bem, agora ela não precisava procurar. Ela tinha alguém aqui com seu pai e as coisas nunca mais seriam as mesmas.

The background of the page is a composite image. At the top, there is a close-up of a woman's face, showing her eyes and nose. The bottom of the page features another close-up of a woman's face, focusing on her eyes. The background is filled with a green, leafy texture, possibly representing a forest or a garden.

Capítulo Quatro

ILLUMINATED

O hotel parecia completamente vazio, silencioso, morto. E, no entanto, Kamal sabia melhor, porque sentiu um leve formigamento na nuca que lhe dizia que um humano estava por perto. Não na sala no final da rua - um rápido olhar o deixou saber que a porta estava aberta, revelando uma espécie de área de estar com mesa e poltrona. Um fogo ardia baixo em uma lareira que estava quase fora do seu campo de visão.

Então Sarah esteve lá recentemente. Ele fechou a porta do quarto de hotel emprestado atrás dele e saiu para o saguão. A lareira aqui também não estava totalmente fria; os carvões do fogo da noite passada arderam silenciosamente, prontos para serem trazidos à vida mais uma vez. Uma pilha de toras estava no chão ao lado da lareira, então ele acrescentou várias carvões, usando um par de pinças enormes para organizá-las com cuidado, para que pudessem obter o oxigênio necessário para queimar com eficiência.

CHRISTINE POPE

Um farfalhar de um lado o fez erguer os olhos. Sarah ficou lá, vestida de jeans e um suéter. Em cada mão, ela segurava uma caneca de vidro branco. O vapor ondulava daquelas canecas, junto com o cheiro rico de café fresco.

— Eu pensei que você poderia gostar de um pouco.

Disse ela, estendendo uma das canecas para ele.

— Obrigado.

Ele respondeu, e se aproximou para poder tomar o café dela. De propósito, ele tinha os dedos roçando os dela, só para ver como ela reagiria. A cor ardia na pele clara de suas bochechas, mas ela não vacilou ou tentou se afastar dele.

Boa.

— Espero que você não se importe que eu tenha cuidado do fogo.

Continuou ele, esperando que seu tom casual aliviasse um pouco da tensão na sala. Um tipo bem-vindo de tensão, com certeza, mas ele não queria deixá-la muito tensa. Ele precisava que ela se

relaxasse ao seu redor, para se acostumar com a realidade de sua presença.

— Não, não me importo. Eu pretendia chegar lá, mas depois achei melhor começar o café.

— Sim, eu lembro de você dizendo que tinha propano aqui.

— Por enquanto.

Um levantamento dos ombros, um gesto de mão que não o enganou por um segundo.

— Eu tento ter cuidado com isso. Felizmente, os tanques estavam cheios apenas um dia antes... bem, antes. Portanto, não acho que isso tenha se esgotado. É difícil dizer com certeza, no entanto.

— Eu posso verificar.

Ele ofereceu, e suas sobrancelhas arqueadas levantaram em surpresa.

— Você pode? Suponho que deveria saber como fazê-lo, mas meu pai sempre cuidava desse tipo de coisa em casa...

Sim. Eu costumava trabalhar em um rancho nos arredores de Roswell. Eles me mostraram como. Só vou precisar de água quente.

Ela sorriu então, claramente aliviada por ter alguém por perto para ajudar com essas questões mundanas.

— É o que eu tenho, já que apenas fervei água para tomar café. Deixe-me ir buscar a chaleira.

— Certo.

Ele teve a impressão de que ela queria que ele ficasse onde estava, então ficou em pé em frente à lareira, bebendo um café quente, enquanto ela desaparecia através do bar e entrava na sala de jantar do hotel. A cozinha deve estar localizada em algum lugar além disso.

O café era bom, forte e rico. Ele ficou vermelho se ela estivesse usando as lojas deixadas aqui no Lodge, ou se isso era algo que ela havia conseguido na cidade. Não que isso importasse de um jeito ou de outro.

Quanto ao truque com o propano - ao contrário de muitos de sua espécie, que podem se dignar a provar a culinária humana, ou ouvir a música criada pelos mortais, ou visitar uma de suas galerias de arte, mas, de outra forma, demonstram pouco interesse pelos assuntos humanos - Kamal tinha estudado muitas facetas da vida humana, especialmente o tipo de vida liderada pelas pessoas nesta parte do país, o lugar que outrora fora o Novo México. Ele sabia desde o início quem ele queria ser seu escolhido, e então ele decidiu mergulhar no mundo que ela conhecia. O futuro dela poderia ser totalmente diferente do que ela esperava uma vez, e ainda assim ele esperava que ele pudesse lhe oferecer um pouco de familiaridade.

Sarah voltou, uma chaleira de aço inoxidável em uma mão.

— Os tanques estão aqui fora.

Ele a seguiu através de um conjunto de portas francesas para os jardins. Agora toda a grama estava amarela, desbotada na dormência do inverno. Frost ficou vermelho naquela grama e ele viu Sarah tremer.

O frio não poderia afetá-lo como ela, mas ele fez um show de sopro nas mãos enquanto caminhava, para que ela não comentasse sua falta de reação às temperaturas quase congelantes.

Passaram pelo mirante e a piscina agora em construção permanente. Kamal viu que Sarah estava indo em direção a um edifício longo e baixo, meio escondido atrás de uma elevação. — O galpão de manutenção. Explicou ela, embora a estrutura parecesse muito maior do que o galpão médio.

Atrás daquele prédio havia dois grandes tanques brancos.

— Qual?— ele perguntou.

— O mais próximo de nós. É o tanque principal. Acho que deve ser trocado quando está vazio, mas sinceramente não sei se isso é algo que acontece automaticamente, ou se precisamos sair e fazer algo a respeito.

Sua expressão era perturbadora, apesar de Kamal não ter certeza se essa preocupação se baseava em sua falta de conhecimento sobre o processo, ou

apenas em se preocupar com a possibilidade de que eles estivessem muito perto de usar o primeiro tanque.

— Bem, vamos ver se é algo que precisamos nos preocupar no futuro próximo,— disse ele. — Depois disso, vamos nos preocupar com como devemos trocar os tanques.

— O rosto dela se iluminou um pouco e ele continuou: — Derrame a água quente na lateral do tanque. Depois disso, sentirei o metal. Será mais quente na parte que está vazia. O local em que ela muda nos diz quanto resta.

— Uau,— disse ela, parecendo impressionada.

— É realmente assim tão simples?

— Usualmente. Dê uma chance.

Ela levantou a chaleira e derramou uma quantidade generosa de água no tanque. O líquido vaporou no ar frio e Kamal esperava que a temperatura ambiente, que parecia estar pairando alguns graus acima do congelamento, não alterasse

muito os resultados. Ele pegou o metal, deslizando lentamente a mão pela superfície do tanque.

Lá. Também bem alto, o que significava que o tanque estava um pouco mais de três quartos cheio. Ele não sabia exatamente o quanto de propano tais atividades mundanas como consumir o fogão realmente consumiam, mas como não estavam utilizando os aquecedores de água quente no momento, ele imaginou que isso deveria percorrer um longo caminho. Tempo suficiente, pelo menos. Não era como se o combustível precisasse durar o inverno.

Porque por mais que ele gostasse de ficar aqui com Sarah pelo tempo que fosse necessário, Kamal sabia que ele não tinha para sempre. Algumas semanas antes, não muito depois do dia que costumava ser o Dia de Ação de Graças, quando ainda havia pessoas vivas para celebrá-lo, ele fora chamado para falar com Zahrias al-Harith, o líder da comunidade djinn em Taos.

— Espero que você não planeje que esse seu pequeno experimento continue indefinidamente,— disse Zahrias com uma carranca.

— Seus jogos não são algo que os mais velhos vão sorrir.

— Oh, não por tempo indeterminado,— respondeu Kamal.

— Só o tempo suficiente para eu ter certeza.

— Os outros djinn aqui não precisaram de nada próximo a esse período de tempo para ter 'certeza'.

Kamal só conseguiu levantar os ombros. O que os outros djinn fizeram ou não fizeram quando se tratava dos Escolhidos era de pouca preocupação para ele. Se eles queriam ser imprudentes com seus futuros, que assim seja. Ele não pretendia cometer o mesmo erro.

— Você tem até a virada do ano, como os mortais consideravam,— disse Zahrias.

— Não mais. Se você não estiver entre nós, então, não posso jurar pela segurança de sua Escolhida, pois você sabe que nunca foi planejado para você viver separado do resto de nós.

— Eu entendo,— dissera Kamal e deixou Taos sem se sentir indevidamente sobrecarregado pelo prazo que Zahrias havia imposto. Retornar para Taos com Sarah Wright na virada do ano? Isso ainda lhe deu várias semanas. Muito tempo.

Se isso exigisse tanto tempo. Ele não queria esconder o uso de água de Sarah para sempre. Talvez ele precisasse apresentar algum tipo de explicação plausível para o motivo pelo qual eles repentinamente tinham água corrente na Loja. Não parecia que ela era tecnicamente inclinada e, portanto, ele provavelmente poderia oferecer algum tipo de dispositivo equipado com júri para satisfazer sua curiosidade sem fornecer muitos detalhes.

— Temos uma quantidade decente de propano,— disse ele, e embora ela não tenha caído de alívio, ela parecia um pouco menos tensa.

— Parece que restam mais de três quartos do tanque, e como eu acho que esses tanques provavelmente duraram pelo menos uma semana entre as recargas, deve ser suficiente por um bom

tempo. Não é como se o hotel estivesse cheio de convidados.

O meio sorriso que a tocou completamente desapareceu abruptamente. — Não,— ela disse, — que definitivamente não é. De qualquer forma, vamos entrar. Está congelando.

Ele não discutiu com isso. Não que ele não soubesse o quão frio estava, apenas que a temperatura não tinha efeito real sobre ele.

Eles caminharam de volta pelo terreno, para o calor bem-vindo do saguão. Sarah fechou a porta, trancando-a atrás deles.

Depois que isso foi feito, ela olhou para ele.

— Bem, agora que é seguro cozinhar... que tal alguns biscoitos e ovos?

Cameron pareceu apreciar o café da manhã que ela fez para ele - ele comeu cada pedacinho dos ovos mexidos e comeu dois biscoitos, além de outra xícara de café. Agradeço a Deus pelas galinhas, e a tranquilidade que lhes permitiu continuar deitando

serenamente semana após semana, apocalíptico ou não. A princípio, Sarah pensou em tentar levar as galinhas para o hotel, talvez mantê-las no galpão de manutenção ou em uma das outras dependências, mas depois decidiu deixá-las ficar onde estavam. Eles pareciam contentes o suficiente em suas gaiolas cobertas, embora ela ainda estivesse preocupada com o que fazer com eles quando o tempo realmente frio chegasse.

Ela não tinha ovos o tempo todo, principalmente porque não tinha uma boa maneira de armazená-los sem refrigeração, mas reuniu meia dúzia no dia anterior enquanto percorria a cidade. A melhor maneira que descobrira para manter os ovos frescos era colocá-los em uma cesta que pendia dos beirais do hotel; Dessa forma, ela não precisava se preocupar com nenhum animal chegando até eles. Ela supôs que um urso não teria nenhum problema em alcançar a cesta, embora talvez os ursos já estivessem hibernando. Até agora, o inverno fora artificialmente ameno, mas ela não sabia se as temperaturas mais

altas que a média afetariam quando os animais dormissem no inverno ou não. Certifique-se de estar seguro.

De qualquer forma, ela teve que admitir que era bom em um nível visceral assistir Cam comer a comida que preparara para ele com um apetite saudável. E ele não se queixou da falta de manteiga para os biscoitos ou de leite para o café. É verdade que havia um suprimento decente de desnatadeira na despensa aqui, mas ela preferia ficar sem colocar todos os produtos químicos em seu café. E embora ela tivesse colocado uma pequena cesta com os recipientes não danificados, ele também não parecia inclinado a usá-los.

Então o re era algo que os dois tinham em comum. Uma coisa tão pequena, e ainda assim a fez se sentir um pouco mais relaxada com a presença dele aqui.

— Isso foi ótimo,— disse ele, empurrando o prato vazio para longe dele.

— Onde você guarda as galinhas? Em algum lugar do hotel?

— Não,— respondeu ela, depois pegou os dois pratos e colocou-os no balcão ao lado da pia. Já se foram os dias em que ela poderia simplesmente abrir a torneira para limpar, mas depois encheu um balde com água do poço e o trouxe para que pudesse lavar os pratos, garfos e canecas de café. — Eu realmente não tinha um bom lugar para colocá-los, a menos que quisesse fazer uma reforma séria. Além disso, eu estava preocupado que o movimento das galinhas pudesse perturbá-las, impedi-las de deitar. Então, eu apenas vou ao redor e pego o que preciso e trago de volta aqui.

— E a água?

— O hotel tem seu próprio poço. Mas tenho que bombear manualmente, e é por isso que estamos em racionamento.

Para sua surpresa, Cameron sorriu com seu comentário.

— Talvez eu possa ajudar com isso. Você tem painéis solares por aqui?

— Existem algumas aqui no hotel, e há casas na cidade que as possuem, se você não quiser mexer com o que já está no lugar. Por quê? Você é engenheiro de painéis solares ou algo assim?

— Não, mas eu trabalhei um pouco com eles. Eu provavelmente poderia descobrir uma maneira de ligar um pouco a bomba do poço, para que tivéssemos água corrente. Teríamos que ser poupados, mas seria melhor do que ter que retirá-lo manualmente do poço. E como o suprimento de propano parece bom, isso significa que você teria água quente novamente.

O simples pensamento de um banho quente, depois de todas essas semanas de banhos mornos, foi suficiente para enviar um arrepio de antecipação por Sarah. Talvez algumas pessoas se ofendessem com a maneira como Cameron começou a assumir o controle, mas naquele momento ela não se importava. Ter que ir sozinho nos últimos dois meses foi difícil.

Naquele momento, ela estava feliz por ter alguém disposto a arcar com parte do fardo.

— No final da rua, existem algumas casas de férias sofisticadas com instalações solares ,— disse ela.

— Você quer dar uma olhada?

— Soa como um plano.

Desta vez, ambos pararam para vestir suas jaquetas antes de sair. Sarah levou Cameron para o galpão de manutenção, onde o carrinho de golfe que ela usava estava conectado, pronto para ir. Sua carga não duraria tanto quanto transportar o peso de Cam e o dela, mas eles não tinham muito o que viajar.

— Dessa forma, eu não desperdiçaria gasolina,— explicou ela, pilotando o carrinho para fora do galpão e descendo um dos pequenos trilhos de acesso à propriedade.

— Há carros abandonados por toda a cidade e um posto de gasolina, mas isso parecia mais simples de se locomover.

— Faz sentido.— Ele ficou quieto por um momento, observando o terreno do hotel dar lugar às estreitas ruas residenciais que circundavam a propriedade.

— É difícil bombear gás sem eletricidade. Sei que há algum tipo de substituição manual para contornar os sistemas elétricos nos postos de gasolina, mas não tenho idéia de como isso funciona.

Ao contrário de tanques de propano e painéis solares, aparentemente. Sarah não comentou, no entanto. Ela estava feliz por ele ter uma solução para o problema da água.

Ao contrário dela. Por um momento, ela sentiu uma irritação consigo mesma, depois percebeu que precisava deixar isso para lá. Se ele fez bem nos últimos meses. Não era como se ela realmente esperasse se transformar em algum tipo de gênio técnico, apenas porque o apocalipse havia acontecido e tornado essas habilidades mais importantes do que nunca.

Chegaram a uma das casas que ela tinha em mente e ela desceu o carrinho pela entrada íngreme, esperando que o pequeno veículo tivesse suco suficiente para voltar a subir quando terminassem. Ela já havia procurado nesta casa, mas o havia feito a pé porque estava perto o suficiente do hotel e não havia nenhum ônus real em levar alguns sacos de suprimentos. Os painéis solares, por outro lado, eram muito mais volumosos.

— Eles têm alguns painéis montados no teto,— explicou ela, quando Cam saiu do carrinho e começou a olhar em volta. — Mas há toda uma variedade na encosta logo abaixo da casa.

— Mostre-me,— disse ele, com uma nota de comando em sua voz que ela não pôde deixar de levantar uma sobrancelha. No entanto, ela disse a si mesma que ele provavelmente estava apenas ansioso para ver os painéis solares, descobrir se eles funcionariam.

— Por aqui,— respondeu ela, e foi em direção ao lado norte da propriedade para que eles pudessem

contornar a própria casa e sair no íngreme — quintal— - na verdade, não muito mais do que sujeira nua irregular com alguns pinheiros para quebrar a monotonia - a oeste.

Cam passou por ela assim que avistou os painéis solares, um conjunto modesto de cerca de dez deles, todos com um metro por outro. Felizmente, eles não eram tão grandes que não cabiam na parte de trás do carrinho de golfe.

Sem falar, ele começou a inspecionar a parte de baixo dos painéis, o conduíte que deve conectá-los à rede elétrica da casa. Depois de um longo momento, ele pareceu concordar, abriu um painel na parte de trás e começou a desconectar os fios que encontrava lá.

— Você acha que eles vão funcionar?— ela perguntou.

Um aceno de cabeça, mas Cameron não levantou os olhos da tarefa. — Acho que sim. Como eu disse, eles não nos dão muita energia, mas não é como se estivéssemos operando os aparelhos de ar

condicionado ou algo assim. O poço não precisa extrair muita energia.

— E a geladeira?

— Eu não sei. Nós vamos ter que ver.

Ela experimentou uma pequena pontada de decepção com a resposta dele, mas tentou dizer a si mesma que ter água corrente era mais importante que a refrigeração. Como estava tão frio agora, ela poderia manter os perecíveis do lado de fora se estivesse preocupada com o frescor deles. Mesmo durante o dia, as altas temperaturas mal chegavam aos quarenta. Além disso, ela já havia perdido as coisas realmente importantes - a carne, o queijo e os laticínios - nos dias logo após a falha da energia. Ela teve que carregar tudo em sacos de lixo de plástico, levá-lo para a floresta e despejar tudo. Agora, a única coisa em que realmente precisava se preocupar com a refrigeração era os ovos.

Os dedos de Cameron se moveram nas montagens que seguravam os painéis solares em seus compartimentos. Sarah não sabia dizer exatamente o

que ele estava fazendo, mas um minuto depois, ele tinha um deles livre. — Você pode pegar isso?— ele perguntou. — Não é muito pesado.

Ela queria dizer a ele que era perfeitamente capaz de carregar objetos pesados, mas ficar irritado não serviria para nada. Em vez disso, ela assentiu e pegou o painel solar dele, depois o transportou pelo quintal e voltou para onde o carrinho elétrico esperava. O painel cabia na parte de trás... mal. Quando terminou, Cameron tinha um segundo painel solto. Como eles pareciam ter concordado com um sistema, ela o levantou em silêncio e novamente o levou ao carrinho enquanto seu companheiro continuava trabalhando. No entanto, quando ele libertou o terceiro painel, ele o pegou e a conheceu quando ela voltava do carrinho.

— Isso deve ser o suficiente por enquanto,— disse ele. — Não adianta rasgar o quintal inteiro se eu não conseguir que isso funcione.

— Tudo certo.— Na verdade, isso soou como uma ótima idéia. Embora ninguém pudesse acusá-la de

estar fora de forma, carregar os pesados painéis em terrenos acidentados não era exatamente um piquenique. Melhor descobrir se o plano de Cam era prático antes de ela passar a manhã toda se desgastando.

Eles entraram no carrinho e voltaram para o hotel, o pequeno veículo andando, claramente não felizes com os encargos extras dos painéis solares, para não mencionar um homem musculoso de um metro e oitenta. Ou talvez um metro e oitenta, Sarah pensou enquanto dirigia para a parte de trás do hotel, aproximando-os o mais perto que os caminhos permitiam ao local do poço. Cameron pode não ser um pé mais alto que ela, mas como ela tinha apenas um metro e oitenta, ela pensou que ele era muito próximo disso.

Ele pegou todos os painéis de uma só vez, sem mostrar nenhum sinal real de tensão. Tão... forte também. Alto, moreno e bonito.

Oh garoto.

Sem falar, ela o seguiu até o poço. Realmente não parecia tanto assim - um bueiro redondo de metal, alguns tubos de metal de formato estranho saindo do chão a alguns metros de distância.

— Vou colocar os painéis na horizontal ,— disse Cameron, ajoelhando-se na terra fria e dura enquanto erguia a tampa do poço. — Isso não funcionará a longo prazo - eles precisam estar no ar. Mas, novamente, não há sentido em construir uma estrutura para eles se eu não conseguir que eles se saibam bem com a fiação na bomba do poço. — Ele colocou a tampa de metal pesado para um lado e depois enfiou a cabeça dentro da abertura.

— Você vê alguma coisa?— Sarah perguntou. Ela nunca realmente levantou a tampa do poço, preocupando-se que, se ela começasse a mexer por dentro, poderia realmente estragar alguma coisa ou possivelmente contaminar a água. A bomba manual estava localizada a alguma distância, perto do galpão de manutenção e, portanto, não exigia que ela trabalhasse com o próprio poço. De qualquer forma,

sem eletricidade, não havia muito sentido em mexer com o poço.

— Eu vejo a bomba. E eu vejo o chicote elétrico. Ele puxou a cabeça para fora do buraco escuro no chão, afastando os cabelos compridos. Não era longo o suficiente para amarrar de volta em um rabo de cavalo, para que Sarah pudesse ver por que isso poderia atrapalhar.

Por alguma razão, porém, tudo o que ela realmente queria era passar as mãos pelos cabelos. Tentando tirar essa imagem da cabeça, ela disse: — E isso significa...?

— Isso significa que preciso de algumas ferramentas.— Ele ficou de pé e roçou os joelhos sujos de seus jeans.

— Existem ferramentas no galpão de manutenção. Eu posso pegá-los...

— Não, é melhor se eu conseguir o que preciso. Isso pode demorar um pouco, então não faz sentido você ficar parado aqui no frio.

— Eu não me importo.

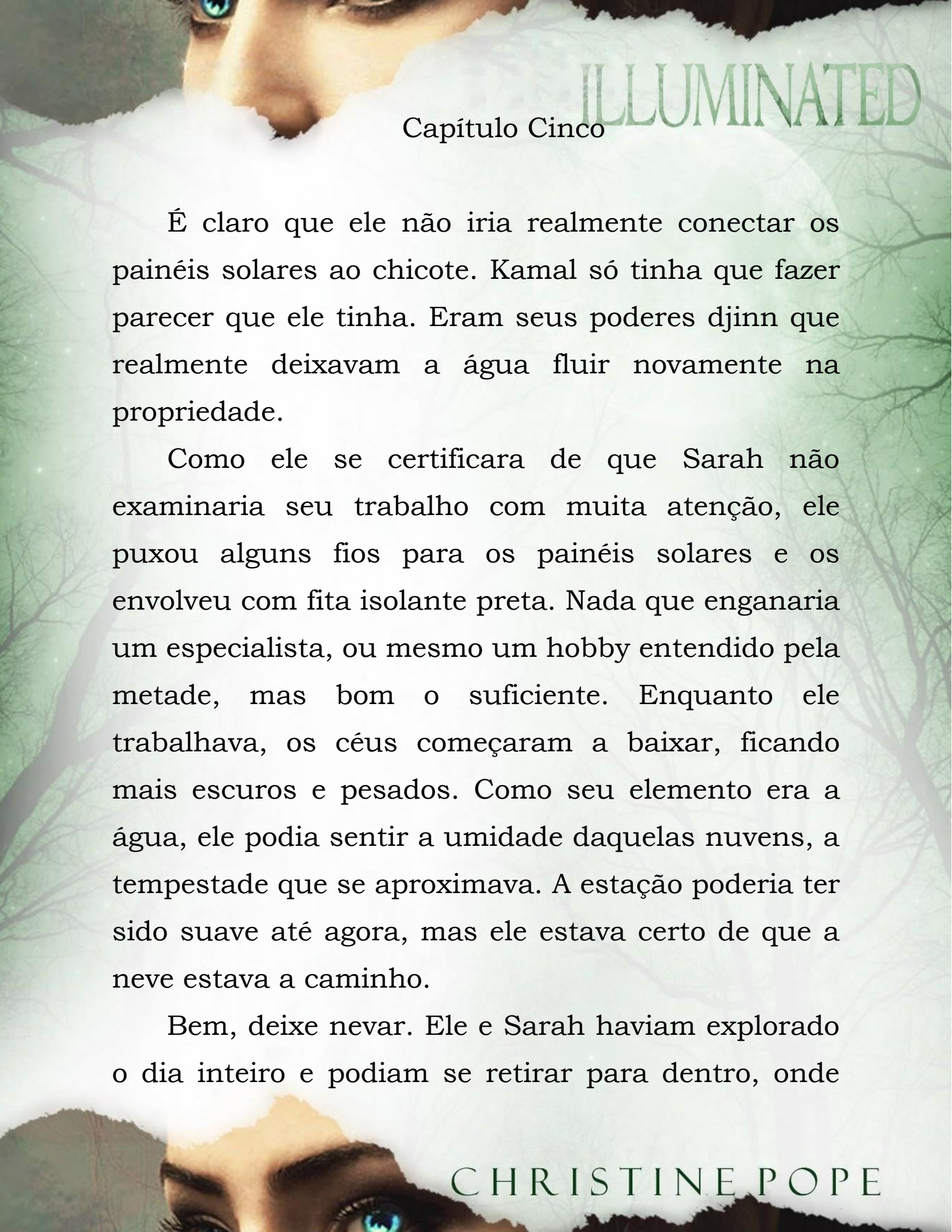
— Mas eu sim.— Ele lhe deu um sorriso rápido, o tipo de sorriso que poderia derreter joelhos a cinquenta passos. — Não se preocupe - vou gritar se precisar de você.

— Tudo bem,— disse ela com relutância. — Se você precisar de qualquer coisa -

— Eu vou ligar.

— OK.— Ela ofereceu a ele um sorriso de sua mãe, embora duvidasse que o dela fosse tão brilhante quanto o sorriso que ele lhe dera apenas um momento antes. Quando ela se virou para voltar para o hotel, ela o viu seguir em direção ao galpão de manutenção, com a cabeça erguida, confiante.

Sarah supôs que veria em breve se essa confiança era extraviada.

The background of the page features a close-up of a woman's face, specifically her eyes and nose, which are partially obscured by a white, cloud-like or smoke-like effect. The overall color palette is a mix of soft greens and whites, suggesting a natural, perhaps snowy or misty, environment. The text is overlaid on this background.

Capítulo Cinco

ILLUMINATED

É claro que ele não iria realmente conectar os painéis solares ao chicote. Kamal só tinha que fazer parecer que ele tinha. Eram seus poderes djinn que realmente deixavam a água fluir novamente na propriedade.

Como ele se certificara de que Sarah não examinaria seu trabalho com muita atenção, ele puxou alguns fios para os painéis solares e os envolveu com fita isolante preta. Nada que enganaria um especialista, ou mesmo um hobby entendido pela metade, mas bom o suficiente. Enquanto ele trabalhava, os céus começaram a baixar, ficando mais escuros e pesados. Como seu elemento era a água, ele podia sentir a umidade daquelas nuvens, a tempestade que se aproximava. A estação poderia ter sido suave até agora, mas ele estava certo de que a neve estava a caminho.

Bem, deixe nevar. Ele e Sarah haviam explorado o dia inteiro e podiam se retirar para dentro, onde

CHRISTINE POPE

estava quente e seguro. Isso o convinha muito bem, porque então ele poderia passar mais tempo em estreita proximidade com ela. Ele ficou satisfeito com a maneira como ela havia trabalhado com ele esta manhã, carregando as cargas pesadas daqueles painéis solares sem nenhuma palavra de queixa. Então, novamente, depois dos últimos meses, ela provavelmente se acostumou a fazer o que precisava para sobreviver.

Ele devolveu as ferramentas ao galpão de manutenção e começou a voltar para o hotel. Enquanto ele avançava, os primeiros flocos de neve começaram a cair, tão leves e substanciais que dificilmente pareciam ser formados por água, deviam estar caindo de alguma cama celestial de penas. Eles mal espanavam seus cabelos e ombros antes que ele estivesse em segurança no calor relativo da cozinha do Lodge. Um leve traço de calor permaneceu no café da manhã que Sarah preparara mais cedo, embora soubesse que o saguão devia ser mais confortável. Ele podia sentir o cheiro da fumaça de madeira daqui.

Sarah estava parada junto à lareira, com um tronco pesado na mão. Quando ele se aproximou, ela anotou e deu a ele um olhar expectante. — Como foi?

— Venha ver por si mesmo.

Sua cabeça inclinou-se um pouco para a pessoa, mas ela não discutiu. Em silêncio, ela o seguiu até a cozinha. Sua expressão era cética - uma sobrancelha levemente inclinada, a boca não muito franzida.

Muito bem. Ele sabia que ela tinha todos os motivos para duvidar dele, mas também sabia algo que ela não sabia.

Ele foi até a torneira e abriu a torneira. A água começou a vazar, enchendo a jarra que ele colocara ali em preparação para este momento.

Os olhos de Sarah se arregalaram, surpreendentemente azuis. — Oh meu Deus! Você fez isso!— Claramente não cética agora, ela correu até a tinta e colocou um dedo embaixo da torneira, como se ainda tivesse que sentir a água para acreditar que realmente estava fluindo, não era apenas um produto de sua imaginação.

— Bem, não sei quanto de carga os painéis receberão esta manhã. Ele ‘s começou a nevar. Então é provavelmente melhor jogar pelo seguro. — Ele fechou a torneira antes de se virar para encará-la.

Ela não parecia muito desconcertada com o comentário dele. — Ainda assim... você conseguiu que funcionasse.— Seu olhar mudou, movendo-se em direção a uma das janelas na parede oposta. Lá fora, a neve continuava caindo, ainda não espessa o suficiente para cobrir qualquer coisa, embora Kamal percebesse que a temperatura estava fria o suficiente para que a precipitação ficasse. — Isso é mais do que eu tenho sido capaz de gerenciar.

Ele não queria vê-la se depreciar. Afinal, ele não tinha conseguido grandes feitos técnicos, apenas a fez acreditar que o que ele havia feito com seus poderes era o resultado de conhecimento científico e não de talento inato. — Você conseguiu muito,— disse ele. Por impulso, ele doeu e pegou as mãos dela. Seus dedos estavam pequenos e frios, e ele colocou as mãos em volta das dela, esperando poder aquecê-la - e

também esperando que ela não tentasse se afastar. Se ela o fizesse, ele não a impediria, pois ele aceitaria um gesto como um sinal de que ela não estava pronta para qualquer tipo de contato físico, mesmo algo tão inócuo quanto dar as mãos.

No entanto, ela não se afastou. Ela ficou ali, com o corpo esbelto, imóvel, como se não tivesse certeza do que deveria fazer.

Encorajado, Kamal continuou: - Você sobreviveu aqui por dois meses, sozinho. Você se manteve seguro. Isso é muito, mesmo que você não pense.

Os olhos dela encontraram os dele. Uma cor tão clara e bonita, como a mais pura água-marinha. — Não, sou covarde. Eu deveria ter saído. Eu deveria procurar outros sobreviventes...

— Não tem,— ele interrompeu. — Eu também procurei. Não encontrei ninguém, exceto você.

Ela parecia vacilar então, seu olhar se afastando dele para se concentrar na neve que caía lentamente do lado de fora das janelas.

— E se você fosse embora,— continuou ele, — eu teria vindo aqui e encontrado este lugar vazio. Se você tivesse descido a colina em Tularosa ou Alamogordo, se tivesse continuado a Areias Brancas e atravessado a montanha através de Las Cruces... provavelmente nunca teria encontrado você.

Uma longa pausa. Suas mãos estavam esquentando ao seu alcance, ganhando vida. Ela olhou para ele com a boca firme. Quando ela falou, sua voz era tão baixa que até os ouvidos de Djinn tiveram que se esforçar para ouvir suas palavras.

— Isso teria sido tão horrível?

— Sim,— ele disse, sabendo que a palavra não passava de verdade. — Teria sido terrível.

Essa era a hora. Ele se inclinou e tocou seus lábios nos dela. Gentilmente - oh, com muita gentileza, porque ele poderia dizer que ela estava no limite, poderia fugir se ele fosse muito forte. Mas oh, como ele queria beijá-la naquele momento, os olhos arregalados e trágicos, o rosto pálido, mas não menos bonito por tudo isso.

E ela aceitou o beijo. Ela não se afastou, não arrancou as mãos dele e correu para o santuário da suíte que ela chamava de sua. Ela ficou ali, com a boca quente e acolhedora, e permitiu que ele a provasse, finalmente, para abraçá-la para que ele pudesse puxá-la para perto.

Eles ficaram assim por um longo momento, e então ele a deixou ir para que ela pudesse tentar se recuperar. Ela afastou os pesados cabelos castanhos do rosto e ficou em silêncio por um momento. Por fim, ela deu um sorriso torto e disse: — Uau, isso foi rápido. Eu pensei que nós pelo menos conseguiríamos dois ou três dias antes que esse tipo de coisa acontecesse.

— Você se importa?— ele perguntou, genuinamente curioso.

— Eu...?— Ela riu, embora houvesse algo forçado no som. — Não sei se 'mente' é a palavra certa. Quero dizer, provavelmente é bobagem ficar preso no 'deveria' e 'iria' quando for o fim do mundo, certo?

— Certo, — ele repetiu. — Você apenas - você parecia tão feliz quando a água saiu da torneira. E então você parecia triste, como se pensasse que era de alguma forma menor porque não tinha sido capaz de fazer esse truque sozinho. Não se abaixe, Sarah. Você não merece isso.

Uma mão subiu para brincar com a fina corrente de prata que ela tinha no pescoço. Não era uma cruz que ela usava, o que poderia ser esperado, mas uma versão pequena e estilizada do símbolo solar Zia que uma vez adornava a bandeira do Novo México. Um sigilo poderoso, com seus quatro raios multiplicados por quatro - os pontos da bússola, os estágios da vida, as estações do ano, as horas do dia. Ele se perguntou por que ela o escolhera, em vez de um símbolo mais óbvio de fé.

— Eu acho, — ela disse depois de uma longa pausa. — Ou pelo menos, tentarei dizer a mim mesma que não devo pensar assim. Suponho que estou balançando a cabeça no universo. Aqui o mundo acabou, e tudo é horrível, e então... e de repente o Sr.

Perfeito aparece na minha porta. Minha emprestada porta de qualquer maneira.

— Você acha que eu sou o Sr. Perfeito?— Kamal perguntou, divertido. Ele supôs que, para um mortal, um djinn pareceria perfeito... embora ele duvidasse que seus colegas elementais algum dia atribuíssem tal adjetivo a ele.

— Oh, Deus, isso parecia terrível, não é?

— Eu não sei sobre o terrível,— ele respondeu, então estendeu a mão para que ele pudesse pegar as mãos dela e puxá-la para perto dele mais uma vez. — Eu meio que gostei do som do 'Sr. Perfeito.'

— Ótimo. Agora você está com a cabeça inchada.

Ele poderia ter feito uma piada sem graça em uma resposta a esse comentário, mas percebeu que não teria sido muito bom. Sim, eles haviam se beijado, mas não chegaram a um ponto em que pudessem unir palavras irreverentes. Ele se decidiu por dizer: — Ainda não,— antes de se inclinar e beijá-la novamente.

Sarah não parecia inclinada a protestar. Ela permitiu que ele a segurasse, reivindicasse sua boca com a dele, e Kamal decidiu que isso era o suficiente por enquanto.

Cam estava agindo tão... normal, como se eles não tivessem compartilhado alguns beijos bastante intensos. Então, novamente, o que ele deveria fazer? Se ajoelhe e declare seu amor eterno por ela? Eles mal se conheciam.

Não, ele derramou um copo de água para cada um deles, depois a levou para o saguão, onde eles podiam sentar junto à lareira e ver a neve flutuar suavemente, começando a cobrir o convés do lado de fora e a paisagem além. Essa neve parecia mais determinada do que as tempestades que ela experimentara até agora nesta temporada, e ela não tinha muita certeza de como deveria se sentir sobre isso. Por um lado, havia algo de muito aconchegante em estar aqui junto à lareira maciça, com seu capuz

reluzente de cobre, sabendo que você estava quente e por dentro e longe do clima.

E não sozinho. Ela começou a pensar que nunca veria outro ser humano, e então...

... e depois comigo Cameron. Além de ser bonito, inteligente e engenhoso, ele realmente sabia como beijar. Forte, mas suave. Apaixonado sem ser arrogante. Ele cheirava bem também, como fumaça de madeira, pinheiros e todas as coisas que ela gostava.

Mesmo com tudo isso, ela não tinha certeza se gostou da ideia da queda de neve. Algo parecia tão final, como se eles tivessem perdido a última chance de descer desta montanha antes que o inverno realmente chegasse. Sarah tinha certeza de que ela tinha comida suficiente para sustentá-la durante aqueles meses longos e frios, mas com dois deles aqui? Ela teria que refazer todos os seus cálculos, e esperar que ela pudesse fazer tudo esticar.

— Ei,— disse Cameron, e ela se assustou, percebendo que estava olhando para o fogo e franzindo a testa ferozmente. — Você está bem?

— Tudo bem,— ela respondeu, uma resposta automática. — Só pensando no inverno.

— Você está preocupado?

— Um pouco.

— Não fique.

O braço dele a envolveu, puxou-a para perto. Havia algo de muito reconfortante em ter um ombro tão forte para apoiar a cabeça. Isso foi o pior de tudo - sofrer sozinho, ter que enfrentar uma mudança do mundo sem ninguém para conversar, ninguém para confortá-la durante as noites escuras e assustadoras, quando todo o planeta parecia ecoar com o seu vazio.

Agora alguém estava aqui... uma pessoa incrível... e ainda assim ela estava preocupada.

— Eu não preciso me preocupar porque agora você está aqui para cuidar de mim?

— Não foi o que eu disse.— Ele se mexeu no sofá para poder olhar para o rosto dela. Seus olhos

escuros estavam atentos, segurando os dela com tanta força que ela não achou que pudesse desviar o olhar, mesmo que quisesse. — Está bem claro que você pode cuidar de si mesmo. Eu só acho que... bem, geralmente é mais fácil se você não precisar suportar a carga sozinho. Isso é tudo.

Como ela poderia argumentar com um comentário como esse, quando ela estava pensando basicamente a mesma coisa alguns minutos antes? — Você está certo,— disse ela. — E ainda é cedo para as tempestades realmente pesadas. A maior parte disso parece esperar até depois do Natal, apesar de termos alguns antes disso. Qual é bom. Não parece Natal se não estiver nevando lá fora.

Cameron ficou quieto por um momento, seu olhar se movendo pela grande sala onde estavam sentados. — Eles decoraram muito para as férias aqui?

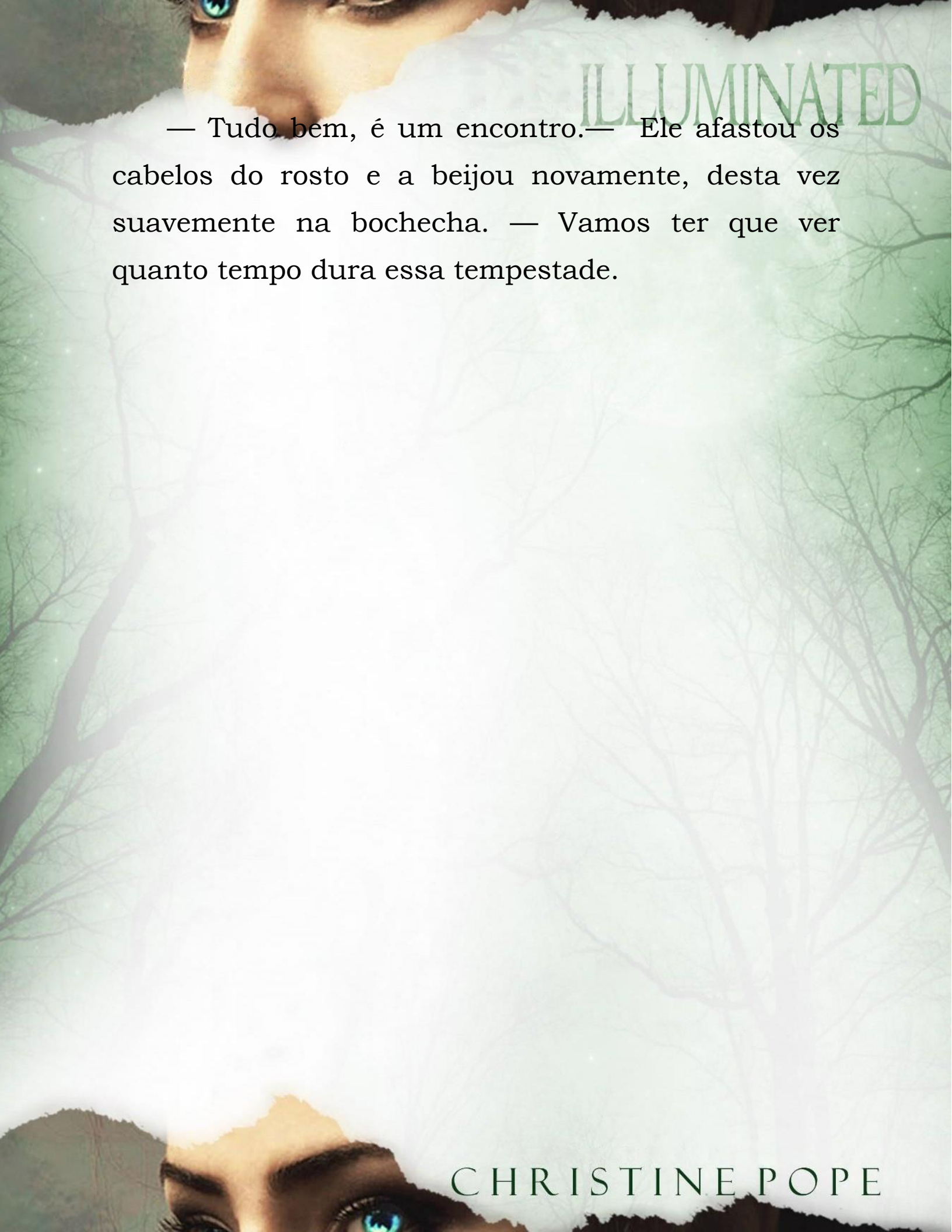
— Oh sim. Guirlandas de pinheiros em todos os corrimões, luzes do lado de fora, uma enorme árvore no saguão. Sarah podia sentir-se sorrindo enquanto recordava a Loja em todo o seu esplendor de férias. —

Parecia algo extraído de um especial de Natal da Hallmark ou algo assim.

Seu companheiro assentiu, embora algo parecesse um pouco hesitante sobre o sorriso que ele exibia, como se não soubesse o que realmente era um especial de Natal da Hallmark Chri. Bem, ela não podia lhe dar muita dor por isso. A Hallmark tendia a ser criptonita para os caras.

— Depois que a neve parar, talvez possamos fazer algo sobre isso,— disse ele. — Quero dizer, sei que os painéis solares que montei não serão suficientes para alimentar muitas luzes exteriores ou qualquer coisa assim, mas poderíamos sair e reunir galhos de pinheiro para guirlandas, pelo menos o suficiente para decorar aqui. Você gostaria disso?

Claro que ela faria. Normalmente, a essa altura, as decorações já estavam prontas, mas ela realmente não estava pensando no Natal. A sobrevivência consumira a maioria de seus pensamentos. — Eu adoraria,— ela respondeu. — Deus sabe, a única coisa que temos aqui em Cloudcroft são os pinheiros.



ILLUMINATED

— Tudo bem, é um encontro. — Ele afastou os cabelos do rosto e a beijou novamente, desta vez suavemente na bochecha. — Vamos ter que ver quanto tempo dura essa tempestade.

CHRISTINE POPE

Como se viu, a neve caiu durante a maior parte do dia. Kamal percebeu que Sarah estava decepcionada por não poder sair e começar a reunir suprimentos para as guirlandas de férias imediatamente. No entanto, ela lhe disse que eles poderiam ir até o porão e começar a vasculhar as decorações guardadas lá.

— Não precisaremos colocar tudo,— explicou ela, enquanto o conduzia escada abaixo, com uma lanterna Coleman na mão. — Mas se passarmos por isso e preparar o que precisamos, quando tivermos a chance de sair e cortar os galhos frescos, teremos uma idéia melhor de quanto conseguir.—

Isso parecia um plano prático para ele. Além disso, foi bom vê-la animada e feliz, pensando no futuro. Embora os djinn não comemorassem o Natal, eles observaram o solstício de inverno e o retorno do mundo dos dias escuros da estação. Seria bom ver o Lodge vestido com suas roupas de férias.

Quando Sarah começou a vasculhar caixa após caixa de decorações, ele refletiu que ela não estava brincando quando disse que a equipe do hotel fez de tudo com a decoração do feriado. Parecia que havia o suficiente armazenado aqui no porão para adornar todas as portas do hotel - o que não estava tão longe da verdade.

— Costumávamos colocar pequenas grinaldas em todas as portas,— explicou ela enquanto empurrava uma caixa cheia com os pequenos anéis de hortaliças do caminho. — As pessoas pensaram que era um toque agradável. Mas acho que não há muito sentido enlouquecer.

— Não, provavelmente não,— ele concordou, aliviado por não ter sido convocado para pendurar grinaldas em todas as portas do local. — E para a porta da frente, teremos pinheiros frescos.

— Esse é o plano. Felizmente, ajudei a montá-las, então sei o que fazer. Ainda estou procurando o fio da florista. Eu sei que há alguns carretéis em algum lugar por aqui. Sarah recostou-se sobre os

calcanhares e examinou as caixas espalhadas no chão ao redor deles, como se tivesse visão de raios-X e pudesse ver dentro de cada recipiente.

— Tenho certeza que vai aparecer.

— Acredito que sim. Caso contrário, vou ter que ver se consigo desenterrar alguns na cidade. Não acho que o dólar da família carregaria algo assim, mas a sra. Ortega costumava fazer e vender grinaldas durante as férias. Provavelmente há alguns guardados na casa dela. Até aquele momento, Sarah parecia feliz, animada, mas sua expressão escureceu. Sem dúvida, ela estava pensando em como a mencionada sra. Ortega não precisaria mais do fio da florista... ou qualquer outra coisa, nesse caso.

Como Kamal não queria que Sarah pensasse nessas coisas, ele disse rapidamente: - Tenho certeza de que vamos nos deparar com isso. O que há nessa caixa? Ele apontou para um grande recipiente que ainda não havia sido aberto.

— Não, essas são as decorações da árvore de Natal. Não precisaremos deles por um tempo. Ela ainda parecia subjugada, levando-o a comentar:

— Bem, pelo menos não até mais perto do feriado.— Ele teve que contar mentalmente os dias. Seis para ir.

Sarah inclinou a cabeça para ele. — Talvez não seja uma boa ideia. Quero dizer, você já cortou um pinheiro?

— Não,— ele disse. — Mas não pode ser tão difícil.

— Eu não sei.— Uma pequena pausa, e então ela acrescentou: — Não parece um desperdício? No passado, eu realmente não pensei nisso - afinal, estamos cercados por árvores - mas por que reduzir a vida de uma árvore, apenas para pendurar coisas brilhantes por mais ou menos uma semana?

Kamal imaginou que estava falando mais do que simplesmente árvores. Seu tom gentil, ele disse: — Possivelmente, mas as árvores morrem o tempo todo. Besouros de casca de árvore, relâmpagos... não há garantia de que eles estarão por perto para sempre.

Então eu não me preocuparia com isso. Se chegar a hora e você quiser uma árvore, obteremos uma. OK?

Ainda ela parecia hesitar. Então ela assentiu com relutância. — OK.

Algo mais parecia estar incomodando ela. Ela estava se arrependendo dos beijos que eles compartilharam? Ele não conseguia pensar em uma maneira de perguntar sem soar como se estivesse questionando a nova intimidade deles também, e então decidiu que era melhor não dizer nada.

Alguns minutos se passaram enquanto ela examinava as caixas, deixando de lado carretéis de fita em tons de vermelho e dourado e pré-ma de arranjos em miniatura de flores e folhas de seda e plástico. Um pequeno suspiro escapou de seus lábios.

— Somos estúpidos por fazer isso?

— Fazendo o que?

Ela gesticulou na direção da confusão de decorações de festas ao seu redor. — Tirando tudo isso... fingindo que tudo é normal. Essa tempestade de neve não vai durar para sempre, mas haverá mais

por vir. Talvez devêssemos descer desta montanha enquanto ainda podemos.

— Acho que não precisamos decidir isso agora,— disse ele com cuidado. É claro que não havia como ele dizer a ela que eles teriam ido embora no primeiro dia do ano. Ou melhor, ele sabia que teria que lhe contar a verdade em breve, mas eles ainda tinham tempo. Por alguma razão, ele se viu estranhamente relutante em abordar o assunto. Por mais louco que parecesse, ele gostava de interagir com ela como se fosse apenas mais um mortal. Ela o trataria da mesma maneira, uma vez que descobrisse que ele não era completamente humano?

— Então quando?— Ela se levantou, escovou os joelhos empoeirados do jeans. — O clima não vai se segurar só porque não estamos com vontade de tomar uma decisão no momento.

Desde que ela se levantou, Kamal também se levantou. Ele foi até ela e pegou a mão dela. Notando alguma resistência em seu toque, ele decidiu que não a puxaria para perto dele. Pelo menos ela não tinha

tentado arrancá-la de suas mãos. Dessa forma, eles ainda estavam se tocando, mesmo que um abraço de verdade não parecesse a coisa correta a ser feita no momento.

— Se parece que vamos ter uma tempestade realmente ruim... bem, teremos certeza de que estamos prontos para partir. Certamente alguém aqui em Cloudcroft estava equipado para arar as estradas?

Sarah assentiu com relutância. Jeff Hansen. Ele vive... viveu... no outro extremo da cidade. Ganhava dinheiro extra todo inverno adquirindo um desses acessórios para o caminhão e usando isso para manter as coisas claras.

— Então, temos uma maneira de descer a colina,— disse Kamal. — Mesmo que o tempo fique ruim.

— Eu suponho que sim.

Dessa vez ele a puxou para perto. Ela não protestou quando ele se inclinou e a beijou. De fato, ela soltou a mão dele para poder colocar os braços em volta dele e pressionar-se contra o corpo dele. Mesmo

através do suéter grosso que ela usava, ele podia sentir seus seios tocando seu peito, e uma onda de desejo passou por ele, tão intensa que ele teve que se forçar a não levantá-la do chão, levá-la para cima para que ele pudesse fazer amor para ela imediatamente. De alguma forma, ele conseguiu manter a calma, mesmo quando a beijou e a abraçou, e respirou o aroma quente de sua pele.

Afastou-se finalmente e ofereceu um sorriso trêmulo. — Eu parecia tão carente?

— Não sei o que é 'carente',— respondeu ele. — Eu só sei que queria te beijar.

— Eu também queria te beijar.— Isso foi dito quase timidamente, como se ela fosse surpreendida por seu próprio ardor.

Kamal não podia culpá-la por isso. Ela passou os últimos meses apenas existindo, provavelmente ignorando as necessidades de seu corpo, pelo menos para qualquer coisa além de comer, dormir e ficar quente. — Então vamos lá para cima, onde não está

tão empoeirado e úmido, e eu vou te beijar um pouco mais.

Desta vez, ela riu - uma risada verdadeira, sem nada forçado. — Soa como um plano.

Sarah realmente não esperava passar parte do apocalipse deitado em um sofá no saguão do Lodge e se beijando como se ainda estivesse de volta ao ensino médio. Mas foi exatamente o que aconteceu - assim que voltaram, Cameron a levou para a sala onde eles sentaram e observaram a neve, só que desta vez ele a empurrou no sofá, seu corpo pesado e forte. topo dela, sua boca mais insistente agora. Ela respondeu da mesma maneira, querendo isso.

Querendo ele.

E quando ele deslizou as mãos sob o suéter dela, pele nua contra pele nua, ela não tentou detê-lo. Não, nem quando seus dedos se moveram sobre o peito dela. Ela estava usando sutiã, mas ainda podia sentir o calor de sua carne através do tecido fino. As maçãs dela endureceram, e ele provavelmente sentiu isso

também. Ele não disse nada, porém, só retirou a mão depois de algumas carícias, como se soubesse que ela não estava pronta para ir além.

Na verdade, porém, ela pensou que poderia estar. O calor acumulado entre as pernas a fez perceber o quanto ela o queria. No entanto, ela disse a si mesma que precisava ser inteligente sobre isso. Por um lado, ela esperava que ele tivesse alguns preservativos escondidos naquela mochila dele, porque de jeito nenhum ela iria dormir com ele se ele não tivesse proteção. O apocalipse já era ruim o suficiente sem arriscar uma gravidez não planejada.

Os dois se sentaram. Sarah fez o possível para alisar os cabelos despenteados, enquanto Cam puxava sorrateiramente o jeans dele.

Provavelmente escondendo um tesão furioso lá dentro, ela pensou com um sorriso interior. Ou pelo menos, ela realmente esperava que ele estivesse. Dessa forma, ela sabia que ela teve o mesmo efeito nele que ele teve nela.

— Está parando,— disse ele, e ela levantou uma sobrancelha. — A neve,— acrescentou, a título de explicação, enquanto apontava para as portas francesas.

Com certeza, embora o céu ainda parecesse cinzento e pesado, os flocos brancos que caíam das nuvens haviam diminuído para quase nada. Sarah levantou-se do sofá e foi até a porta, ajeitando a blusa e ajustando o sutiã por baixo, que não estava exatamente onde ela queria. Ela tinha que esperar que Cameron não estivesse prestando atenção, ainda estava olhando a vista lá fora. O quintal e os terrenos além dele agora tinham uma cobertura razoavelmente respeitável de branco, a paisagem embaçada pelo que ela calculou serem cerca de três ou quatro polegadas de neve.

— Bom,— ela disse. — Isso é suficiente para ser bonita sem atrapalhar muito. Mas logo estará escuro, então acho que precisamos esquecer a coleta de galhos até amanhã.

— Isso é bom. É o tipo de noite melhor para ficar.

Ele falou em um tom neutro, mas Sarah ainda sentiu outra onda de calor atravessá-la com suas palavras. A lembrança dos beijos que haviam compartilhado, a mão dele no peito dela, era muito vívida. O corpo dela queria mais. Ela nunca foi do tipo que pulava na cama com as pessoas, então realmente não podia explicar seu comportamento atual. Então ela queria rir de si mesma. — Pessoas— ? Três namorados no total, e o primeiro havia sido o amor do segundo ano do ensino médio. Ela não dormiu com ele, disse a si mesma que não estava pronta. Ela provavelmente não estava pronta para dormir com Chris, o cara com quem ela namorou quando tinha dezenove anos também, mas naquele momento, ela decidiu que era estúpido se agarrar à virgindade como se fosse algo precioso como diamantes. Nenhuma convicção religiosa profunda a impedia, nenhum desejo de esperar até que ela se casasse ou algo assim. Foi só... o momento não parecia funcionar até então.

Chris acabou se juntando aos fuzileiros navais e se afastando, e depois que ele veio Seth. Ela pensou que ela e Seth poderiam fazê-lo funcionar. Ele tinha planos maiores, no entanto. Os planos que ele esperava que a incluíssem, mas ela era uma merda demais para deixar tudo o que sabia para trás.

Bem, tudo se foi de qualquer maneira, então sua covardia não serviu a muito propósito. Ou melhor, Cloudcroft ainda estava aqui, mas tudo o que a tornava a cidade que ela amava - seu pai e as pessoas com quem trabalhava, Louise na loja de velas e Marybeth na loja turquesa, sua amiga Candy que esperava mesas na casa de Conrad Tudo o que desapareceu quando o calor varreu o mundo.

Preocupada com o fato de Cameron interpretar demais sua longa hesitação, ela disse: — Sim, é uma boa noite para ficar. E eu economizei algumas batatas, então vou fazer sopa. Parece bom?

O sorriso que ele deu a ela era quente, ansioso. — Parece bom.

Além das batatas, ela tinha duas preciosas latas de sopa de queijo cheddar, leite evaporado e milho enlatado. Combinado com alguns temperos e uma pitada de molho Worcestershire, os ingredientes fizeram uma sopa surpreendentemente saborosa de queijo de batata. Eles também tinham biscoitos e uma garrafa de vinho que ela havia libertado da Noisy Water Winery há um tempo.

Cameron também se ocupou e acendeu o fogo na lareira que separava o bar da sala de jantar do restaurante. Sarah não tocou nisso o tempo todo que ela morava aqui sozinha, mas ele insistiu, dizendo que ela havia se esforçado muito para fazer o jantar, então eles deveriam se sentar e comer em um dos restaurantes mesas como pessoas civilizadas.

Quando ele abriu o vinho, olhou para o piano de cauda que estava em um pequeno estrado ao lado da lareira. — Você joga?

— Não,— ela respondeu. — Eu gostaria de ter. Teria me dado algo a ver com o meu tempo. Você?

— Não,— ele disse. — Não há dinheiro para aulas de piano na minha família.

Sarah poderia se identificar com isso. A confissão de Cam apenas a relaxou mais. Eles podem se conhecer há alguns dias, mas ela percebeu que seus antecedentes eram muito parecidos. Classe trabalhadora, ou talvez a camada inferior da classe média, mas certamente não há pretensões a nada além disso. Se ele fosse um cara rico de Santa Fe, ele a teria intimidado.

Como era... ela apenas gostava de estar com ele.

Beberam vinho, e sopa e biscoitos. A conversa deles se voltou para o que eles poderiam fazer com toda essa neve... ver se algum dos carros de neve na casa de aluguel de Jensen tinha gás neles... construir um forte de neve... reviver a pista de patinação coberta no final da cidade. Qualquer coisa, menos preocupada, sobre como a neve poderia cortá-las do mundo exterior. Como você pode se preocupar com algo que não existe mais? Cameron chegando aqui foi um em um milhão de tiros; Sarah duvidava que mais

refugiados estivessem subindo a íngreme maneira de ver se alguém ainda estava vivo na pequena Cloudcroft.

O fogo estava quente, o vinho rico e profundo. Talvez muito pesado para a refeição leve, mas ela não estava reclamando. Não era como se ela tivesse que se preocupar em dirigir. Não, eles ficariam aqui, seguros e quentes. Ou principalmente quente. A lareira no quarto dela estava bem, mas o quarto de hóspedes onde Cam estava dormindo não tinha lareira. Da noite para o dia, quando as temperaturas caíam e os céus clareavam, aquela sala ficava cada vez mais fria.

Ela não queria que ele ficasse com frio. S ele queria....

Do outro lado da mesa, seus olhos se encontraram. Os dele eram tão profundos e escuros, com cílios tão pesados que não pareciam reais. Sarah se perguntou se ele tinha algum italiano ou grego ou algo semelhante em seu passado, apesar do

sobrenome anglo-saxão. Ele parecia exótico demais para ter saído da prosaica Roswell, Novo México.

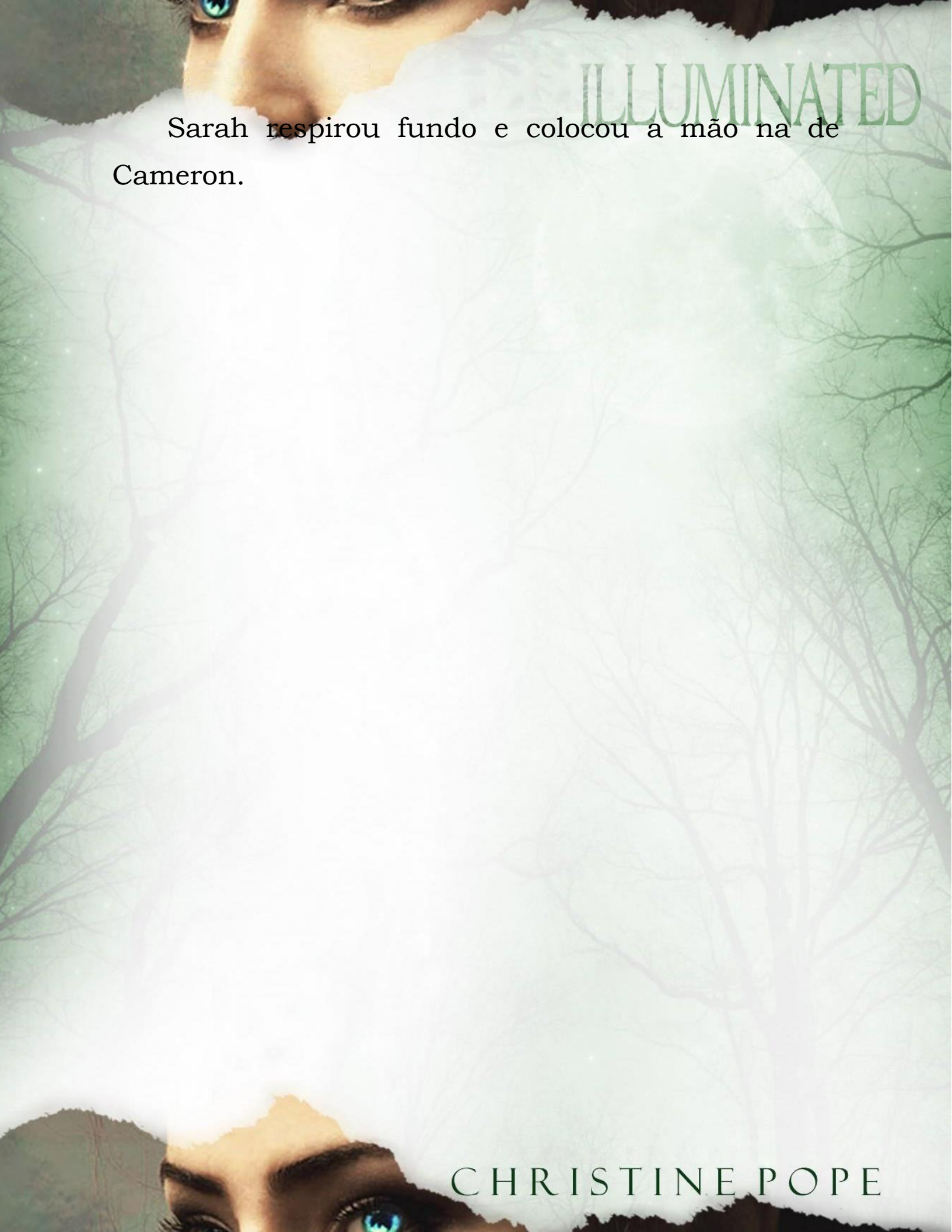
Nenhum deles falou. Por um longo momento, eles ficaram ali em silêncio, e então Cameron se levantou da cadeira e estendeu a mão para ela. Ela hesitou, sabendo o que o gesto significava. Se ela esticasse a mão para pegá-lo, esta noite avançaria para sua inevitável conclusão. E se ela recusasse, em vez disso pegasse a taça para poder beber o restante do vinho, diria a ele que não estava pronta, que ele estava apressando as coisas.

Qual seria?

Os olhos dele seguraram os dela. Firme, calmo, mas com um fogo profundo. Ele se machucaria com a recusa dela, mas ela de alguma forma sabia que ele não a pressionaria.

Isso foi loucura. Ela mal o conhecia. Ela deveria pegar seu vinho, oferecer-lhe um sorriso, agir como se tudo estivesse normal.

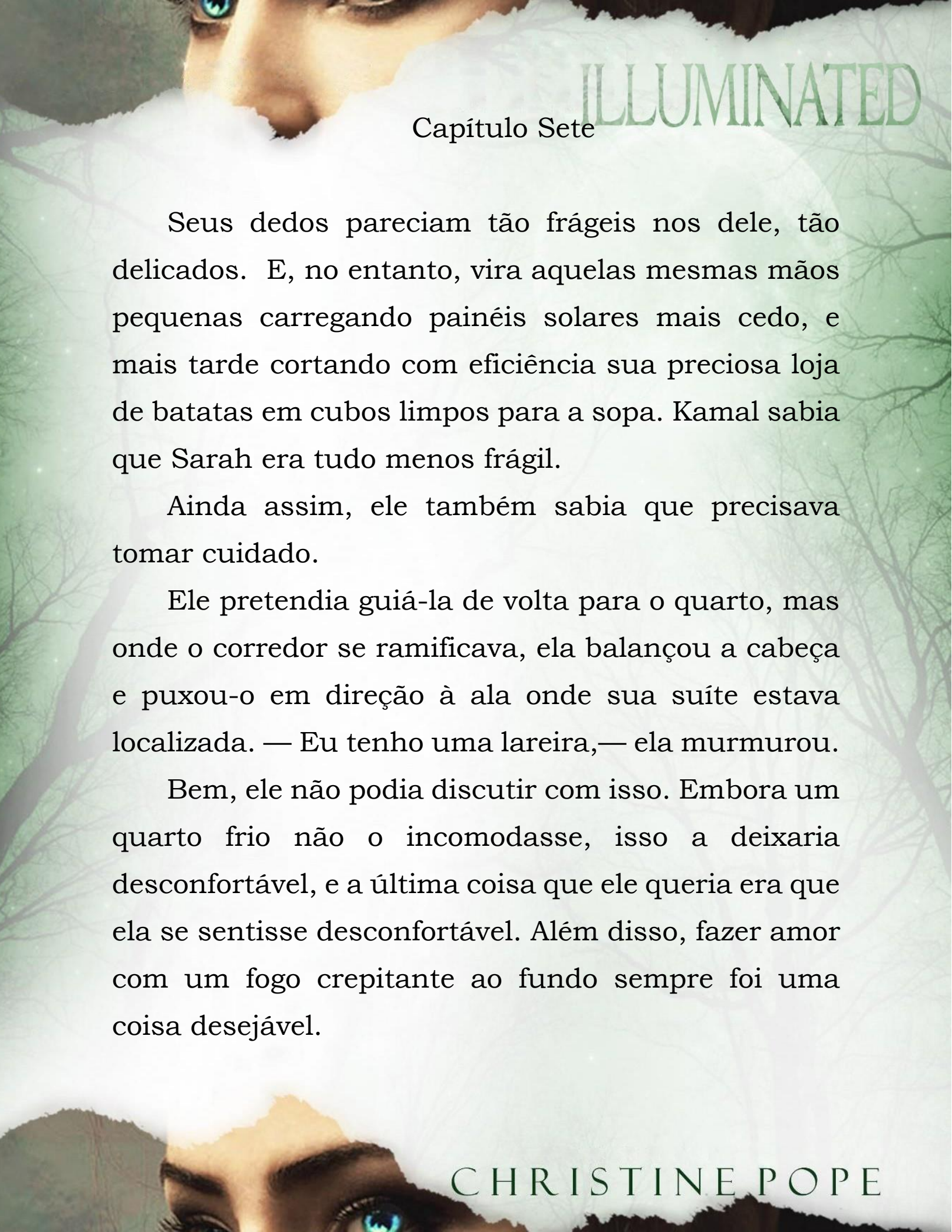
Não era normal, no entanto. Nada seria normal novamente.



Sarah respirou fundo e colocou a mão na de
Cameron.

ILLUMINATED

CHRISTINE POPE

The background of the book cover features a close-up of a woman's face, focusing on her eyes and nose, which are partially obscured by a white, cloud-like or smoke-like effect. The background is a soft green with faint, dark outlines of trees or foliage. The title 'ILLUMINATED' is written in a large, green, serif font at the top right. The chapter title 'Capítulo Sete' is centered below it. The main text is in a black serif font, and the author's name 'CHRISTINE POPE' is at the bottom right in a green serif font.

Capítulo Sete

Seus dedos pareciam tão frágeis nos dele, tão delicados. E, no entanto, vira aquelas mesmas mãos pequenas carregando painéis solares mais cedo, e mais tarde cortando com eficiência sua preciosa loja de batatas em cubos limpos para a sopa. Kamal sabia que Sarah era tudo menos frágil.

Ainda assim, ele também sabia que precisava tomar cuidado.

Ele pretendia guiá-la de volta para o quarto, mas onde o corredor se ramificava, ela balançou a cabeça e puxou-o em direção à ala onde sua suíte estava localizada. — Eu tenho uma lareira,— ela murmurou.

Bem, ele não podia discutir com isso. Embora um quarto frio não o incomodasse, isso a deixaria desconfortável, e a última coisa que ele queria era que ela se sentisse desconfortável. Além disso, fazer amor com um fogo crepitante ao fundo sempre foi uma coisa desejável.

CHRISTINE POPE

A suíte era maior do que ele havia pensado, com o quarto e o banheiro se ramificando para a direita e uma pequena área de estar com sofá, mesa e aparelho de televisão à esquerda. Não é de admirar que Sarah tenha morado aqui. O quarto da sala em que ela havia dado para ele dormir era certamente bastante confortável, mas não se comparava a essa suíte.

Os troncos já haviam sido colocados na lareira, então tudo o que ele precisava fazer era pegar um fósforo longo da caixa em cima da lareira e tocá-lo em um dos galhos de gravetos para acender o fogo. Se o elemento dele fosse fogo e não água, ele não precisaria da partida - bem, exceto que o uso de talentos de djinn de tal maneira alertaria imediatamente Sarah que seu companheiro não era tão humano quanto ele fingia ser..

Eles teriam que ter essa conversa em algum momento, mas por enquanto, ele só queria se concentrar nela. Nos cabelos sedosos que deslizavam sobre suas mãos quando ele segurou o rosto dela e a beijou novamente, na doçura branca e macia de sua

carne depois que ele pegou o suéter e o enrolou sobre sua cabeça. As roupas volumosas que ela usava fizeram o possível para esconder as curvas graciosas de seu corpo, mas não havia como escondê-las agora. Os dedos dele percorreram levemente o inchaço de seus seios, e ela soltou um suspiro assustado, embora ele notasse que ela não fazia nada para detê-lo, apenas se aproximou para que ele pudesse chegar atrás dela e desfazer os ganchos do sutiã.. Como o resto de suas roupas, era uma peça utilitária o suficiente, branca lisa, sem renda ou qualquer coisa para adorná-la.

Não que seus lindos seios precisassem de algo para melhorá-los. Eles caíram livres, cheios e arredondados, com uma aparência tão deliciosa que ele não conseguiu fazer nada além de inclinar a cabeça e levar um mamilo marrom-rosado à boca, deliciando-se com a dureza sob a língua. Ela gemeu, os dedos presos em seus cabelos enquanto o abraçava.

Era bom ficar aqui em frente ao fogo e prová-la, mas ele pensou que ambos ficariam mais confortáveis na cama, a apenas alguns passos à direita. Ele passou os braços por baixo dela e a levantou, provocando outro suspiro, seguido por um sorriso encantado. Com uma mão, ele estendeu a mão e puxou os lençóis e cobertores, depois a depositou na cama. Naquele momento, ele desejou muito que já tivesse dito a ela que era um djinn, pois ele poderia simplesmente estalar os dedos e fazer desaparecer o resto de suas roupas.

Como ele sabia que isso não era viável, em vez disso, pegou uma das botas pesadas que ela usava e desamarrou, depois fez o mesmo com a outra antes de puxar as duas, juntamente com suas meias grossas. A seguir, veio o jeans, embora ele tenha deixado a calcinha no lugar por enquanto. Eles também eram brancos, mas ele os achava atraentes, pois sabia o que escondiam.

— Não é justo,— disse ela, envolvendo os braços em volta de si mesma, embora Kamal não soubesse

se o fazia porque estava com frio ou porque estava subitamente tímida agora que estava quase nua enquanto ele permanecia completamente vestido. — Se eu tenho que congelar, você também.

— Eu posso acender o fogo, se você quiser.

— Você já fez isso,— respondeu ela, dando-lhe um sorriso malicioso. — O que eu realmente quero é você nesta cama comigo.

Ah, ele definitivamente poderia satisfazê-la nesse pedido. Enquanto ela olhava para ele, ele abriu o zíper do capuz e depois tirou a camiseta que vestia por baixo, seguida por suas próprias botas, meias e jeans. — Melhor?— ele perguntou.

— Oh, sim,— disse ela, seu olhar assumindo sua forma despida. — Muito melhor.

Foi um convite tão bom quanto qualquer outro. Ele foi para a cama ao lado dela, puxou-a para perto para poder sentir seus seios nus esfregando contra ele. Um pequeno suspiro escapou de seus lábios, e ela se abaixou para tocá-lo, para sentir a dureza de seu

eixo sob as roupas de baixo de algodão que ele ainda usava.

Dessa vez, ele foi quem suspirou - não, para ser justo, isso foi mais um suspiro. Ele decidiu deixá-la k agora que a reviravolta era justa, e pegou a cueca que ela usava, puxando-a para baixo, para que ele pudesse revelar o pequeno pedaço de cabelo escuro entre as pernas dela, poderia deslizar o dedo nela, sentir como estava excitada. foi, como molhado e pronto.

Naquele momento, tudo o que ele queria era se enterrar nela, mas ele também sabia que seria melhor fazer isso devagar, fazer cada centímetro dela responder a ele. Ele queria ter certeza de que essa experiência com ele superaria em muito a que ela poderia ter tido com um amante mortal. Sim, ele poderia dizer que ela não era virgem, mas, ao mesmo tempo, não achava que ela fosse a pessoa que daria seu corpo livremente. Ela ainda não havia experimentado tudo o que o mundo do amor tinha a oferecer.

Sua língua se moveu sobre o peito dela novamente quando ele a acariciou. Outro gemido, este mais baixo, mais gutural. Ele podia ouvir como a respiração dela começou a acelerar, como o coração dela começou a bater mais forte.

Sim. Ela gritou, seu corpo espasmódico ao redor dos dedos dele. Boa. Ele ficou um pouco surpreso com a rapidez com que ela respondeu, mas ela ficou sem ela por vários meses... pelo menos. Embora ainda não tivesse dito nada sobre seus antigos amantes, Kamal teve a impressão de que estava sozinha quando o calor desceu.

Alguns homens podem ter parado lá, mas ele ainda não havia terminado. Ele roçou beijos por todo o estômago plano dela, parando para que ele pudesse mergulhar a língua nela. Imediatamente ela gritou, arqueando as costas, mas ele a segurou, a língua se movendo lentamente para cima e para baixo, circulando, saboreando sua doçura, até que sentiu seu espasmo mais uma vez, seus sucos inundando sua boca.

Só então ele levantou a cabeça dela, estendeu a mão para poder se livrar da cueca apertada feita pelo homem que o limitava. A ponta dele a tocou - e então ela se assustou e se afastou, subindo em direção aos travesseiros.

Ele franziu o cenho, imaginando o que havia de errado. Certamente ela não era o tipo de mulher para provocá-lo a dar prazer, apenas para recuar quando ele desejasse concluir o ato.

— Proteção?— ela disse em um quase sussurro, seus grandes olhos azuis encontrando os dele, implorando.

Claro. Sarah pensou que ele era humano e, portanto, poderia engravidá-la. Ela não tinha como saber que um djinn tinha que conscientemente decidir engravidar uma mulher, que não havia — acidentes— entre sua espécie.

— Claro,— respondeu ele, em seguida, fez um show de chegar ao lado da cama para que ele pudesse recuperar seus jeans descartados. Ele não tinha nenhum preservativo escondido dentro dos bolsos da

calça, mas ela não precisava saber disso. Um movimento de seus dedos e um pacote embrulhado em papel alumínio apareceu dentro deles. Isso não seria tão agradável com o profilático em vigor, mas ele sabia que precisava disso para que as coisas progredissem mais.

Movendo-se rapidamente, ele deslizou o preservativo sobre o seu eixo, depois jogou a embalagem vazia na mesa de cabeceira, para que Sarah pudesse vê-lo e ficar tranqüila.

— Melhor?— ele murmurou enquanto se posicionava entre as pernas dela novamente.

— Sim,— ela disse. Como se fosse expiar por impedi-lo no meio do fluxo, por assim dizer, ela se abaixou e passou os dedos ao redor dele, movendo a mão para cima e para baixo lentamente.

Ah sim. O preservativo não abafava as sensações tanto quanto ele temia, e ele foi ainda mais duro quando ela o acariciou - mas com cuidado, como se soubesse tomar cuidado para que ele não derramasse sua semente prematuramente. Depois de alguns

instantes, ele percebeu que não poderia adiar por muito mais tempo e se afastou, precisando entrar nela, para senti-la cercá-lo.

Foi isso. É claro que ele havia feito amor com outras mulheres ao longo dos longos séculos de sua vida, e ainda havia algo diferente no modo como Sarah se sentia, sobre como o ato familiar de repente se tornou novo novamente. Seu corpo começou a se mover com o dele quando entraram em ritmo juntos, com uma deliciosa lentidão a princípio, e depois cada vez mais frenéticos até o momento abençoado em que ele soltou, a liberação requintada, perfeita. Ele a segurou, observou os olhos dela fecharem quando outro clímax percorreu seu caminho também.

Mesmo quando acabou, ele não queria deixar ir. Ainda não. Ele se agarrou a ela, ouviu quando a respiração dela começou a desacelerar, depois ficou calma e segura. Os olhos dela se abriram, imaginando, mas cheios de uma espécie de carinho atônito.

— Aquilo foi....— ela começou, depois parou, como se não soubesse exatamente qual adjetivo ela queria usar.

— Perfeito,— disse ele. Ele a beijou gentilmente na testa, depois na bochecha, maravilhado com a delicada textura de sua pele.

— Você é perfeita,— ela respondeu.

— Sr. Perfeito.

Esse comentário a fez rir. Kamal a beijou novamente, depois se afastou lentamente, provocando outro suspiro dela. Felizmente, o banheiro estava a poucos passos de distância; ele desceu da cama e jogou fora o preservativo, depois se limpou o melhor que pôde. Pelo menos agora ele não precisava se preocupar com Sarah questionando a água corrente.

Quando ele voltou, ficou um pouco decepcionado ao ver que ela já havia se vestido novamente. Ou melhor, ela vestiu uma blusa, junto com sua calcinha. O conjunto ainda mostrava o suficiente de sua forma que ele decidiu que provavelmente era

melhor não protestar. Em vez disso, ele recuperou suas próprias cuecas de onde estavam no chão e as colocou novamente. Depois, ele subiu debaixo das cobertas e se aconchegou ao lado dela, experimentando outra agitação de desejo quando ela o abraçou.

Com a cabeça apoiada no ombro dele, ela disse: - Estou feliz que você esteja aqui, Cam.

Naquele momento, ele queria mais do que tudo ouvi-la dizer seu nome verdadeiro, mesmo que o nome dele não fosse tão diferente. *Logo*, ele disse a si mesmo. *Você ainda tem que pensar na melhor maneira de dar a notícia a ela.* Ele sabia agora que Sarah era a mulher para ele, que ela devia ser sua escolhida. Eles tiveram tempo, no entanto. Ele não queria que esse idílio invernal terminasse. Depois que ele dissesse a verdade, ele teria que levá-la com ele para Taos, e eles não ficariam mais a sós.

Agora, no entanto, ele só tinha que dizer a verdade. — Estou feliz por ter encontrado você, Sarah.

Cameron dormiu ao lado dela, o constante aumento e queda de sua respiração mais reconfortante do que ela poderia ter imaginado. Deveria ter sido estranho ter alguém aqui, depois de dormir sozinho neste quarto nos últimos dois meses, mas Sarah achou que parecia mais que ele sempre esteve lá. Mesmo após esse curto período de tempo juntos, ela sabia que nunca se encaixaria em ninguém como ela fez com ele.

Talvez fosse a hora de refletir sobre a estranheza do universo, para se perguntar o que ela poderia ter feito para merecer a sobrevivência, sem falar com alguém como Cam ao seu lado. Ela não era tão estrelada por sexo incrível para pensar que eles ainda não teriam muitos desafios a enfrentar nos meses e anos à frente, mas ela também não era tão preocupada, agora que não precisava. enfrentar o inverno e os anos vazios sozinha.

Ela se mexeu um pouco para encontrar uma posição mais confortável, mas o mais gentilmente que pôde para não perturbar o homem que dormia ao lado

dela. Não estava completamente escuro, porque o brilho da lareira na sala ao lado chegava até aqui, apenas o suficiente para ela ver seu belo perfil, a dispersão de cabelos escuros na franha branca. Nesse momento, ela queria se inclinar e beijá-lo acordado para que eles pudessem fazer amor de novo... mas ela não o fez. Eles tinham muito tempo pela frente e era importante descansar. No dia seguinte - se o tempo cooperasse - eles se aventurariam e recolheriam os galhos de pinheiro, depois voltavam e se aqueciam e trabalhavam na decoração da Loja. Cristo mas não seria vazio e escuro, mas cheio de luz e riso.

E, embora ela nem quisesse pensar na palavra, porque isso poderia azarar as coisas... amor.

Os dois dormiram o tempo suficiente para que uma luz pálida do inverno espiando pelas cortinas os acordasse. Camarões se inclinou e a beijou, puxando-a para seus braços. Parecia a coisa mais natural do mundo encontrar calor nos corpos um do outro, juntar-se mais uma vez - embora ela se certificasse de que ele fizesse uma pausa e colocasse outro

preservativo. Deveria estar preocupada que ele estivesse vagando por uma paisagem pós-apocalíptica, armada com um monte de borrachas?

Ele provavelmente só os tinha na carteira, ela disse a si mesma depois. *Deus sabe que Seth sempre teve um monte na mão*. Era uma segunda natureza para muitos caras, como carregar um pacote de chiclete. Cam não mencionou uma namorada e Sarah não perguntou. Se ele esteve com alguém, então ela se foi agora, assim como o resto da população do mundo. Pode chegar um dia em que ele se sentirá confortável falando sobre seu passado, sobre todas as pessoas que ele perdeu, mas ela não o pressionará. Afinal, eles tinham muito tempo.

Os dois se espremeram no chuveiro juntos para experimentar a nova água quente. Como Cameron ensaboou as costas, Sarah teve dificuldade para decidir o que ela sentia mais falta - roupas quentes ou sexo bom. Ela realmente não podia dizer, e isso não importava agora. Ela teve os dois.

Café-da-manhã foi rápido, café e aveia e frutas secas. Depois que terminassem de pegar os galhos de pinheiro, precisariam passar pelo galinheiro e ver o que as galinhas inventaram da noite para o dia.

Pelo menos ela e Cam não precisariam se preocupar com o clima mantendo-os dentro de casa. O céu estava quase dolorosamente azul, como a safira mais perfeita do mundo. Algumas nuvens brancas e inchadas flutuavam naquela extensão azul, e bem ao oeste, Sarah podia ver o brilho familiar de White Sands, forte e pálido contra a cordilheira de San Andrés.

Estava frio, no entanto. Eles se juntaram e caminharam pela neve caída, sua respiração subindo como fumaça no ar parado. Cameron comprou uma lona dobrada para transportar os galhos de pinheiro, e Sarah tomou uma garrafa térmica de café extra para mantê-los em funcionamento.

— Você disse algo sobre motos de neve?— ele perguntou depois que eles foram cerca de cem jardas.

— Existem alguns, mas o lote onde as pessoas costumavam alugá-los fica no outro extremo da cidade,— respondeu ela. — Onde vamos conseguir os galhos de pinheiro é realmente muito mais próximo.

O rosto dele caiu tanto que ela queria rir, mas não o fez. — Oh.

— Estamos quase lá. Não é como se eu estivesse levando você até a floresta propriamente dita.

O que ela não era. Os pinheiros lotavam a maioria dos lotes em Cloudcroft, e não era como se você tivesse que se preocupar em tirar folhagens da propriedade privada de alguém, então ela decidiu que tudo o que realmente precisava fazer era descer um pouco a colina, depois corra até Wren Place, onde havia alguns espécimes particularmente agradáveis. Ao todo, a caminhada não foi muito além de uma viagem de ida e volta de 800 metros.

Por outro lado, caminhar pela neve recém-caída não era exatamente a mesma coisa que caminhar alegremente por uma estrada seca. Sarah podia sentir os dedos dos pés começando a ficar dormentes,

apesar das grossas meias de lã que usava. Bem, isso não levaria tanto tempo. Eles voltariam para dentro da Loja em uma hora, no máximo, e então poderiam colocar os pés em frente à lareira no saguão, aquecer os dedos dos pés e secar as meias.

— Lá,— ela disse a Cameron, apontando para a propriedade que ela tinha em mente. Pinheiros e abetos se aglomeravam ali, em tamanhos e alturas variados. Não se preocupe em ter que alcançar galhos baixos aqui, isso era certo.

— Entendi,— ele disse, então parou para poder pegar a lona que ele usava e desdobrar no chão nevado. De dentro de sua jaqueta, ele produziu as tesouras que eles tiraram do galpão de manutenção. Tesouras na mão, ele caminhou em direção às árvores que ela indicou. — Quanto você acha que vamos precisar?

Sarah estava fazendo essa pergunta na caminhada por aqui. Não havia muito sentido em decorar toda a loja quando eram apenas os dois. Mas uma guirlanda para as portas da frente e brindes para

a lareira no saguão e no bar e na sala de jantar, e guirlandas para envolver os corrimões da escada do andar principal até o segundo andar do hotel. uma espécie de fliperama onde você pode olhar para o saguão. Isso deve ser suficiente.

— Talvez valha cerca de doze metros, mais ou menos,— respondeu ela. — Se acontecermos que precisamos de mais, podemos voltar. Mas não acho que a lona possa carregar muito mais do que isso.

— Entendi.

Cameron se afastou dela para que ele pudesse se concentrar em cortar o primeiro lote de galhos. Sarah começou a caminhar na direção dele para poder ajudar a colocá-los na lona. Teria sido melhor se eles pudessem cortar os galhos ao mesmo tempo, mas eles só foram capazes de encontrar o único par de tesouras. Fazia sentido que Cam fizesse isso, já que ele era mais alto que ela e poderia chegar mais longe sem ter que mudar de posição.

O movimento pelo canto do olho a fez parar, no entanto. Por um breve segundo, ela teve a ideia

maluca de que outro sobrevivente os ouvira e agora estava se aproximando. Mas então, ao se virar, percebeu que o novo visitante não era humano.

Era um grande urso preto.

Aparentemente, não havia recebido o memorando que deveria estar hibernando agora. O urso arrastou-se para ela e Sarah ficou imóvel. Ela sabia que correr era a pior coisa que ela poderia fazer.

— Cam,— ela gritou, sua voz um sussurro desesperado.

Ele olhou para ela, sorrindo... um sorriso que desapareceu assim que avistou o enorme animal. Abaixando as tesouras, ele murmurou: — Não se mexa.

— Eu não vou.

Um aceno de cabeça, mas ela poderia dizer que ele estava fazendo o seu melhor para evitar movimentos bruscos, qualquer coisa que pudesse colocar o animal em alerta. Para si mesma, Sarah estava amaldiçoando seu descuido por não levar sua arma nessa pequena expedição. Ela estava tão

envolvida em seus planos com Cam, que tinha esquecido completamente as precauções que tomava nos últimos dois meses.

Bem, não havia muito que ela pudesse fazer sobre isso agora, exceto a promessa de nunca mais ser tão estúpida. Talvez a pistola não tivesse sido suficiente para parar um urso atacante, mas certamente teria sido melhor que nada.

Por um longo e terrível momento, ela e Cameron permaneceram imóveis, os dois observando o urso para ver o que ele faria. A princípio, parecia pouco a atenção de qualquer um deles, com a intenção de farejar em torno da base de um pinheiro alto. O que poderia estar cheirando, Sa rah não fazia ideia. Todos os cães haviam desaparecido de Cloudcroft meses atrás, na mesma época em que todas as pessoas estavam morrendo. No entanto, ela teve a impressão de que os animais não haviam sido afetados pelo calor; não era como se ela tivesse visto pequenas pilhas de poeira cinza do tamanho de cães pela cidade. Não, era mais como se algo os tivesse

chamado embora, embora ela não pudesse começar a adivinhar quem ou o que poderia ter sido.

Mas se não era o cheiro de cachorro que preocupava o urso, tinha que haver algo mais para atraí-lo. Por outro lado, ela observou o urso deixar de cheirar a única árvore que o fascinara e depois seguir para um toco. No entanto, o toco não parecia ter muito interesse, porque depois de mais um minuto, o animal parou de cheirar e olhou séria para Sarah.

Ah Merda.

Ela realmente não sabia o que mais deveria fazer. Seus pés já tinham começado a parecer blocos de gelo enquanto ela permanecia ali, imóvel, na neve. Ela não conseguia prender a respiração para sempre. E Cam estava a poucos metros de distância, muito fácil para ser de muita utilidade. Não que ela realmente soubesse o que ele poderia fazer para ajudar.

Desde que ela já estava prendendo a respiração, não podia estrangular exatamente em sua garganta. Algo pareceu sufocá-la, no entanto, quando o urso soltou um grunhido baixo, depois subiu nas patas

traseiras antes de cair de novo e agachar-se. E então cobrou.

Um grito estava no meio de sua garganta antes que ela percebesse que o urso não era a única coisa em movimento. Atrás, havia uma inclinação íngreme, onde a propriedade descia até a rua seguinte acima deles. Do nada, o meio metro de neve que cobria a encosta começou a fluir, indo cada vez mais rápido, uma avalanche que parecia se fundir em uma montanha em movimento, indo direto para o urso.

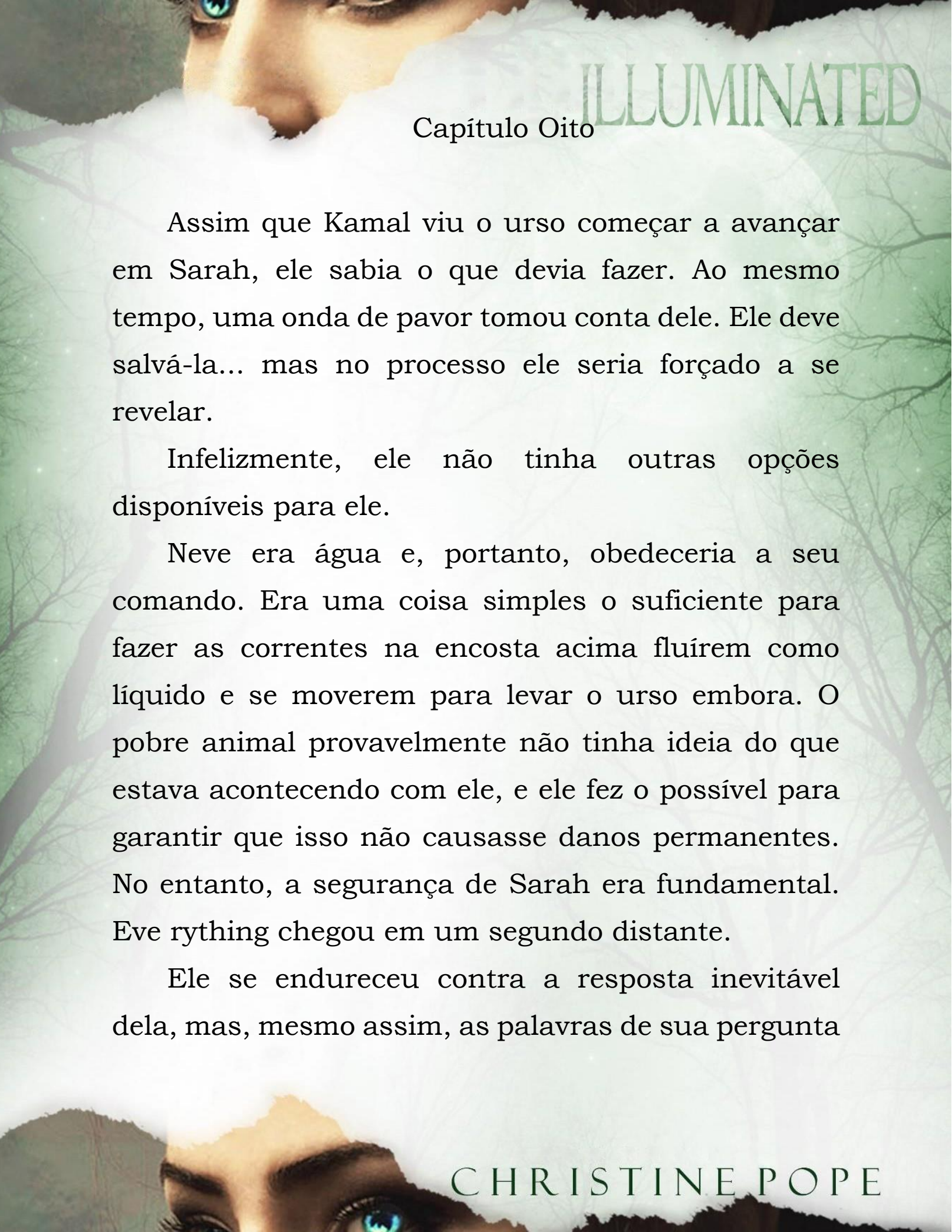
Não teve chance. O enorme monte de neve esbarrou direto no animal, derrubando-o e carregando-o em seu caminho implacável, para longe dela e descendo a colina. Mão na boca, Sarah olhou para Cam aterrorizada antes que ela percebesse que ele não estava em perigo iminente, que a montanha de neve e sua vítima tinham sido varridas inofensivamente.

E, ao olhar para Cameron, notou algo muito estranho. Ele tinha as mãos levantadas, fazia movimentos estranhos de empurrão, movimentos que

pareciam ecoar o caminho do monte de neve. O ar brilhava ao seu redor, branco-azulado, brilhando em seus ombros e braços. Foi só depois que o urso desapareceu de vista que Cam baixou os braços. Seu peito levantou e abaixou, como se ele tivesse acabado de correr uma milha dura.

Olhando para ele, Sarah só conseguiu pensar em uma coisa. Ela não sabia como era possível, mas Cameron havia chamado a neve para protegê-la do urso.

— O que...?— Sua voz saiu toda áspera e rouca, áspera de ansiedade. Ela limpou a garganta e tentou novamente. — O que você é?

The background of the page is a book cover. It features a close-up of a woman's face, specifically her eyes and nose, which are partially obscured by a white, cloud-like or smoke-like effect. The background is a light green color with faint, dark green silhouettes of trees or foliage. The title 'ILLUMINATED' is written in a large, green, serif font at the top right. The chapter title 'Capítulo Oito' is centered below the title. The main text is in a black, serif font. The author's name 'CHRISTINE POPE' is at the bottom right.

Capítulo Oito

Assim que Kamal viu o urso começar a avançar em Sarah, ele sabia o que devia fazer. Ao mesmo tempo, uma onda de pavor tomou conta dele. Ele deve salvá-la... mas no processo ele seria forçado a se revelar.

Infelizmente, ele não tinha outras opções disponíveis para ele.

Neve era água e, portanto, obedeceria a seu comando. Era uma coisa simples o suficiente para fazer as correntes na encosta acima fluírem como líquido e se moverem para levar o urso embora. O pobre animal provavelmente não tinha ideia do que estava acontecendo com ele, e ele fez o possível para garantir que isso não causasse danos permanentes. No entanto, a segurança de Sarah era fundamental. Eve rything chegou em um segundo distante.

Ele se endureceu contra a resposta inevitável dela, mas, mesmo assim, as palavras de sua pergunta

CHRISTINE POPE

assustada eram como lanças em seu coração. Não é — quem é você — ?

O que você é

— Eu sou um djinn,— disse ele calmamente.

Ela olhou para ele, sua expressão uma mistura de medo e repentina irritação. — *O que?*

— O que seu povo às vezes chama de gênio.—

Nenhuma resposta a princípio. Sarah continuou a encará-lo com aqueles olhos arregalados e incrédulos, como se ela esperasse que ele brotasse asas ou se tornasse verde. — Você parece uma pessoa comum.

— Você talvez estivesse esperando que um gênio fosse um grande homem careca azul?

— EU....— A palavra parou, pairando no ar entre eles. Ela parecia tão positivamente chateada, tão traída, que Kamal não queria nada mais do que ir até ela e puxá-la para perto, dizer-lhe que isso não mudava absolutamente nada entre eles. Ele não fez, no entanto. De alguma maneira, ele sabia que, se

tentasse abraçá-la, ela faria o possível para se livrar dele. Mesmo que ela estivesse com medo.

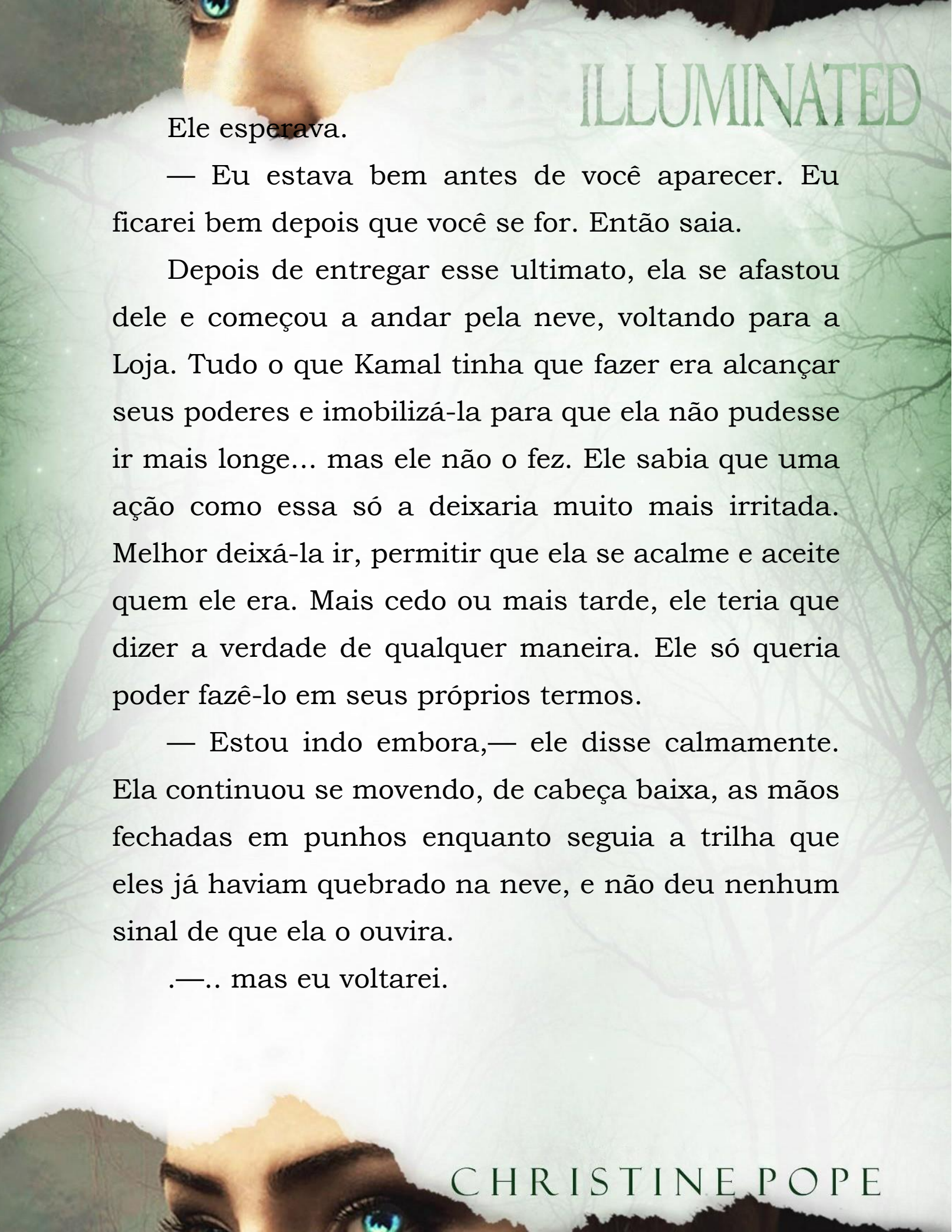
Agora ele percebeu que ela estava tremendo, embora não soubesse se esses tremores foram causados pela emoção que a dominara, ou simplesmente por ficar ali por muito tempo na neve. De qualquer maneira, ele achou melhor ela entrar antes que ela se sentisse verdadeiramente gelada. — Você está tremendo,— disse ele, seu tom o mais gentil possível. — Deixe-me levá-lo para dentro.

— Eu não vou a lugar nenhum com você!— ela estourou você. — Você - você nem é *humano*! Você *mentiu* para mim! E ontem à noite... — Ela parou ali, como se tivesse acabado de chegar em casa, como se tivesse acabado de perceber que se permitira ter intimidade com alguém de uma raça estranha e alienígena. Uma mão enluvada entrou em sua garganta. — Como você pode não me dizer?—

— Bem, considerando a maneira como você está reagindo atualmente, acho que a maioria das pessoas entenderia o motivo da minha reticência.

Essa resposta fez seus traços delicados ficarem imóveis e frios. Uma mancha de cor ardia no alto de cada face. Quando ela falou, sua voz soou consideravelmente mais calma, embora também estivesse tão fria quanto a manhã de inverno de dezembro. — Isso não muda o fato de você mentir para mim. Então apenas - apenas me deixe em paz. Volte para onde você veio. Apenas saia da Cloudcroft.

Um lampejo de irritação passou por ele. Enquanto ele podia entender por que ela poderia estar com raiva, ela claramente não tinha ideia do que estava pedindo dele. Não posso fazer isso. Não seria seguro. Ele deveria contar a ela sobre os outros djinn, aqueles que tinham como objetivo eliminar todos os vestígios da humanidade, exceto os que foram escolhidos? Não, melhor não. Ele temia que ela pensasse que ele estava apenas tentando amedrontá-la em obediência. Deveria haver tempo. Aquelos djinn não terminariam de limpar as cidades por um bom tempo ainda. O Cloudcroft minúsculo pode nem estar no radar coletivo deles.



ILLUMINATED

Ele esperava.

— Eu estava bem antes de você aparecer. Eu ficarei bem depois que você se for. Então saia.

Depois de entregar esse ultimato, ela se afastou dele e começou a andar pela neve, voltando para a Loja. Tudo o que Kamal tinha que fazer era alcançar seus poderes e imobilizá-la para que ela não pudesse ir mais longe... mas ele não o fez. Ele sabia que uma ação como essa só a deixaria muito mais irritada. Melhor deixá-la ir, permitir que ela se acalme e aceite quem ele era. Mais cedo ou mais tarde, ele teria que dizer a verdade de qualquer maneira. Ele só queria poder fazê-lo em seus próprios termos.

— Estou indo embora,— ele disse calmamente. Ela continuou se movendo, de cabeça baixa, as mãos fechadas em punhos enquanto seguia a trilha que eles já haviam quebrado na neve, e não deu nenhum sinal de que ela o ouvira.

.—.. mas eu voltarei.

CHRISTINE POPE

Sem chorar. Se ela chorasse, suas lágrimas poderiam congelar e grudar nos cílios, e isso seria muito mais desconfortável do que o estalo silencioso de seu coração.

Oh, não seja uma rainha do drama, ela disse a si mesma com alguma irritação. Você conhece o cara há apenas alguns dias e dormiu com ele uma vez. Como seu coração pode estar partindo quando você nem estava apaixonado por ele?

O problema era que ela pensou que poderia estar apaixonada por ele. Ou pelo menos estava começando a ser. E agora acabou que ele nem era humano.

Um djinn. O que no *inferno* sempre amoroso?

Ela sempre se orgulhava de ser realista, realista. Sem cabeça nas nuvens para Sarah Wells, isso era certo. Não há fadas, fantasias e unicórnios. Ela morava perto o suficiente de Roswell, mas também não acreditava em homenzinhos verdes. Homens cinzentos. Tanto faz.

Mas agora Cameron estava dizendo que ele era um djinn, algo de Aladdin, ou Scheherazade, ou o que

quer. Ele não parecia um gênio. Ele parecia... bem, um homem. Um homem extremamente bonito, mas ainda assim. Não era como se ele tivesse escamas, chifres ou algo assim.

Bem, é claro que ele não fez. Ele era um djinn, não um demônio, embora, se pressionado, ela não tivesse certeza de que poderia explicar a diferença entre os dois de qualquer maneira coerente. O sobrenatural não era o objeto que ela estudou ou se importava, exceto quando se tratava de contar aos turistas a história do fantasma residente da Loja.

Ela subiu os degraus da frente do hotel, mal parando para tirar a neve das botas antes de entrar e trancar as portas atrás dela. Esses bloqueios fariam alguma diferença? A exibição de Cameron alguns momentos antes sugeria poderes que ela não podia adivinhar. Pelo que ela sabia, ele poderia entrar direto no prédio sem sequer tocar uma maçaneta.

E ela meio que duvidou que — Cameron — fosse seu nome verdadeiro. Apenas outra mentira que ele lhe dera. Tudo era mentira, não era? Ele não veio de

Roswell. Ele com certeza não era algum tipo de ex-funcionário da classe trabalhadora sem o dinheiro para aulas de piano. Nada do que ele disse que ele era real.

Ontem à noite... isso foi real? Naquele momento, ela desejou com todo o coração que não fosse, que ela apenas sonhava com ele fazendo amor com ela. Fazendo amor. Houve uma piada. Chame como realmente era. Fazendo sexo. Ou talvez simplesmente uma merda velha.

T Hank Deus ela insistiu que ele use um preservativo. Caso contrário, ela poderia estar andando com um embrião meio djinn dentro dela, ou pelo menos o começo de um.

Um arrepio a sacudiu e ela correu para o sofá para poder sentar-se, temendo que seus joelhos trêmulos não a sustentassem por muito mais tempo. Seus dedos tremiam com tanta força que ela mal conseguia desfazer os cadarços das botas encharcadas de neve. Eventualmente, porém, ela os tirou e colocou na lareira para secar. O fogo tinha

queimado baixo, mas ainda estava quente o suficiente para acelerar o processo de secagem. Pior ainda, ela tinha um par extra no quarto, mas estes eram mais confortáveis.

Como se isso importasse. Ela não estava planejando ir a lugar algum.

Irritada como estava com ele, ela não podia deixar de se perguntar exatamente para onde Cameron havia desaparecido. Em algum outro lugar do Novo México, ou em algum plano de outro mundo?

Havia tanta coisa que ela não sabia. De alguma forma, ela duvidava que alguma vez descobrisse.

— Você não pode deixá-la lá assim,— disse Zahrias, uma carranca formidável franzindo a testa.

— Você acha que eu não sei disso?— Kamal lançou um olhar para o líder da comunidade djinn em Taos, situado no vale do Rio Grande, no norte do Novo México. Por ter retornado à cidade turística sem o escolhido, fora obrigado a contar a Zahrias um relato do que havia acontecido. A ferida estava crua o

suficiente para que ele não gostasse da tarefa, mas pelo menos Kamal não precisava se preocupar em ser acusado de esconder alguma coisa. - Não suporto pensar no que poderia acontecer com ela se um dos outros djinn a encontrasse. Ainda assim, Cloudcroft é um lugar pequeno e obscuro. Não há razão para pensar que alguém esteja tentando limpar a cidade tão cedo. Não quando existem tantas outras placas que podem proporcionar uma caça mais rica.

A boca de Zahrias se afinou. Às vezes, Kamal se perguntava sobre os outros djinn, por que ele havia concordado em liderar essa comunidade quando não havia escolhido nenhum escolhido. Não parecia que todas as suas crenças estivessem alinhadas com as que ele se recusara a governar. Mas essas eram perguntas que deveriam esperar até outro dia. Kamal tinha o suficiente em sua mente agora. Ele havia chegado a Taos, à casa que lhe fora dada - e que ele esperava compartilhar com Sarah -, mas não havia mais de meia hora antes da convocação para essa entrevista.

Pequenos lampejos de chamas preocupadas apareceram ao redor da cabeça de Zahrias, indicando que o elementar do fogo estava descontente com a resposta de Kamal.

— Você diz que ela certamente deve ser superada, e ainda assim sua segurança não pode ser garantida. Não completamente. Você deve retornar e trazê-la aqui.

— Ela está com muita raiva de mim.

— Por uma boa razão. Tive a sensação de que essa sua jogada falharia miseravelmente. Mas se você a quiser...

- Sim - Kamal interrompeu. Não importa que, se olhares fossem lâminas, aqueles olhares que Sarah lançou em sua direção o teriam perfurado várias vezes. Naquele momento, quando o urso se aproximou dela, ele percebeu o quão terrível seria perdê-la agora, quando ele estava tão perto de fazê-la sua para sempre. Na verdade, ele não poderia ter suportado.

— Agora, mais do que nunca, eu acho.

— Então você deve ir até ela. Faça o que for necessário para convencê-la de que está arrependida, de que esse 'disfarce' não foi para machucá-la.

— Sim, Zahrias.— Enquanto ele falava, uma idéia começou a se formar na mente de Kamal. Sim, Sarah estava brava - e magoada e traída - e, no entanto, ele pensou que poderia ter um jeito de alcançá-la, de provar que realmente se importava, e não queria nada além de fazê-la feliz.

Mas para fazê-lo realmente funcionar, ele teria que esperar até escurecer....

Os painéis solares, a conexão com a bomba de água - também havia sido uma mentira. O primeiro sinal de que algo estava errado foi quando Sarah foi ao banheiro jogar água no rosto. Ela esperava que isso a ajudasse a voltar a si mesma, permitindo que ela se concentrasse no que deveria fazer a seguir.

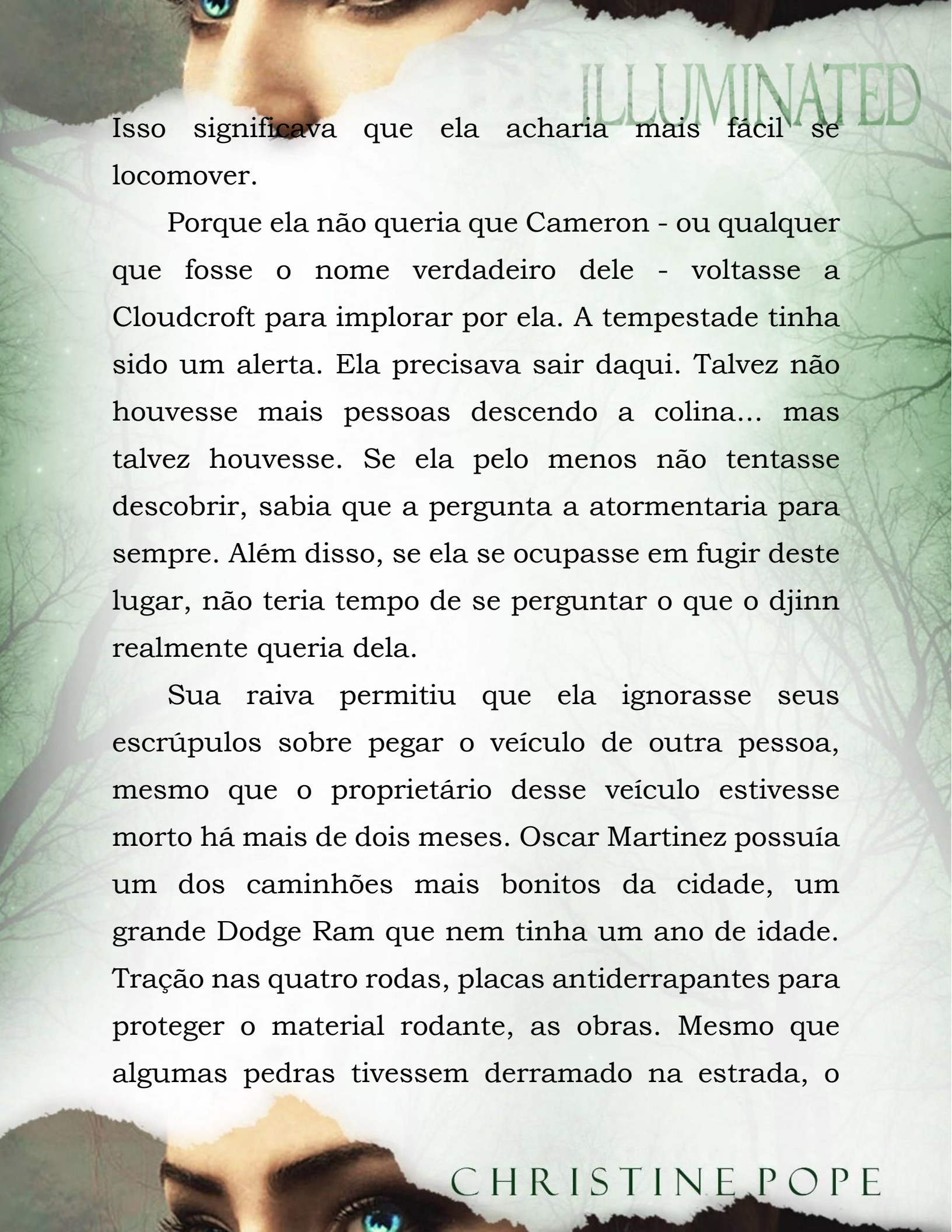
Só que, quando ela girou a maçaneta, nada saiu da torneira. Nem no banheiro, nem na cozinha, nem no banheiro público ao lado da loja de presentes.

Franzindo a testa, ela pegou suas botas sobressalentes, já que as que ela usara naquela manhã ainda estavam úmidas, e saiu para verificar os painéis solares. Talvez eles tivessem sido derrubados na tempestade, ou as conexões de alguma forma se soltaram.

Tudo parecia intacto à primeira vista - até que ela se aproximou, realmente olhou para os fios. Eles estavam presos aos painéis solares com fita isolante preta, mas não estavam conectados a nenhuma entrada ou derivação, tanto quanto ela sabia. Toda a organização parecia ter sido remendada para enganar o observador casual.

O observador casual sendo ela, é claro. Que outros poderes ele estava escondendo?

A raiva a atravessou, e ela voltou para o hotel, nem se importando com a lama que rastreava. Nesse ponto, o sol estava alto o suficiente no céu para começar a derreter a neve e grandes manchas de terra encharcada. apareceu. De certa forma, isso foi bom.



Isso significava que ela acharia mais fácil se locomover.

Porque ela não queria que Cameron - ou qualquer que fosse o nome verdadeiro dele - voltasse a Cloudcroft para implorar por ela. A tempestade tinha sido um alerta. Ela precisava sair daqui. Talvez não houvesse mais pessoas descendo a colina... mas talvez houvesse. Se ela pelo menos não tentasse descobrir, sabia que a pergunta a atormentaria para sempre. Além disso, se ela se ocupasse em fugir deste lugar, não teria tempo de se perguntar o que o djinn realmente queria dela.

Sua raiva permitiu que ela ignorasse seus escrúpulos sobre pegar o veículo de outra pessoa, mesmo que o proprietário desse veículo estivesse morto há mais de dois meses. Oscar Martinez possuía um dos caminhões mais bonitos da cidade, um grande Dodge Ram que nem tinha um ano de idade. Tração nas quatro rodas, placas antiderrapantes para proteger o material rodante, as obras. Mesmo que algumas pedras tivessem derramado na estrada, o

CHRISTINE POPE

que eles costumavam fazer com mau tempo, ela imaginou que o caminhão pudesse contorná-las. Ou sobre eles, conforme o caso.

Ela arrumou suas roupas, toda a comida e suprimentos que achava que precisaria, muitos dos quais conseguiu comprar na loja de camping da cidade. Parecia ainda mais roubo do que pegar o caminhão, mas, novamente, Eric, o dono da loja, não precisaria de nada disso. O mesmo vale para seus antigos clientes. Quando terminou, o crepúsculo já se aproximara de Cloudcroft. Tarde demais para começar a descer a colina, mesmo em um veículo tão capaz quanto este. Ela tinha que estacioná-lo no galpão do hotel e depois sair de manhã. Bem, mais uma noite aqui não a mataria. Ela poderia se despedir do lugar, despedir-se de Rebecca, o fantasma - se ela existisse - e começar de novo assim que o sol nascesse.

Também não se preocupa com ursos; ela tinha a pistola e o rifle no banco do passageiro ao lado dela. Uma precaução que ela não precisava,

aparentemente, já que não via nada maior que um corvo desde que partiu nessa pequena expedição. Se aquele urso tivesse sobrevivido ao ataque de Cameron, parecia ter fugido para as colinas.

Urso esperto.

Sarah seguiu pela estrada que levava à Loja, com vigas altas para mostrar o caminho. Pelo menos a neve não voltou. O céu lá em cima estava limpo, os primeiros estados aparecendo no céu já surpreendentemente brilhantes.

Então ela deu a volta na curva que dava para a entrada do hotel e pisou no freio.

Luzes de fadas brancas brilhavam nas árvores. Mais luzes brancas emolduravam todas as janelas e delineavam os beirais. Fazer acima, no topo da cúpula, onde ela usou para manter o relógio vazio, na esperança de que alguém pode finalmente aparecer e dizer que ela não estava sozinha no mundo, reluzia um brilhante estrela de cinco pontas.

O que no mundo...?

Com os dedos cerrados no volante, ela começou a se mover lentamente em direção ao prédio. Ao se aproximar, ela viu alguém parado nos degraus da frente.

Não, não apenas alguém. Cameron.

Ele parecia muito diferente. Foram-se os jeans, o capuz e a camiseta. Agora ele usava uma túnica longa e aberta, do que parecia seda, e calças e botas cheias. Uma pulseira grossa de prata brilhava em cada pulso.

Djinn roupas? Com certeza parecia assim.

Sarah estacionou o caminhão e desligou o motor. Com o coração batendo com força irracional no peito, ela saiu do táxi e fechou a porta atrás de si. Um passo em direção ao djinn, depois outro. Ela parou quando estava a um metro ou mais de distância, depois olhou para ele no hotel, agora brilhando em esplendor de férias.

— Seu trabalho?— ela perguntou, já que não sabia mais o que dizer.

— Sim,— ele respondeu. Um vento noturno atingiu a bainha de sua túnica, fazendo a seda

ondular e tremular. Com o sol se pondo, não estava muito frio, mas ele não parecia notar, mesmo com aquele peito e estômago distraidamente nus.

— Eu preciso falar com você.

— E se eu não quiser falar com você?

— Por favor.

A palavra foi dita simplesmente, mas mesmo com raiva, ela podia ouvir a necessidade, o pedido por trás dela. Enfim, ele estava bloqueando a porta. Ela não tinha certeza do que ele faria se tentasse contorná-lo, mas também não achava que realmente queria descobrir. Melhor deixá-lo dizer sua peça e depois partir. Se ele realmente queria dominá-la, não havia muito que ela pudesse fazer para detê-lo.

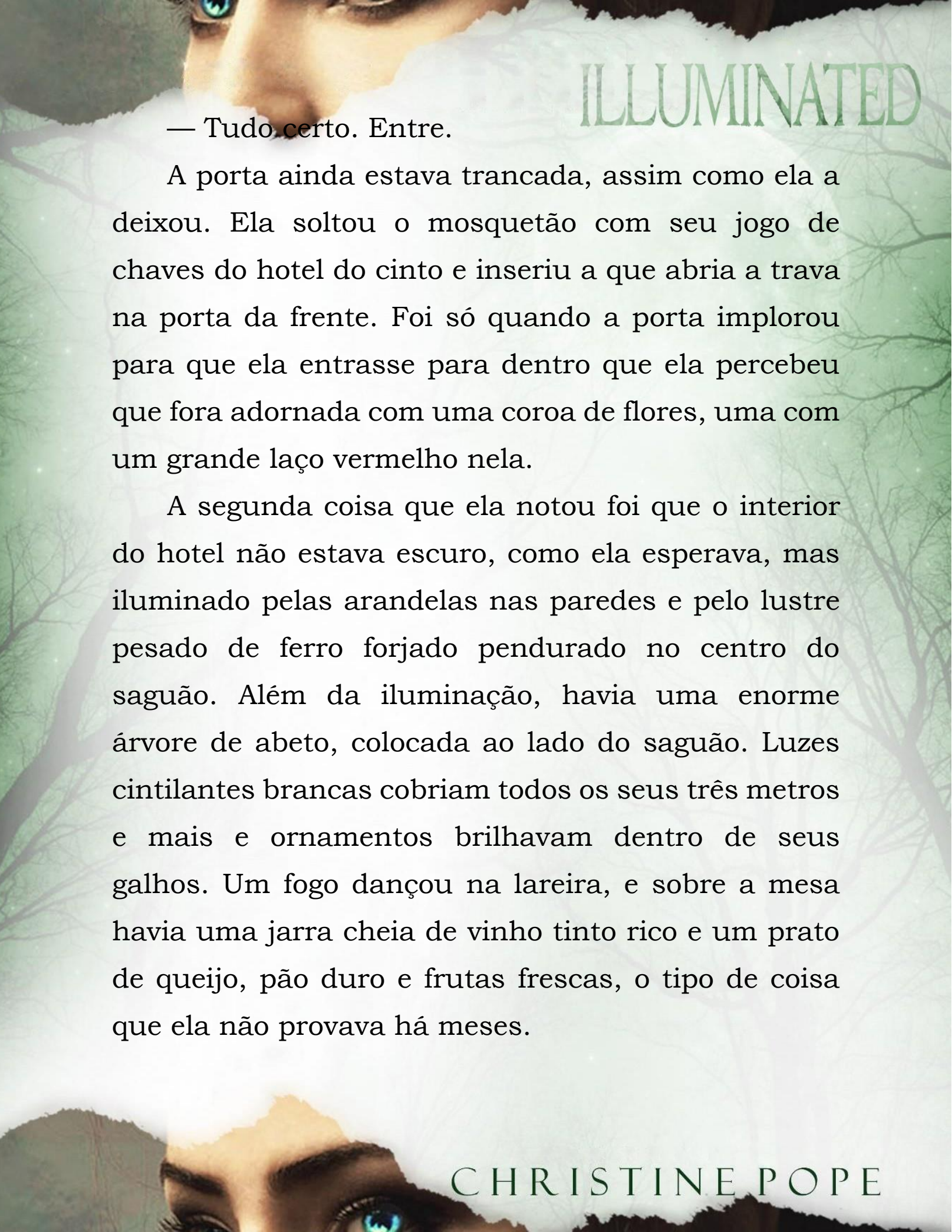
— Tudo bem,— ela disse de má vontade.

— Mas não pense que você vai mudar de ideia.

Ele inclinou a cabeça.

— Eu só quero conversar.

Ela encolheu os ombros, esperando que a aparente indiferença do gesto escondesse a tensão dentro dela.



— Tudo certo. Entre.

ILLUMINATED

A porta ainda estava trancada, assim como ela a deixou. Ela soltou o mosquetão com seu jogo de chaves do hotel do cinto e inseriu a que abria a trava na porta da frente. Foi só quando a porta implorou para que ela entrasse para dentro que ela percebeu que fora adornada com uma coroa de flores, uma com um grande laço vermelho nela.

A segunda coisa que ela notou foi que o interior do hotel não estava escuro, como ela esperava, mas iluminado pelas arandelas nas paredes e pelo lustre pesado de ferro forjado pendurado no centro do saguão. Além da iluminação, havia uma enorme árvore de abeto, colocada ao lado do saguão. Luzes cintilantes brancas cobriam todos os seus três metros e mais e ornamentos brilhavam dentro de seus galhos. Um fogo dançou na lareira, e sobre a mesa havia uma jarra cheia de vinho tinto rico e um prato de queijo, pão duro e frutas frescas, o tipo de coisa que ela não provava há meses.

CHRISTINE POPE

Ela voltou-se para Cameron, que havia fechado a porta atrás dele e ficou ali com uma expressão vigilante no rosto, como se a observasse para ver como reagiria ao aparecimento repentino de toda aquela alegria de Natal.

— Você fez isso?

Ele assentiu.

— Tudo isso? Só enquanto eu estava fora?

— Sim. Realmente não foi tanto trabalho.

Para um djinn, talvez. Sarah lembrou como foram necessárias cinco pessoas trabalhando três dias seguidos para decorar a loja no último feriado. O que, ele apenas teve que estalar os dedos para fazer tudo isso aparecer?

— Parece muito bonito,— ela permitiu, e algo em sua postura relaxou um pouco.

— Estou feliz que você gostou. Venha, você deve estar com fome. Vamos nos sentar e conversar.

E me deixe bêbada, então sou sugestionável e perdoadora, ela pensou. *Desculpe, não está acontecendo.* Mesmo assim, ela sabia que queria

ouvir o que ele tinha a dizer, queria ouvir suas explicações. Talvez então ela tivesse algumas respostas para as perguntas que a atormentavam o dia inteiro.

— Tudo bem,— disse ela.

Os dois se sentaram nos sofás. Sarah ficou aliviada ao ver que o djinn não tentou se sentar ao lado dela e, em vez disso, pegou o sofá do outro lado da mesa de café. Ele derramou um pouco de vinho em um par de copos, depois estendeu a mão sobre a mesa para entregar um a ela.

— Obrigado por me deixar falar com você.

— Você não vai mudar de ideia.

— Possivelmente.

Ele parecia tão seguro de si. E, ela foi forçada a admitir para si mesma, bastante espetacular. Algo sobre sua aparência sombria e exótica só foi aprimorada por essa roupa que ele usava. Olhando para ele agora, ela se perguntou como poderia ter pensado que ele era apenas um cara normal.

— Qual o seu nome?— ela perguntou abruptamente. — Seu nome verdadeiro, quero dizer. Não é o que você me entregou.

— Eu sou Kamal,— ele respondeu. Kamal al-Sayid.

— Então... você é da Arábia Saudita ou algo assim?

— Não. Os nomes djinns soam como os nomes dados daquela parte do mundo, mas garanto que meu povo morou lá muito antes de haver uma Arábia Saudita ou qualquer outra nação da região.

Realmente não havia nada de reconfortante nisso, mas Sarah ficou estranhamente aliviada ao ouvir seu nome verdadeiro. Kamal. Combinava com ele.

— Então, o que um djinn está fazendo rondando Cloudcroft, Novo México?

— Estar com você, é claro.

— Eu?— Ela levantou uma sobrancelha.

— Eu deveria estar lisonjeada por um ser sobrenatural querer entrar em minhas calças?

Ele não parecia ofendido com a observação. Em vez disso, ele sorriu um pouco, como se lembrando exatamente como tinha sido entrar naquelas calças. — Você não entende. Eu escolhi você para ser minha parceira.

— Me escolheu? Por quê? Você se cansou de mulheres djinn ou algo assim?

— *Se há mulheres djinn*, ela acrescentou mentalmente. *Não tenho ideia de como isso deve funcionar.*

— Não. Ou seja, se estou cansado deles não tem nada a ver com o motivo de ter escolhido você. Eu sabia que você seria um daqueles que sobreviveriam aos moribundos e também sabia que queria que você fosse a pessoa que viria compartilhar minha vida.

Sobreviver aos moribundos... Os olhos dela se estreitaram.

— Você quer dizer que *sabia que* isso ia acontecer? O fim do mundo?

— O fim do *seu* mundo,— ele a corrigiu, embora seu tom fosse gentil e os olhos escuros que a prendiam preocupados, quase gentis.

— Os djinn criaram o Calor para que pudessem recuperar o mundo. Porque eles criaram a doença, eles também sabiam quem sobreviveria.

Oh Deus. Sarah nem percebeu que tinha se levantado até se encontrar em pé, com o corpo inteiro tenso de fúria.

— *Você* fez isso? Você matou todo mundo?

— Não, *eu* não fiz. Há um pequeno grupo de nós que discordou, que achou que a criação do Calor era uma abominação. Infelizmente, não havia o suficiente para impedir isso. Tudo o que podíamos fazer era garantir que os mortais que selecionamos como nossos parceiros estariam seguros. Por isso escolhi você, Sarah. Eu tinha que me certificar de que nenhum mal jamais chegaria a você.

A sala parecia estar girando ao seu redor, as luzes da árvore de Natal girando como uma espécie de carrossel louco e fora de controle. Ela começou a

erguer a mão na testa, esperando que a pressão ajudasse a impedir essa repentina onda de vertigem. Kamal imediatamente estava ao seu lado. As mãos dele alcançaram as dela, segurando-as com força, dando-lhe um centro para se concentrar.

Não... ela não podia deixá-lo tocá-la. Ele era mau. Ou... ele estava? Ele disse que queria salvá-la, protegê-la.

Ela não entendeu nada disso.

— Eu sei que é muita coisa para absorver,— ele murmurou, ainda agarrando seus dedos.

— E você tem todo o direito de ficar com raiva. Também estou zangado com o que meu povo fez. Por favor, saiba que nem todos nós somos assim. Verdadeiramente, não estamos.

Ela piscou e se obrigou a olhá-lo. Seus olhos escuros eram sinceros, suplicando que ela entendesse, acreditasse nele. Como ela pôde, no entanto? Ele já havia mentido para ela.

— Por que você não me contou desde o começo?—
ela perguntou finalmente, sua voz apenas por um
sussurro áspero.

— Qual é o sentido de todas essas mentiras?

— Ah, Sarah.— Ele a puxou para ele e, por algum
motivo, ela não resistiu. Chame-a de louca, mas era
bom ter aqueles braços fortes ao seu redor e abraçá-
la, quase como se ela devesse estar lá ao lado dele.

— Essa foi a minha própria tolice. Eu tinha
escolhido você, mas queria conhecê-lo melhor. Queria
que você me tratasse como seu próprio tipo, e não
como um djinn. Eu pensei... pensei que se você
pudesse amar Cameron, que não era ninguém
terrivelmente especial, também amaria Kamal,
perceberia que éramos um e o mesmo, pelo menos no
coração. Sei agora que cometi um erro terrível. Foi
errado da minha parte te enganar. Tudo o que posso
fazer agora é pedir seu perdão.

Como ela poderia perdoá-lo? Ele mentiu várias
vezes... e mesmo que ele alegasse ser inocente, ele
havia acabado de admitir como seu povo criou a praga

que destruiu o mundo, a terrível doença que matou seu pai e todos os outros que ela conhecia.

— Você não merece isso,— ela sussurrou.

Sua mandíbula se apertou, mas para sua surpresa, ele apenas assentiu.

— Você está certa. Não mereço que você me perdoe. Só espero que você seja gentil o suficiente, gentil o suficiente... nobre o suficiente... para me dar o que eu não mereço.

Tipo... graciosa... nobre... ela era digna de algum desses adjetivos? Ela não sabia. Ninguém nunca a havia chamado antes, assim como ninguém havia falado com ela assim antes. Tão sério, tão perturbado, tão apaixonado.

Mas....

Quando ela olhou bem fundo, ela entendeu que não podia odiar Kamal. Ele havia admitido seu erro. Ela conhecia pessoas que jamais admitiriam que tinham estragado tudo. Até o próprio pai nunca reconheceria que teria sido melhor para os dois se eles tivessem deixado Cloudcroft, em vez de ficar aqui

e ficar com as lembranças de alguém que os abandonara anos antes.

Mas Kamal fez essa admissão. Ele ficou lá e confessou seu erro. Isso tinha que contar para alguma coisa, não é?

Quanto ao resto... ela nem sabia o que pensar sobre isso. Certamente ele não poderia concordar com o que o outro djinn tinha feito, ou ele não estaria aqui com ela agora. Ele teria procurado a morte dela desde o momento em que a viu.

— Quantos djinn pensam como você?— ela perguntou finalmente.

Ele soltou um suspiro, como se aliviado por ela ter deixado de lado sua raiva o suficiente para fazer a pergunta.

— Somos chamados de mil, porque esse é o nosso número. Há cerca de cinquenta de nós em Taos agora, com nossos parceiros humanos.

Mil djinn, de quantos? Isso importava? O que importava era, pelo menos, milhares desses seres que acreditavam que os humanos valiam a pena salvar,

que haviam desafiado o que a maioria queria. Mil djinn significavam mil humanos salvos.

Havia tantas outras coisas que ela queria saber, mas supôs que viria a aprender mais nos próximos dias, semanas e meses. Mais sobre quem realmente eram esses djinn, quais seriam seus poderes. Ela teve um vislumbre desses poderes em Kamal, na maneira como ele a protegera do urso, e como ele foi capaz de lhe dar água quente corrente aqui no hotel. Bem, isso foi alguma coisa. Sarah tinha a sensação de que não sentiria falta de confortos em sua nova casa.

— E é aí que você quer me levar? Até Taos?

— Sim.— Os braços dele se apertaram ao redor dela, e ela o sentiu dar um beijo no topo de sua cabeça.

— É o único lugar que eu posso te levar. Isso faz parte do acordo - que nós, dos Mil, vivamos em nossas próprias comunidades com nossos Escolhidos, longe do resto dos djinn.

Taos. Ela nunca esteve lá. Uma cidade turística ao norte, em um vale alto rodeado de montanhas. Seria uma nova aventura. Um de muitos, ela supôs.

Bem, ela *tinha* tentado sair de Cloudcroft....

Muito gentilmente, ela apertou os lábios na pele nua do peito dele, depois se afastou. Ela é nova, já tomou sua decisão.

— Tudo certo. Ou seja, acho que te perdoo. Talvez eu seja louca, mas...

Ela nunca teve a chance de terminar, pois Kamal se inclinou para beijá-la, sua boca quente, insistente. Uma onda de desejo passou por ela, chocante, repentina. Obviado, seu corpo estava pronto para perdoá-lo também.

Quando o beijo terminou, ela pegou o brilho travesso dos olhos de Kamal e olhou para cima. Pendurado no centro do lustre, havia um grande ramo de visco, amarrado com fita vermelha.

— Você pensa em tudo, não é?

— Eu tento,— ele respondeu.

— E ainda teremos nosso Natal aqui, antes que eu te leve para Taos. Você gostaria disso?

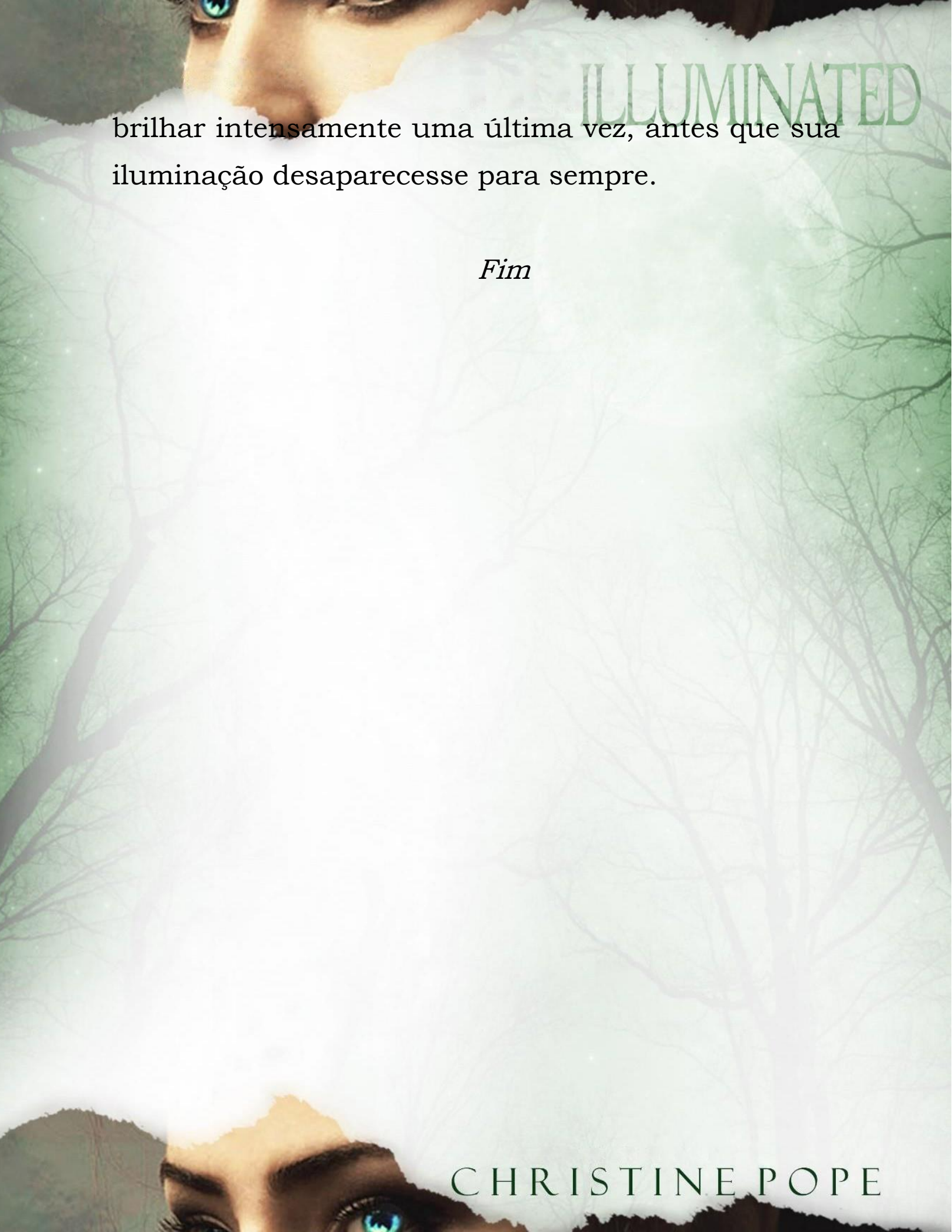
Ela assentiu.

— Eu gostaria. Eu acho que ajudaria - ter a chance de realmente dizer adeus a tudo.

— Então você terá sua chance. E começaremos o novo ano em nossa nova casa.

Os braços dele a envolveram novamente, e ela levantou a boca para receber seu beijo. Ele a levou para o sofá e lhe entregou uma taça de vinho. Brindaram um ao outro, partiram o pão e relaxaram na companhia um do outro, enquanto as luzes brancas brilhavam na árvore de Natal que ele trouxera para ela, e o retrato de Rebecca sorria para eles do vestíbulo, um pouco triste, como se ela sabia que logo seria a única que restara aqui, uma cidade fantasma sem um verdadeiro fantasma.

Mas seria um novo começo para Sarah e Kamal, e talvez para o mundo. Uma maneira de ela seguir em frente, com os djinn que a amavam ao seu lado. Enquanto isso, o passado que ela se lembrava poderia



ILLUMINATED

brilhar intensamente uma última vez, antes que sua
iluminação desaparecesse para sempre.

Fim

CHRISTINE POPE